# REVISTA DA SEMANA

Nº 35 ★ 2-9-50 CR$ 3,00 EM TODO O BRASIL



NO TEXTO: **DEFENDE-SE O "HOMEM DOS PEDALINHOS"**

# SE ESGOTAR, nem com luvas!



ADQUIRA O QUANTO ANTES O

## ALBUM DE A CENA DE 1950!

Uma edição primorosamente de luxo, com muitas fotografias em tamanho grande, a côres e numa só côr, contendo os mais famosos artistas da atualidade no

**Cinema, Rádio, Teatro e Música**

E MAIS:

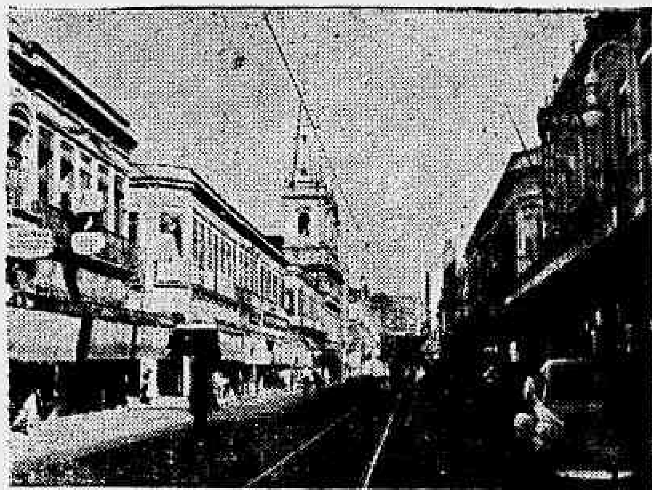
★ Fichário completo dos artistas.
★ Biografias e curiosidades a respeito dos mesmos.
★ Artigos especiais escritos por Salvyano Cavalcanti de Paiva, Alex Viany, Alberto Conrado e Leon Eliachar.

PREÇO: CR$. 25,00

**Pedidos pelo Reembôlso Postal, mediante vale do Correio, à CIA. EDITÔRA AMERICANA, Rua Visconde de Maranguape, 15 Rio de Janeiro**

A' VENDA EM TODAS AS BANCAS DE JORNAIS DO RIO E DOS ESTADOS

# RIO-ÊSSE QUASE DESCONHECIDO



*SEMPRE que alguém confunde o Rio com Buenos Aires, nos sentimos terrìvelmente ofendidos. E' como se a mais deprimente humilhação nos fôsse imposta e corresse por nossa conta a culpa da ignorância dos outros. Consideramos, então, criatura inferior, da mais crassa nulidade, ao pobre-diabo de terras distantes que não sabe onde fica a nossa cidade. E nos habituamos a sorrir com indisfarçável superioridade, embora roídos de constrangimento, quando chegamos ao estrangeiro e alguém nos pergunta se aqui realmente as cobras andam mordiscando o cangote das "pin-up-girls" que bordejam pela Avenida Atlântica. Ora, se bem pensarmos, não há por que nos ofendermos assim tanto com o desconhecimento do Brasil, e particularmente do Rio, nos outros povos, quando nós próprios ainda nos desconhecemos de Estado para Estado, de irmãos para irmãos, e quando ninguém, nas outras terras, está na obrigação de aprender minuciosamente quem somos nem onde vivemos. Mesmo porque tudo é relativo: se não há cobras na Avenida Atlântica, também, ainda não temos subway. E aquêle desportista europeu que declarou ter visto jacarés a poucos minutos de um hotel de Copacabana, não andou muito longe da verdade, ou talvez nem tenha mentido. Quem tomar um carro veloz no pôsto quatro, em menos de vinte minutos irá pescar filhotes de jacaré nos arredores da metrópole, em sítio cujo nome não pode ser mais apropriado: ali mesmo em Jacarépaguá.*

★

*Nós mesmos, que aqui nascemos e vivemos, quantas vêzes incorremos na culpa tão levianamente atribuída aos de fora! O cavalheiro residente na zona sul, que não tiver automóvel nem tempo para dar um giro periódico pela zona norte, acaba ignorando o Rio à medida que êle cresce. De tal modo êsse crescimento se faz que na primeira oportunidade, quando o morador da praia se vir na contingência de ir aos subúrbios, ficará boquiaberto: O Méier é maior do que muitas cidades do interior, porque o Méier, por si mesmo, representa uma cidade.*

*Jogam-se casas abaixo, traçam-se novas ruas, rasgam-se avenidas, erguem-se arranha-céus onde outrora nos acostumamos a ver um panorama colonial, e se não andarmos em dia com os saltos para a frente e para cima desta "mui leal e heróica cidade" que já foi de São Sebastião, acabamos perdidos dentro dela, como se estivéssemos em outra cujo asfalto pisássemos pela primeira vez. Impõe a rotina, ao homem que trabalha, um itinerário certo e obrigatório duas vêzes por dia, doze vêzes por semana, e dêle não pode fugir porque somos todos escravos das tarefas em cima de cada hora. O cidadão que trabalha na Avenida Nilo Peçanha e mora nas Laranjeiras, pode ser um caso perdido, um forasteiro como os que vêm de Ouro-Prêto ou Pindamonhangaba, quando tiver de ir a Vila Isabel ou à Tijuca. Não raro, desconhece até a fisionomia das ruas transversais àquela em que trabalha.*

*Sei de um escriturário do Banco do Brasil que um dia, encerrado o expediente mais cedo, lembrou de se meter pela rua Buenos Aires, só para ver até onde ia dar. E descobriu então um novo Rio, para êle tão inédito como se estivesse dando um giro pelos arredores de Paris ou Nova York. Outro, êsse viajado, com duas vêzes por ano à Europa e aos Estados Unidos, a serviço da companhia em que trabalha, não soube informar ao amigo, recém-chegado de São Paulo, onde ficava a rua General Caldwell. Sempre ouvira falar nela, mas nunca tivera necessidade de situá-la. Entretanto, pode dizer com pormenores como se vai ao aeroporto de Orly à Praça do Pigalle, ou em que quarteirão da Broadway fica a rua 42. E nasceu aqui mesmo no Rio, mas em Botafogo...*

★

*Carioca do coração da cidade, de uma das ruas condenadas pelo advento da Avenida Presidente Vargas, eu mesmo, de quando em quando, preciso tirar-me dos meus cuidados e ir rever os meus pagos. Não ficam tão longe assim: são encontrados naquele perímetro que vai da Praça da República ao Largo de São Francisco. Uma tranquila viagem de bonde, percorrendo a antiga rua Marechal Floriano que perdeu o cartaz com a abertura da paralela mais nova, e dobrando na Avenida Passos, deixa-me na esquina da rua Senhor dos Passos, para um mundo de recordações. Sempre que faço a curta viagem da saudade, revendo casas velhas da infância, tão perto dos olhos mas tão longe na ordem das emoções, é como se desembarcasse em terras novas, numa dessas jornadas para onde os deveres da profissão impelem o repórter cuja condição de vagabundo do mundo às vêzes lisonjeia, outras aborrece. Não sei se acontece o mesmo com os outros. Mas, invariàvelmente, de volta de uma dessas viagens mais longas, procuro matar as saudades e rever, sem demora e sòzinho, o pedaço de cidade pobre, humilde, mas tão gostosa, em que nasci e passei, senão os melhores anos da minha vida, os mais despreocupados. E' como se voltasse do estrangeiro para a pátria. E o "estrangeiro" não vem a ser mais que êste roteiro obrigatório de todo dia, que me faz ir de uma redação para uma estação de rádio, daí para casa, pelas mesmas ruas, as mesmas avenidas de sempre, dando com os mesmos estabelecimentos, as caras que nos habituamos a rever na esquina, no restaurante, no auto-lotação, no café, no teatro:*

*— Engraçado! Não via êsse sujeito há uma semana... Ou há um ano...*

*E nos lembramos: — Também ainda vive...*

*Sim, "também".*

*Por tudo isso, carecem as razões para recriminar o estrangeiro ignorante das coisas brasileiras. Porque o Brasil, quanto mais se percorre, menos o conhecemos ou mais nos convencemos de faltar ainda muito, muitíssimo.*

*Mas quanto ao Rio, usemos de franqueza: está crescendo demais. Demasiadamente depressa. Crescendo e mudando de fisionomia, como os garotos que mudam de voz. Com uma variante: a fisionomia da cidade, quanto mais vivida, mais juvenil. A nossa dá para envelhecer. Damos a própria existência pela mocidade do Rio.*

*Diabo, por que não nascemos cidade!*

CELESTINO SILVEIRA



REVISTA DA SEMANA

ANO LI ★ Nº 35 ★ 2-9-50

Redator-Chefe:
CELESTINO SILVEIRA

Chefe de Publicidade:
J. M. COSTA JUNIOR

Paginação de
VICTOR TAPAJÓS

PUBLICAÇÃO DE ARTE,
LITERATURA E MODAS

A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de São Paulo, em 1933

ASSINATURAS PARA O BRASIL
E AMÉRICAS

| | |
|---|---|
| Porte simples — Um ano .. | Cr$ 140,00 |
| Seis meses ................ | Cr$ 70,00 |
| Registrada — Um ano ... | Cr$ 170,00 |
| Seis meses ................ | Cr$ 85,00 |

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

| | |
|---|---|
| Registrada — Um ano .... | Cr$ 270,00 |
| Seis meses ................ | Cr$ 140,00 |

O número avulso custa Cr$ 3,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr$ 3,50

Correspondentes — Na Bahia: J. Machado Cunha, avenida Sete de Setembro, 149, Cidade do Salvador, Bahia. Em São Paulo: vendas na Capital a cargo da «Agência Zambardino», à rua Capitão Salomão, 67, tel. 4-1569; Publicidade a cargo de Jarbas Galvão, rua da Conceição nº 58, 1º andar, sala 101, telefone 6-6718

TEM AGENTES EM TÔDAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL

Representantes — Nos Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonça, 19 West Street, New York City, N. Y. Na África Oriental Portuguêsa: D. Spanos, Caixa Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratorio & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: «Interprensa», Florida 299, tel. 32, avenida 9109, Buenos Aires

Tôda correspondência deve ser endereçada ao diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicamos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores

Este número consta de 60 páginas

Propriedade da COMPANHIA EDITORA AMERICANA

Rua Visconde de Maranguape, 15
Rio de Janeiro

Diretor-Presidente:
GRATULIANO BRITO

Diretor-Secretário:
R. PEIXOTO DE ALENCAR

TELEFONES — Redação: 22-4447; Publicidade: 22-9570; Gerência: 22-8647; Contabilidade: 22-2550; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602

# A SEMANA EM REVISTA

## PROBLEMAS DO TRÂNSITO

**Faz poucos dias, às 14 horas, quando não há nenhum motivo para engarrafamentos de veículos na rua do Passeio, ficou essa artéria da Cinelândia literalmente entupida de veículos. O motivo era de somenos importância: um carro de praça raspara o paralama de um outro carro particular, mais ou menos em frente à "Mesbla". Os dois motoristas discutiram. Juntou gente. Fêz-se grande aglomeração. Como do lado oposto há vários estacionamentos e paradas de ônibus, a garganta que resultou do acidente sem nenhuma importância ficou pior do que funil entupido: não passou mais nenhum veículo. Buzinas, protestos, irritações, e os dois motoristas a discutir acaloradamente. Como não apareceu nenhum guarda do tráfego, ali mesmo acertaram as contas, tendo o "chauffeur" do taxi pago Cr$ 200,00 como indenização ao dano que seu carro causara ao outro. Durante cêrca de 45 minutos ficou a rua do Passeio engarrafada, imitando a famosa rua da Passagem lá em Botafogo, via pública que não merece, de jeito nenhum, êsse nome. Do largo da Lapa à rua Senador Dantas, algumas centenas de autoveis, lotações, ônibus, taxis, caminhões, entupiam tudo. O problema do trânsito no Rio é angustiante, e, dia a dia, vai ficando pior. Aumenta consideravelmente o número de veículos, enquanto as ruas se conservam estreitas, curvas, sem guardas do tráfego para orientar tudo isso e evitar entupimentos absurdos. E quem trabalhar nas imediações que se agüente. O barulho das buzinas em fúria é de matar de raiva...**

## SOZINHO OU ACOMPANHADO?

Os continuados assaltos a motoristas de praça levaram os interessados na garantia de suas próprias vidas e bens, a reunirem-se em seu sindicato de classe para debater o assunto. Surgiu então esta proposta: permitir a autoridade respectiva um aumento na **bandeirada** a fim de que, de certa hora da noite em diante, os motoristas tivessem ao seu lado um acompanhante, isto é, uma espécie de guarda-costas... Como não podia deixar de ser, foi imediatamente ouvido o atual diretor do trânsito, major Geraldo Côrtes. Foi-lhe exposto o ponto de vista dos nossos "chauffeurs". Torna-se urgente uma providência para proteger a vida dêsses trabalhadores, cujas famílias vivem sobressaltadas sempre que os mesmos demoram a voltar a suas casas após o trabalho. A solução do caso, mesmo com o aumento pretendido, não se torna aceitável, pois, seria a confissão tácita do próprio poder público de não poder garanir uma coisa tão banal na vida da sociedade organizada: o direito de viver dos seus componentes. Além disso, novo aumento no preço dos taxis seria antipático, sabendo-se que já paga o público uma tabela bastante elevada. Seria o cúmulo que, para o "chauffeur" poder trabalhar no volante de seu carro sem temor de assaltos de criminosos, essa proteção fôsse direta e objetivamente paga pelo povo, mantendo ajudantes em cada carro de praça. Trata-se de caso nitidamente policial. Que o major Côrtes se alie ao poder publico e reforce o policiamento da capital, restaurando-se plantões de polícia noturna como já houve outrora.

## SAFRA DE SUICÍDIOS

A semana que se foi nos trouxe um saldo muito deplorável: o do maior número de suicídios e tentativas para isso. E coisa digna de registro: a maioria era de gente do sexo feminino e o processo de auto-extermínio, o fogo. Na sua grande maioria os suicídios e tentativas entre as mulheres jovens são devidos a amores contrariados. Muito se morre nesta terra em face de um amor que não corresponde aos sonhos de jovens para quem o mundo parecia um paraíso. Durante o noivado ou depois do casamento, não suportam as contrariedades da vida e recorrem a venenos e às chamas. Socorridos a tempo, muitas se salvam; se a vida prossegue infeliz, tornam a tentar a morte pelas próprias mãos. As crônicas policiais apresentam a êsse respeito estatísticas positivamente alarmantes. Mocinhas que vão a hospitais ou ao Pronto Socorro por duas, três, quatro vêzes, vitimadas por si mesmas, desejosas de encurtar os seus dias de vida. E por que? O amor... Os casos de amores mórbidos crescem de maneira alarmante no Rio. Não seria de todo inútil que a imprensa, o rádio, a escola, o cinema, o teatro se unissem numa campanha de estoicismos para dar mais energia vital a uma enorme população desta terra que se elimina com a maior facilidade. Jovens de ambos os sexos são vistos aí pelos bancos dos jardins, em viagens de bondes, em sessões de cinema, agarradinhos em colóquios amorosos, fazendo juras de amor em castelos oníricos. Muitos vão ao altar e ao pretório. Logo depois, as notícias nos jornais: tragédia num lar...

## OS LIVROS DE OURO

**Sempre que o país se vê agitado pelas competições políticas de âmbito nacional, travando-se nas ruas, na imprensa, no rádio, batalhas verbais de propaganda de vários candidatos e ataques a outros, surgem aqui e ali alguns espertalhões que organizam programas para enganar os mais crédulos. O processo continua o mesmo: os "livros de ouro". Os malandros ensaiam uma parolagem convincente, vestem-se com apurado gôsto eleitoral e sáem a campo. Como não podia deixar de ser, escolhem suas vítimas entre os comerciantes mais endinheirados e de bom coração. Vão a seus estabelecimentos e expõem o assunto. Quase sempre se reunem em luzidia comissão em favor da candidatura do doutor X, do coronel P, do engenheiro T, do caridoso médico O. No fundo organizaram uma campanha eleitoral em prol de XPTO, isto é, deles mesmos, os malandrões. O "Livro de Ouro" é muito bem encadernado, luxuosamente acondicionado e suas páginas são de papel finíssimo. Dá gôsto ver. Conseguida uma assinatura de "bandeira", o resto é fácil. O comendador fulano já subscreveu cinco mil cruzeiros. Ali está a assinatura do homem que iniciou a contribuição para a vitória do candidato que será uma garantia para a liberdade e o futuro do país. Para evitar que os "livros de ouro" continuem a servir de motivo à malandragem, o Ministério do Trabalho divulgou uma nota na imprensa do Rio, chamando a atenção de comerciantes, industriais, empregadores em geral, para êsse processo de enganar o público. E não se esqueçam de chamar a R. P.!**

## A PERSONAGEM DA SEMANA

JÁ se tem falado muito acêrca do famoso relatório "Gillette", um senador norte-americano que procurou colocar a economia de quatorze países sul-americanos, com base na exportação do café, sob a intervenção dos importadores daquele país. O assunto empolgou os países cafeicultores dêste hemisfério, culminando com um protesto coletivo de tôdas as nações atingidas pela posição do citado legislador. Segundo referem as estatísticas, depois da campanha contra o nosso café nos Estados Unidos, teve o nosso país um prejuízo avaliado em dois bilhões de cruzeiros, seguindo-se, proporcionalmente idênticos "deficits", nos demais países atingidos pela guerra comercial desencadeada pelo sr. Guy Gillette. Depois que as repúblicas sul-americanas fizeram ressoar os protestos, o Departamento de Estado da América do Norte resolveu estudar o assunto, tendo mesmo estado aqui o sr. Miller, procurando-se de govêrno a govêrno apagar a má impressão que lavrara em todos os centros comerciais do Brasil. Então elaboraram um novo relatório, desta vez escoimado de certos termos um tanto fortes contra os países exportadores de café, de maneira que se dissipassem mal-entendidos e ressentimentos. Infelizmente, porém, segundo publicam vespertinos da semana finda, foi aceita por unanimidade a nova versão Gillette pela Comissão de Agricultura dos Estados Unidos, aprovando-se um documento oficial do govêrno norte-americano que contém injustiças ao nosso país. A impressão de desassossêgo foi tal nos Estados Unidos, que o próprio secretário de Estado, sr. Dean Acheson, veio a público e declarou que a nova versão, além de redigida em linguagem hostil, encerra recomendação descabida. Em face dêsse novo e desagradável aspecto de um assunto que não devia repisar terreno já mutuamente condenado, o nosso embaixador em Washington, dr. Maurício Nabuco, assumindo uma atitude enérgica na defesa dos interêsses brasileiros, condenou o novo relatório Gillette como injusto para com o Brasil e capaz de turbar as relações entre os dois países. A voz do nosso embaixador é a própria voz do Brasil, ferido na sua autonomia e na sua lealdade.

EMBAIXADOR MAURÍCIO NABUCO



**"UMA FAMÍLIA DE ASSASSINOS"** — DISSE, RINDO, HERBERTS CUKURS AO BATER-SE A CHAPA — "AQUI ESTÃO OS CRIMINOSOS PERSEGUIDOS PELOS ISRAELITAS ..."

# DEFENDE-SE O "HOMEM DOS PEDALINHOS"

ÀS MARGENS DA LAGOA RODRIGO DE FREITAS VIVE O "CRIMINOSO N.º 17" DA LISTA DO COMITÊ JUDAICO ★ NÃO HAVERÁ MESMO PENA PARA HERBERT CUKURS? ★ MIRIAM KAITZNER, A JUDIA AGREGADA À FAMÍLIA, PARECE CONSTITUIR-SE NO MAIS FORTE DEPOIMENTO FORMADO CONTRA O LETÃO ACUSADO ★ PLEITEIAM ELEMENTOS ISRAELITAS, JUNTO AO COMITÊ DE INVESTIGAÇÕES, A EXTRADIÇÃO DE CUKURS ★ O LIVRO DE MAX KAUFMAN — BASE DA DEFESA E DAS ACUSAÇÕES

Reportagem de **CARLOS TENÓRIO**

MUITA calma e meditação, estudo e confronto são os quésitos primeiros, e, principais para o caso Herbert Cukurs.

E' acusado, êsse letão, de Genocídio, colaboração nazista, asilo e enriquecimento em nosso país (que combateu essa horrenda — como qualquer outra fórma de extremismo).

O mais exato, na disposição das declarações colhidas, seria a acusação da Federação Israelita seguida da defesa de Herbert Cukurs. São os dogmas por via de regra seguidos: acusação e defesa. Contrariaria, no entanto, a disposição das entrevistas. Cukurs e Federação foi a órdem involuntária seguida.

**Que êle reside e explora um comércio de pedalinhos na Lagôa Rodrigo de Freitas, disso o**

Fardado de capitão aviador, no "fron" russo, quando chegou a ordem do presidente letão de cessar fogo contra os soviéticos, Cukurs não pôde conter um grito de revolta

## DEFENDE-SE O HOMEM . . .

público já tem conhecimento. Que nasceu na Letonia em desessete de maio de mil e novecentos e foi capitão aviador, construtor de aviões e lutou pelos nazistas; isto também já se sabe. E que o caso teve efervescência, diante de uma passeata e depredação partida de jóvens judeus, que a polícia já apura a culpa e tem provas testemunhais com dizeres acintósos à justiça nacional... Isto... já caduca, de tão conhecido.

Quando chegamos à casa de Cukurs, às onze e trinta, saia um rapazinho forte, de vasta cabeleira loura, tipo tarsã americano (porque o tarzã americano da "África é geralmente louro) de uma asmática motocicleta. Cukurs, já nos esperava. Aproximou-se. E' um homem já grisalho, alto e bem forte, de fisionomia calma, falando baixo em contraste com as órdens em alemão que dá aos filhos. Não sabemos o que derivar disto. A pequena varanda cheia de latarias e ferramentas. Uma sala de visitas com poltronas fôfas e uma almofada com uma tira de pano rubro-negro (será Flamengo?) com seu nome inscrito e algumas palavras em alemão que não traduzimos pela completa ignorância da lingua.

Das primeiras fráses trocadas podia-se crêr do insucesso da entrevista. Convenceu-se, entretanto, de nossa honesta intenção. Está sentido com o procedimento da imprensa.

— Eu nunca disse que era anti-semita. Declarei ao repórter que me procurou, justamente o contrário. Nada tenho de rancoroso aos judeus. Max Kaufmann, em seu livro, diz que a Letonia não conhecia anti-semitismo.

— Que livro é êsse de Max Kaufmann? O senhor o tem aí?

— E' um dos meus documentos de defesa. Max Kaufmann é um judeu que publicou um livro, Die Vernichtung; der Juden Letlands (Como fôram eliminados os judeus na Letonia), em 1947. Nêsse livro eu sòmente sou citado uma vez. E' à página noventa e nove (que transcrevemos com a devida tradução, particularmente feita, sem a influência de Cukurs).

Durante o extermínio dos judeus na Letonia, seguidamente surgiam membros da S. A. em seus uniformes marrons (pardos) e, entre êles, Almeyer e Jäger. De um carro saltou o assassino letão Cukurs, envergando um casaco de couro tendo ao lado uma grande pistola (Nagan). Dirigiu-se à guarda letã, dando-lhe diversas órdens. Com certeza estava informado com exatidão sôbre a grande desgraça que nos esperava.

— Note o senho: Êle diz com certeza. Mas é errado que eu haja pertencido à S. A. Eu fui do exército e lutei pela libertação da minha pátria na fronteira russa, contra os russos. Era militar e, como sabem, o soldado é apolítico, não pode se meter em partidos políticos. Que eu estivesse armado, é natural. Estavamos em guerra e eu como oficial, tinha que andar armado. Se êste Max Kaufmann me reconheceu quando saltei do carro, é explicável. Não que eu fôsse conhecido por atrocidades e assassinio, mas porque como grande aviador de minha pátria eu me constituia quase um ídolo nacional. Por isso muita gente me conhecia, de quem eu nem sabia da existência.

— Mas o senhor é acusado como um dos chefes da Ghetto de Riga.

— Essa acusação, como também a de ter sido eu do estado maior de Perkonkrust (que quér dizer "fogo cruzado") é inveridica, pois, como disse, o militar é apolítico, nem em meu país, pode ser presidente da república! O nosso presidente lutou na grande guerra como soldado e, visando-lhe a grande bravura, recebeu em honra o pôsto de cabo. Tenho para isso a prova de um livro de outro judeu que citando o nome de todos os chefes de campos de concentração, meu nome não inclue. Eiropas Krustcelos de Gustavs Celmins.

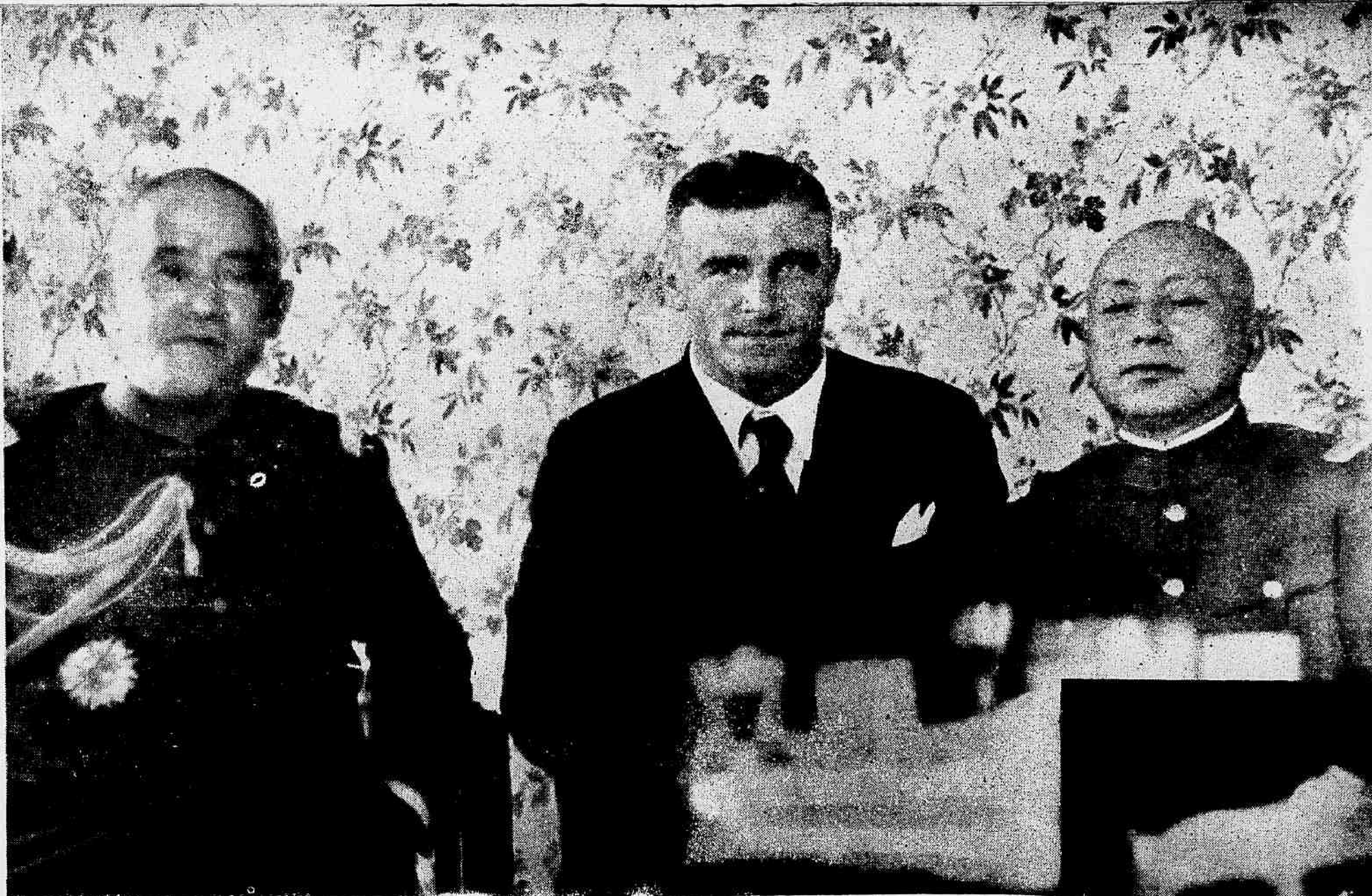
— Bem, o senhor declarou que não é anti-semita. Mas, nazista foi?

— Quanto ao ponto de anti-semitismo eu posso ainda dizer várias coisas. Em mil novecentos e trinta e nove, em férias do exército, fiz uma viagem por três continentes: Europa, Ásia e África, escrevendo reportágens para diversos jornais, quando, na Palestina, eu defendo os judeus em diversos trechos, publicando-as num jornal da Turquia. Trabalhava nessa época para o jornal então "Jaunakaszinas" (Últimas Novidades).

Mostra-nos os originais das reportagens e pela dificuldade em achar os trechos que cita — alegamos — não nos é possivel transcrever.

— Conheço bem êsse povo — prossegue — e nada tenho contra êle. Viajei pelo Saara; tôda a Palestina, dêsde a fronteira egipcia; Bercheba; Hebron; Belém; Jerusalém; Mar morto; Jericó; Jafa; Tel-Aviv e outras Colonias judaicas.

Eu tive em minha casa u'a moça judia por diversos anos. Comia conosco em nossa mesa. Escondêmo-la quando dessa perseguição. Certa vez pintamos os seus cabelos, e de outras judias, de louros para que escapassem. Nós a trouxemos e quizemos entregá-la à Federação (pois que fomos morar na Urca numa barraca, que nem chegava para cobrir meus pés, e, assim não nos era pos-



**EM 1939, como correspondente do jornal letão Jaunakaszinas (Últimas Novidades) após visitar países de três continentes, chega ao Japão, onde é recebido pelo ministro da Guerra, (que se vê à direita) e um conhecido general japonês**

sível sustentá-la) que, durante quatro anos, fez fôrça para não encontrar-se conosco.

— Como se chama essa moça?

— Miriam Kaitzner. Disseram até que foi minha amante. Como era isso possível? Minha mulher sempre morou comigo.

— E agora que o senhor falou em nazista, vou-lhe responder. Eu nunca fui nazista nem coisa alguma. Lutei por êle, contra os russos, pela minha pátria. Depois, desgostoso, pedi demissão de meu pôsto e fui trabalhar numa fábrica de aviões em Berlim, donde saí, em vinte e oito de março e da Alemanha em quinze de maio de 1945. Fui procurado e acusado pela Gestapo por não haver assassinado os presos políticos e fazer planos de construção de aviões exigidos pelos russos, quando lá estive na época da dominação dêsse país sôbre minha terra. Êsses documentos devem estar em poder do Intelligence Service, pois consta que os arquivos da Gestapo foram apreendidos pelos inglêses.

Oferece-nos um refrigerante. Recusamos. Mesmo assim veio. Intriga como quê, êsse homem que fala conosco, tão manso e baixo, que é preciso que se apure a audição, e que ordena tão alto num alemão cheio de zais e tungs. Chega um menino (o filho mais novo) chupando um picolé. Uma mocinha loura e linda, delgada, flexível. Um primor. Mais tarde, um investigador da polícia. Chama-o à parte. Fala-lhe ao ouvido. Nada se depreende. Uma pena... Vai-se embora, para depois voltar e nos dar uma "carona" até o distrito.

Reune-se a família. Uma chapa coletiva. Sentam-se na poltrona, ou melhor, num sofá. Faltava a mamãe.

— Mami ! — chamou o rapaz.

Forma-se o grupo. Todo mundo olhando para a objetiva, como as fotografias daqueles duros cavalheiros de 1900.

— O quê significa êsse Comitê de Investigações dos Crimes Nazistas nos Países Bálticos?

— Não sei. Êles pegam três ou quatro judeus e fazem um Comitê. E é na lista dêsse que eu figuro como o número 17, na órdem alfabética. E não no de Nuremberg. Há aqui no Brasil quarenta e sete organizações judaicas que me acusam. E catorse de júri simulante.

— Tem alguma coisa a dizer, ainda, aos leitores?

— Sim. Que deposito fé na justiça brasileira. Não tenho nenhum medo.

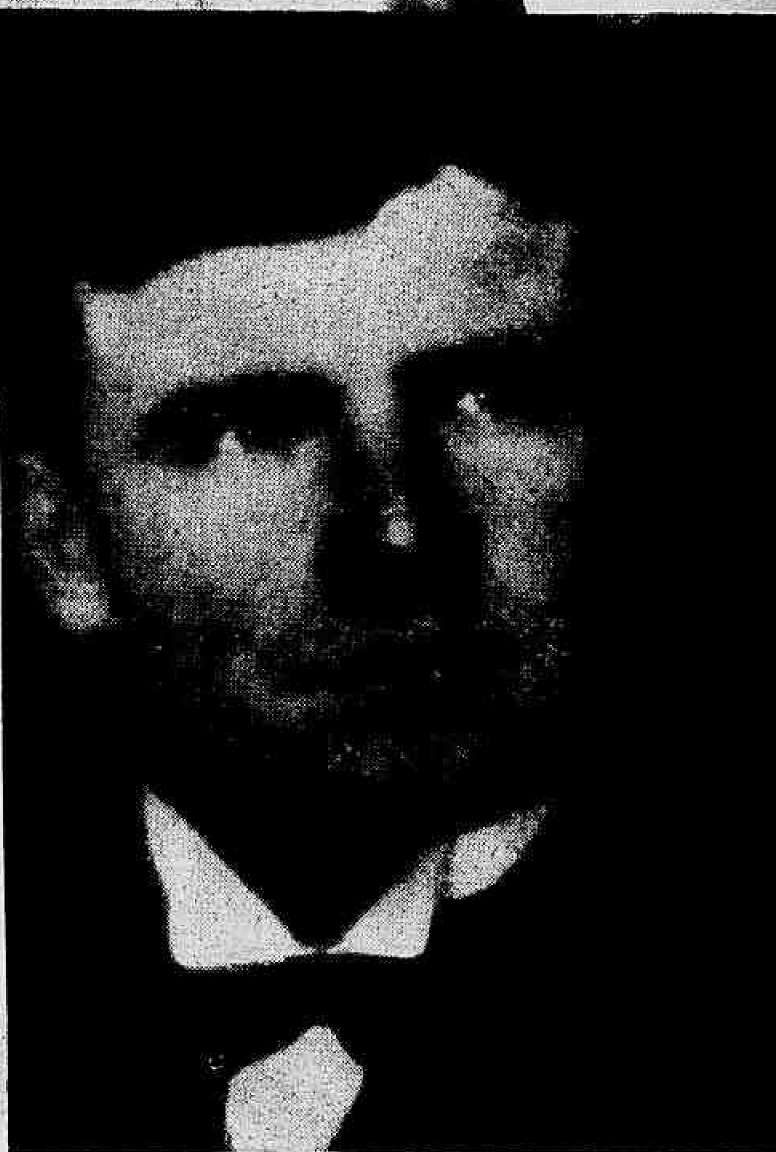
Estou aqui esperando qualquer decisão. E êles se esquecem que gritavam que a justiça do Brasil não vale nada. Como defesa tenho o testemunho do Coronel engenheiro Osolup, que foi meu comandante, prestado por escrito na polícia política. "Até a data de sete quando parti para Riga o senhor Cukurs ficou no sul da Letonia". Diga ainda que é tudo uma suja mentira.

★

Há uma declaração de Cukurs que, explicada pelo Dr. Alfred Gartenberg, diretor administrativo da Federação Israelita, merece uma referência à parte.

Herbert Cukurs, em determinado trecho da entrevista, alega que se deveria concluir alguma coisa de sua inocência da atitude do embaixador russo, em nossa capital.

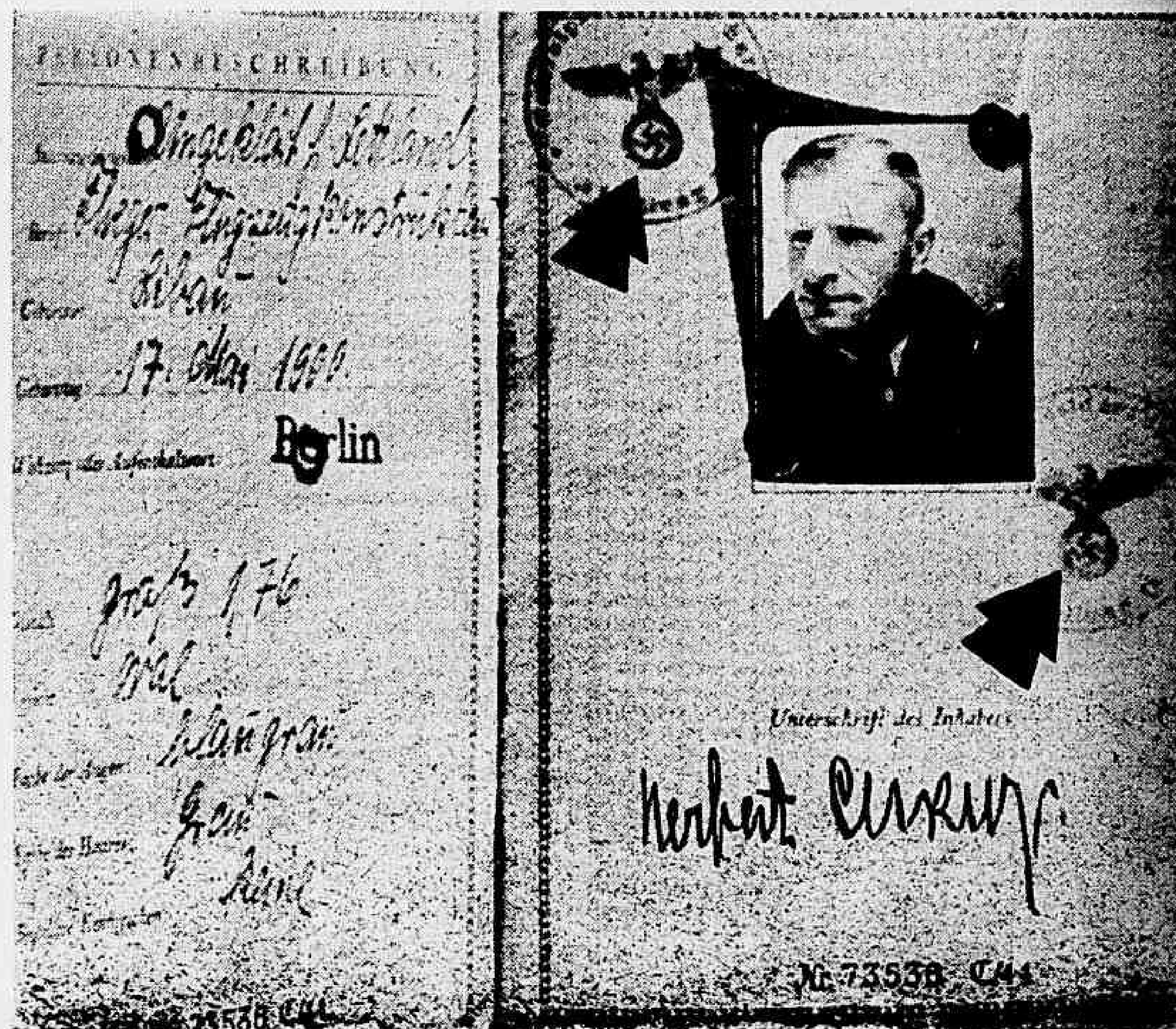
Jacob Zuritz sediou-se com a embaixada russa na rua Uruguai. "Judeu e letão, russo, contra



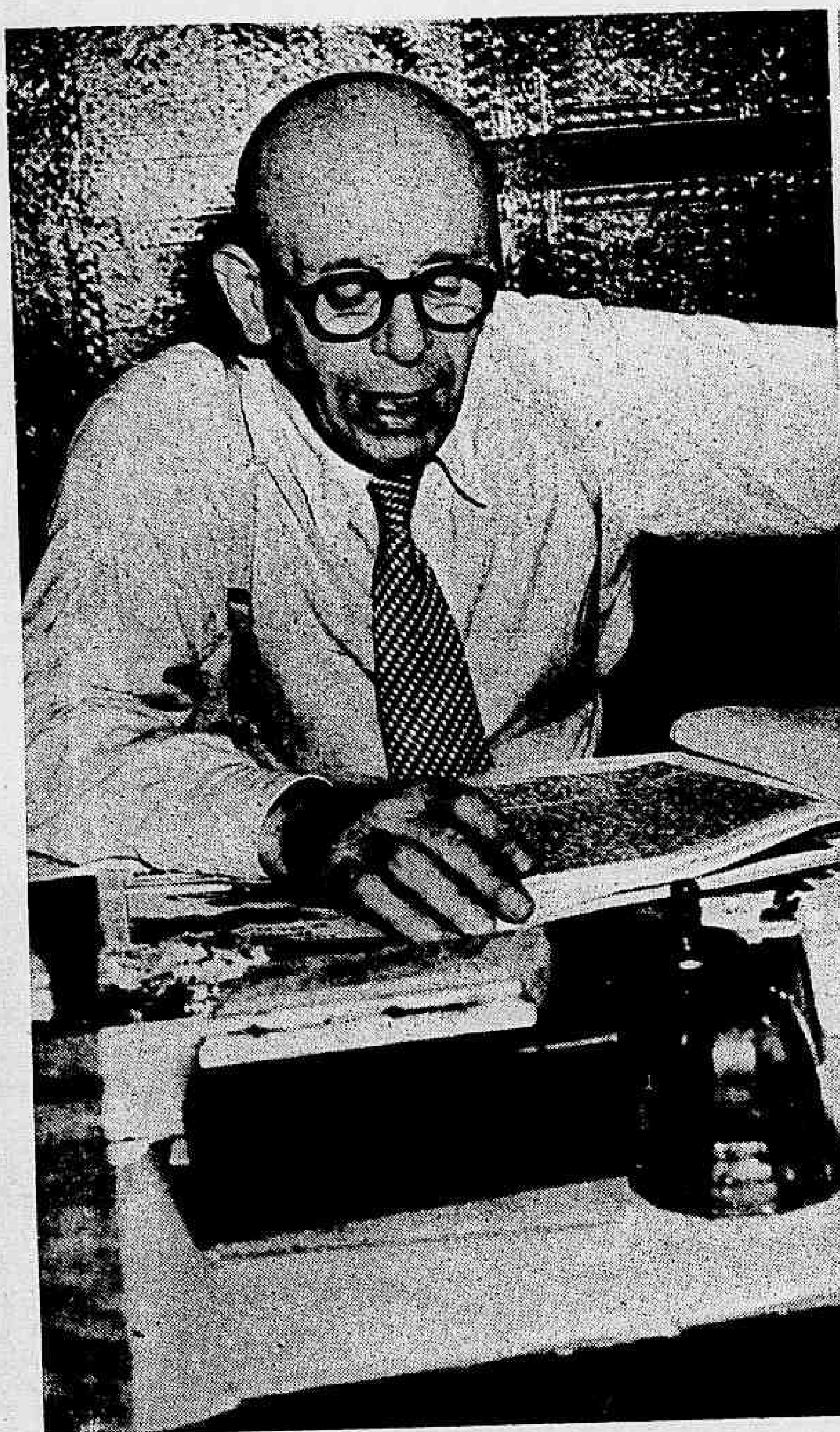
**O «brôto» Herbert Cukurs envergando a farda de gala da aviação naval letoniana. A maior parte de sua vida foi militar**



**NUMA ILHA ao sul de Singapura o tarzã ariano andava de «sarong». Coqueiros inclinados, barcos abaulados de remos ovais, paisagens poéticas. Por aí passeou. Homem de sorte.**




**CARTEIRA de Identidade. Nascido em Liban, Letônia, aos 17 de maio de 1900, aviador e construtor de aviões; 88 quilos, 1,76 de altura, rosto oval olhos azúis, cabelo louro**



A ACUSAÇÃO do dr. Alfred Gartenberg, pela Federação, é feita com o recurso dos depoimentos. Acusação largamente documentada



A DEFESA de Herbert Cukurs — segundo êle próprio — está no livro do judeu Max Kaufmann. Aqui o vemos folheando o livro



O CAUSÍDICO que Herbert Cukurs constituiu nada falou. Nós, entretanto, é que falamos, ignorando-lhe a função no caso

quem eu havia lutado, recebeu um dia uma comissão de judeus comunistas que exigiam minha extradição para Nuremberg, replicando êle que não via em mim a grande culpa que acusavam.

Explica o dr. Gartenberg:

"Zuritz chega ao Brasil num clima pouco propício para sua embaixada, que todos sabemos. Nós não reconhecíamos a autoridade da Rússia sôbre a Letonia, sendo para nós (nós porque já é naturalizado brasileiro) todos êsses pequeninos países encampados pela União Soviética como livres. Com que direitos Zuritz explicaria ao ministro Raul Fernandes a extradição de Cukurs, um letão, para Nuremberg? A embaixada da Letonia havia sido dissolvida, o Brasil não ratificara o Convênio do Genocídio, como exigir?"

★

Fomos levados por Samuel, um redator do "Jornal Israelita", até à Federação, onde falaríamos ao advogado criminalista e diretor administrativo daquela entidade: Dr. Alfred Gartenberg.

O "dossier" de todo o rumoroso caso encontrava-se em S. Paulo. Alguma coisa, entretanto, ainda possuía para a acusação. Tradução de depoimentos feitos ao Comitê de Investigações dos Crimes Nazistas nos Países Bálticos, cópias fotostáticas do livro de Max Kaufmann.

— Êsse Comitê é como muitos outros uma organização feita para colaborar com o tribunal de Nuremberg, tendo sede em Londres. Foi criado por pessoas interessadas em ajudar as autoridades.

— Foi criado por judeus, segundo nos disseram.

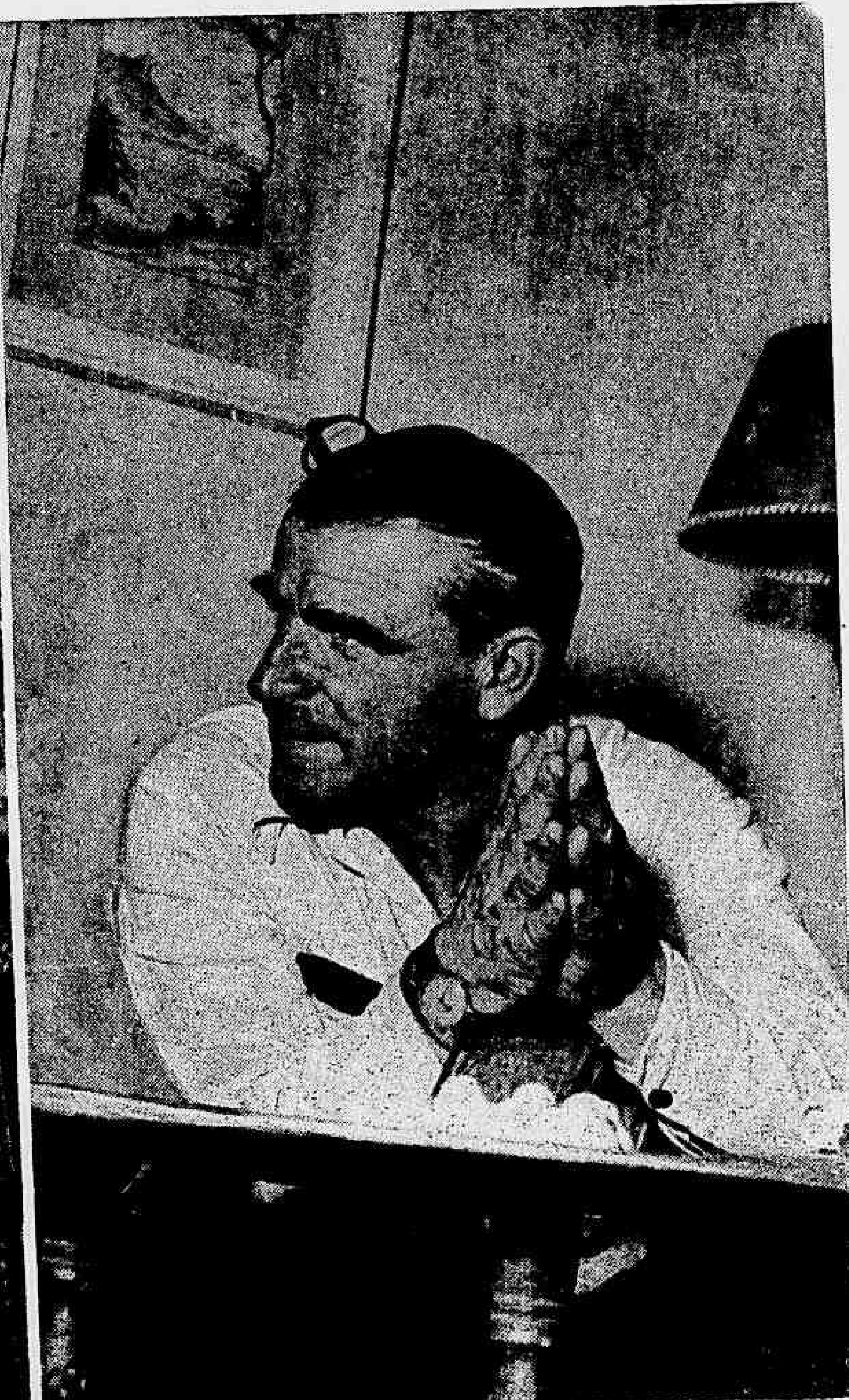
— Não. Há oficiais inglêses e outras pessoas. E lê: major fulano. Pula três ou quatro nomes, lê um outro de inglês, pula mais alguns, fala em mais outro e encerra.

— Consta que Cukurs figura na lista de Nuremberg — continua. Em uma entrevista que d le [illegible] a' ga que não é citado no livro de Max [illegible] ann. Pois temos o livro e vamos provar [illegible] citado por duas vêzes. A primeira na [illegible] 6 capítulo IV.

(Continua na pág.



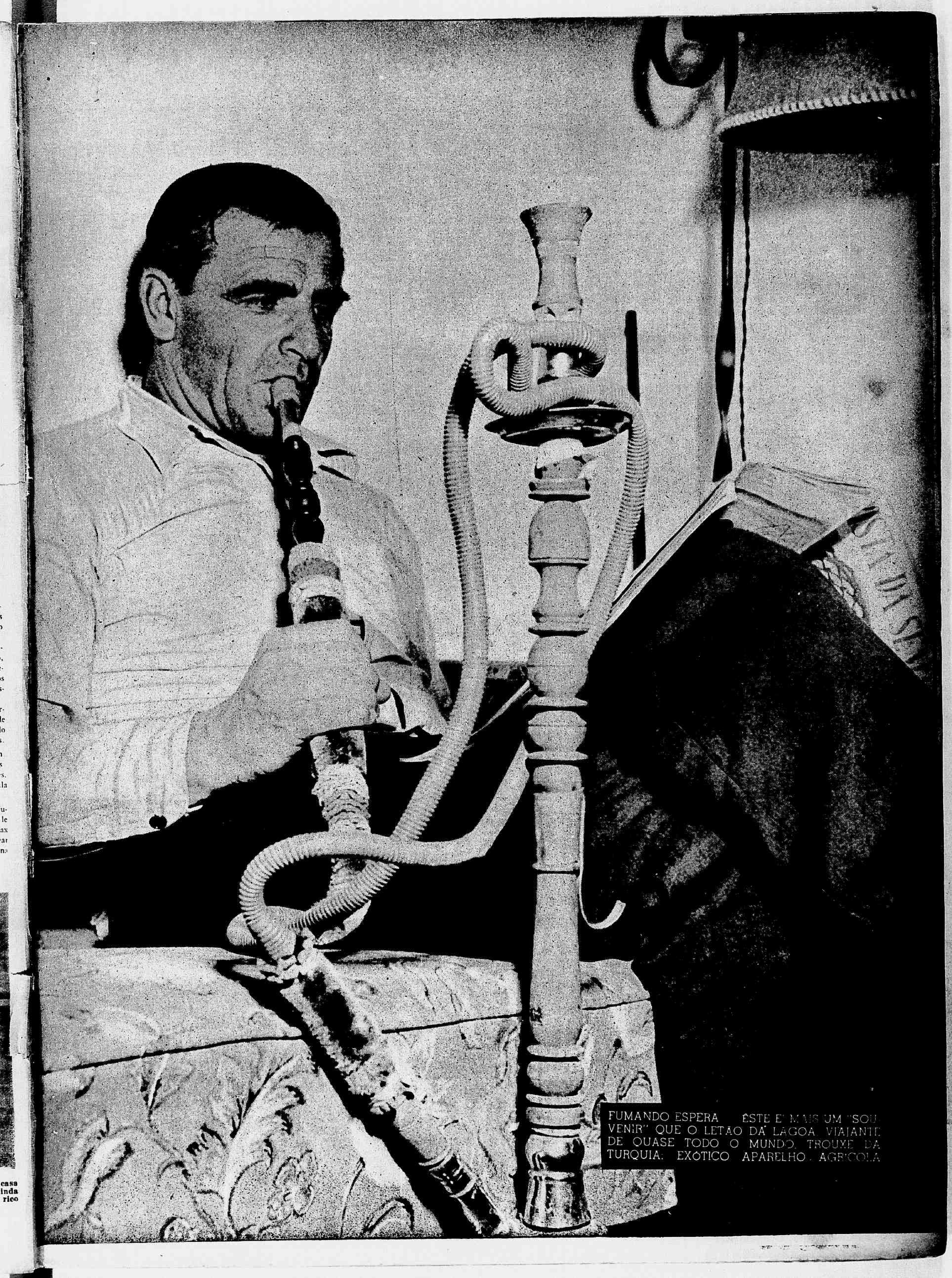
A FEDERAÇÃO dos Israelitas acusa-o de genocídio e não acha pena para êle. Discute-se hoje, o assunto, em tôdas as rodas



E O LETÃO pede clemência, excusando-se das acusações que lhe pesam. Mostra-se disposto a explicar tudo, a relatar pormenores



ALÉM DOS «pedalinhos» e de uma casa com um barzinho-flutuante, possui ainda um hidro-avião, mas Cukurs não está rico



FUMANDO ESPERA — ÊSTE É MAIS UM "SOUVENIR" QUE O LETÃO DA LAGOA, VIAJANTE DE QUASE TODO O MUNDO, TROUXE DA TURQUIA: EXÓTICO APARELHO AGRÍCOLA

# BILAC REVELOU O POETA LEAL DE SOUZA

### ÁLBUM DA FAMÍLIA

O batismo vai bem, porque o repórter "penetra" no passado, nas coleções de jornais e revistas, nos arquivos e coleções de fotografias de várias épocas. Dentro dessa indiscreção pretendemos tornar lembrados vultos esquecidos da nossa história. Para começar ninguém melhor do que o saudoso e completo homem de jornal que foi Leal de Sousa. E já iniciamos prestando um serviço ao público, pois reduzido número de pessoas sabe disso: Leal de Sousa foi poeta. E grande poeta, segundo depoimentos insuspeitos e valiosos de Olavo Bilac e Martins Fontes, para citar apenas dois sujeitos que podem dar atestado neste país onde os poetas de rimas ou falsos modernistas abundam como sapos no pântano.

### O POETA LEAL, BILAC E FONTES

Estou na primeira página do álbum e vejo Leal de Sousa menino, estudante de preparatórios, cadete nos Pampas, oficial que lutou em Canudos contra as tropas de Antônio Conselheiro e de onde trouxe belas e candentes páginas de observação da gente dos sertões. Viro a página e deparo com o nosso herói jornalista, novo na côrte, depois o repórter consagrado, depois já vitorioso numa atitude de diretor dos vários órgãos da imprensa que fundou e administrou com mão de mestre e inteligência brilhante. Vejo-o diretor de "A Noite" e "A Nota", redator-chefe de "A Careta" e secretário do "Diário de Notícias", enfim homem de jornal reverenciado. Noutras páginas lá está êle com a espôsa Gabriela Ribeiro Leal de Sousa e os filhos: Luís Alberto, Victor José e Lauro Walter, todos seguindo o exemplo paterno: escrevendo para jornais e revistas. Leal de Sousa, que foi um bom de verdade, que nos legou numerosas e importantes obras, dizia com orgulho que êsses três filhos eram a sua melhor obra, porque são rapazes cultos que honram e veneram o nome do pai. Passo mais uma página: lá está o poeta que terminou — jornalista que terminou — tabelião, de **smocking** no casamento do Victor que aparece por sua vez de casaca. São numerosas e convincentes as fotografias, provando o amor reinante no seio da família. E vêm a seguir as fotos com os literatos do seu tempo: Bilac, Coelho Neto, Martins Fontes, Aníbal Teófilo e outros. Mas, por falar nisso, não podemos esquecer as cartas fabulosas conservadas com carinho pelos filhos. Bilac, por exemplo, que pelo que dizem não se abria com ninguém, eclético demais em tudo na vida, mandou-lhe cartas assim: "Paris, 13 fevereiro 1914, 18 rue Gaillon. Meu caro poeta e amigo. Esteve aqui comigo, dois dias, o Martins Fontes, que no dia 10 de março casará em Nice. Dei-lhe ontem o número da "Careta", em que apareceu a sua careta. Gostei muito das belas palavras que V. escreveu sôbre aquêle selvagem heleno. V., além de ser um belo poeta e um belo prosador, é um fúlgido **bom** e um radiante **justo.**

Três cartas fabulosas do príncipe dos nossos parnasianos ★ Leal de Sousa, o jornalista, o poeta, o escritor, o repórter, o espírita e o tabelião ★ Companheiro de Coelho Neto, Martins Fontes, Anibal Teófilo e outros "bigs" de sua geração ★ Gaúcho da fronteira ★ Amigo de Getúlio Vargas ★ Foi quem deu o **furo** na tragédia de Euclides da Cunha

**(Fotos do Arquivo da Família)**

Reportagem de ARMANDO PACHECO

"Mando-lhe alguns versos, — frutos da menopausa lírica.

"Muitos abraços ao nosso J. Schmidt. O coração do seu admirador e amigo grato, — Ola Bilac. — Nota: bem sei que V., como ourives que é, tem horror dos versos mal impressos; mas, sou tão medroso, que não resisto à impertinência de pedir-lhe um cuidado feroz e um escrúpulo draconiano na revisão da pontuação dêsses versos. Para mim, a supressão de uma vírgula na impressão de um verso, seria um calamidade maior do que o arrazamento completo das finanças do Brasil!

"Novos abraços do Bilac".

### BILAC CONSAGRA UM LIVRO DE LEAL DE SOUSA

Agora leiam est'outra carta reveladora de Olavo Bilac:

"Rio de Janeiro, 11 setembro 1917, 35 r. Barão de Itambi, telefone 1330 — Sul.

"Leal de Sousa:

"Quero enviar-te um grande abraço; pelo prazer que me deu a coleção das tuas poesias.

"Vivi dentro do teu livro, como dentro do mesmo Bosque Sagrado de Vesta, em cujo pórtico havia uma inscrição, lembrando que aquêle recesso, vedado aos bárbaros e aos desmemoriados, era dedicado às Musas e às Saudades.

"Com as primeiras, gozei, afligi-me, e sonhei. Mostraram-me a severa Clio e a eloqüente Calliope fastos, festas e lutos do Egito, da Grécia, de remotíssimas épocas, de dias da Idade Média, e de eras mais chegadas à minha alma, coisas da nossa história, caravelas e bandeiras, domínio de mares, conquista de serras, combates nos pampas; deu-me Euterpe as sinfonias dos matos e das águas; sorri com a leve Thalia; tremi com a lura Melpomena; chorei com a melancólica Erato; dancei com a alada Terpsícore; revivi os meus velhos amores com a exaltada Polímia; e com a arguta Urânia soletrei os versos de fogo do poema do firmamento . . .

"E, com as segundas, longamente pensei e senti. O teu livro é um mundo de saudades: saudades tuas, e saudades de todos. Não arrancas sòmente do passado as lembranças dos devaneios, das alegrias e das tristezas que já tiveste nesta vida, — mas ainda outras vagas lembranças de outras vidas, sedimentos de outras gerações, que são patrimônio teu e de tôda a nossa raça, — como esta tua singela "Canção Gakcha", tão profunda na sua singeleza, em que mostras a tua alma sucessora de tantas outras almas, o ódio e o amor que inflamaram o ciclo da Conquista, a arrogância do branco e a revolta do índio; "tristeza do vencido e a altivez do vencedor" . . .

"Santuário das Camenas e das Memórias, o teu "Bosque Sagrado" é admirável e amável. Geraste um filho bom e belo; criaste obra de fôrça, com extremos de alma e cuidados de feitura. Quando, à tua passagem, te atirarem esta injúria, que é uma condecoração: "Parnasiano!", — levanta do chão a palavra, e prega-a na tua fronte, como uma estrêla. Parnasianos só podem ser os que são dignos do Parnaso, onde as nove companheiras de Apolo ensinam a pureza do pensar e a de-



O POETA LEAL DE SOUSA aos 16 anos, ainda estudante



FARDADO DE CADETE, quando da Guerra de Canudos



O JORNALISTA COMEÇOU a revelar-se aos 18 anos

cência do dizer, dando nobreza às idéias e compostura ao estilo.

"E não te arrependas de ter provado, como dizes na última página do teu livro, "a amargura dos frutos do Bosque Sagrado": os frutos mais amargos são os que dão mais saúde.

"Teu, de coração — a) Olavo Bilac".

Aí estão duas preciosas amostras do grau de amizade que unia os dois poetas.

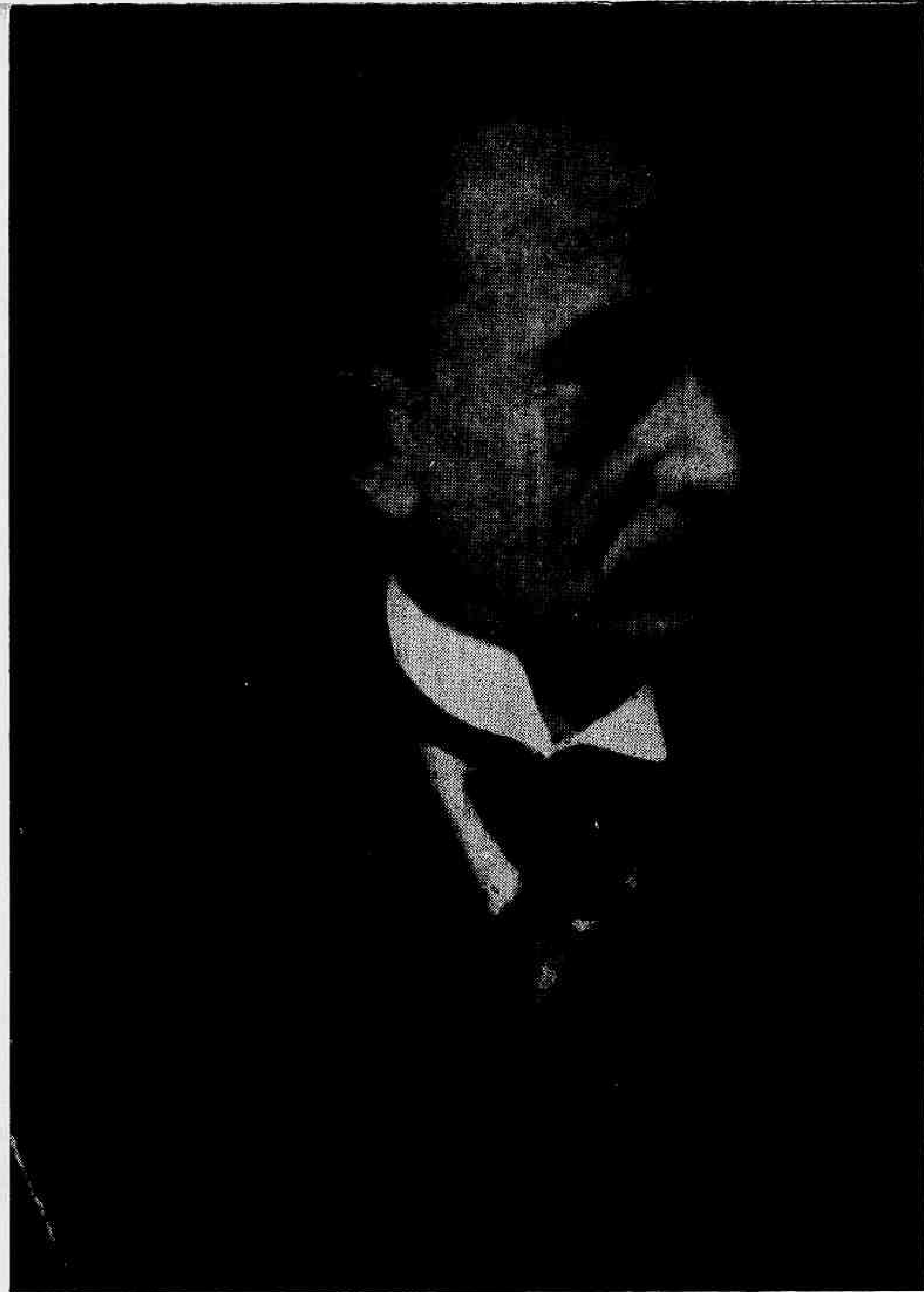
Garantem os que conheceram Bilac de perto (e são poucos hoje!) que o mestre da forma jamais se prodigalizara em elogios a quem quer que fôsse, e ainda mais nos têrmos aqui transcritos. De Martins Fontes também vimos inúmeras missivas interessantes. Uma delas dizia assim, laconicamente:

"Querido Leal de Sousa,

"Vim aqui te ver no jornal. E como não te encontrei, deixo-te um beijo na boca.

a) Martins Fontes".

O repórter viu cartas de Coelho Neto e de outros grandes homens do passado. Os filhos de Leal de Sousa possuem valioso arquivo das coisas do velho (o velho aqui é o Leal mesmo).



FOI ÊLE QUEM DEU o «furo» na tragédia de Euclides da Cunha. Esta fotografia, obtida quando completou seu cinqüentenário, tem um lugar de honra no «Álbum de Família»

## O JORNALISTA E O TABELIÃO

Antônio Eliezer Leal de Sousa (êste seu nome por inteiro, dado também a um de seus netos) era gaúcho de Santana do Livramento, tendo nascido na fronteira a 24 de setembro de 1880, filho de Manuelino Pereira de Sousa e de d. Emiliana Leal de Sousa, era um dos grandes amigos do presidente Getúlio Vargas, desde os tempos de neófitos na imprensa. Tão amigos que o líder trabalhista deu-lhe um cartório, o 1.º Ofício de Notas, oferecido depois pelo general Dutra a um irmão do sr. Vitorino Freire.

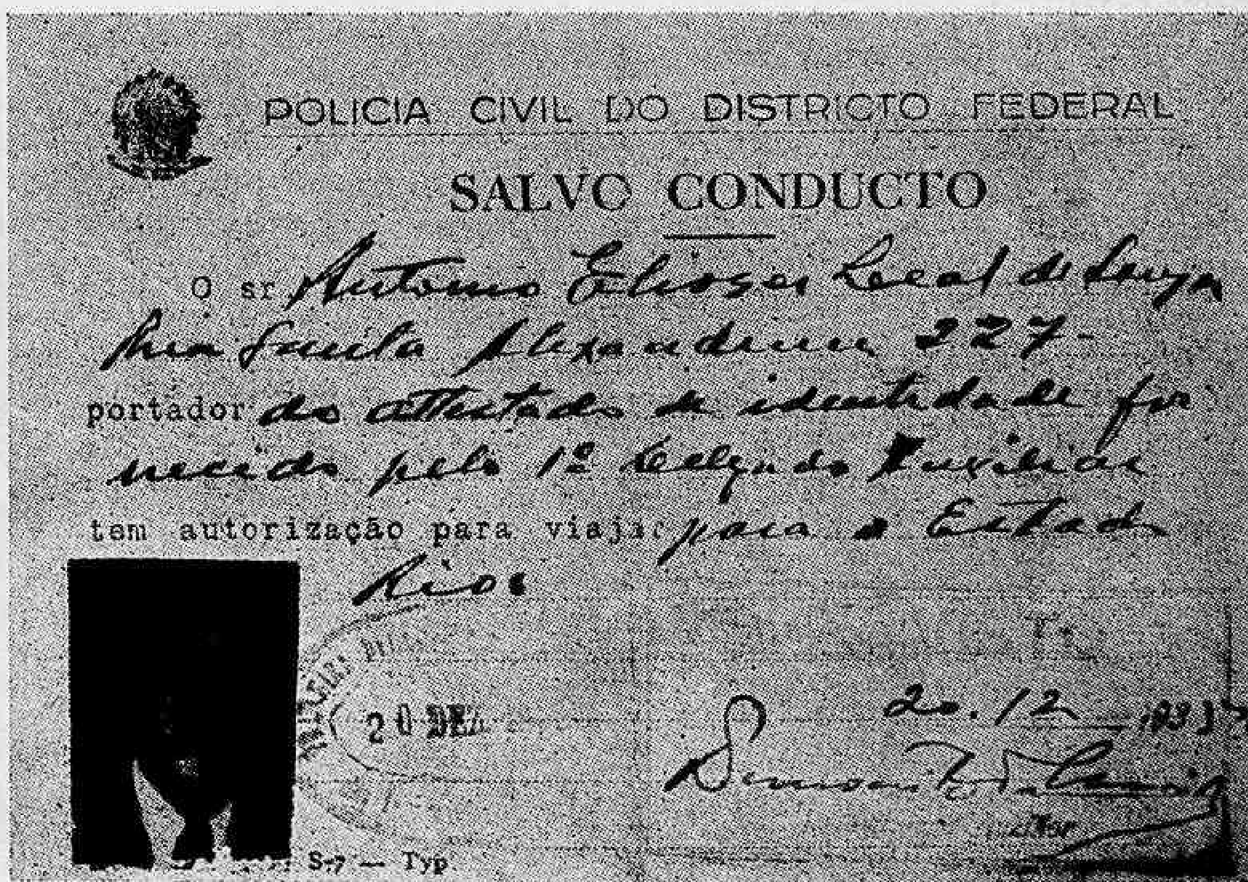
Logo que Leal de Sousa morreu a (2 de novembro de 1948, estando sepultado no Cemitério S. João Batista), o presidente Gaspar Dutra mandou chamar os dois rapazes que sempre trabalharam no cartório e disse-lhes que escolhessem um bom emprêgo, pois precisava do 1.º Ofício para um amigo. Os rapazes (Luís Alberto e Victor José) concordaram, escolheram e estão agora esperando o lugar prometido. Êsse fato o repórter ouviu do próprio senador Getúlio Vargas quando esteve em Itu.

Vindo muito cedo para o Rio, Leal de Sousa fêz época como o repórter das campanhas, descobertas e "furos" sensacionais. Foi êle quem, repórter de polícia na ocasião, primeiro escreveu sôbre a tragédia da Piedade onde tombou Euclides da Cunha. Daí por que Leal de Sousa é apontado como o pai da reportagem na imprensa brasileira. Candomblés e macumbas, gafieiras, festejos populares, foram revelados pela sua pena inquieta. Contam que indo fazer certa vez uma reportagem sôbre espiritismo, êle se aprofundou tanto no estudo da talvez ciência de Alan Kardec, que se tornou espírita de primeira plana, chegando a escrever livros apontados hoje como catecismos dos médiuns. Entre sua volumosa bagagem literária, figuram: "Canções Revolucionárias", "A Mulher na Poesia Brasileira", "Romaria da Saudade", "Almanaque das Glórias", "Getúlio Vargas", "O Pelourinho", "Catiga de Mulato" (romance social), "Notas de um Tabelião" (memórias), "Álbus de Alzira", "Notas de um Notário Notório". Escreveu também peças teatrais como: "O Charuto", levada à cena no Teatro Municipal, pelo maestro Artur Napoleão; deixou também livros espíritas: "No Mundo de Espíritos", "Rosa Encarnada" (romance). "Espiritismo e Magia" e "As Sete Linhas de Umbanda".

Só não acabou na Academia, como poeta, escritor e jornalista, porque foi sempre um homem modesto e avêsso por comodismo pessoal às traquibernias literárias que levam às glórias acadêmicas. Todos os que trabalharam com êle, na imprensa e no cartório, guardaram as melhores e mais duradouras das impressões. Porque essas virtudes anímicas são imperecíveis. Os homens passam, as glórias terrenas são transitórias; o que fica são as boas ações, a inteligência, a bondade. E Leal de Sousa foi um apóstolo dêsse culto tão raro no mundo de hoje. Por isso, ao folhear o álbum de Luís, Victor e Lauro, o pelotão de amigos, gente de jornal e clientes do cartório do seu tempo, murmura ao evocar a simpática e querida figura daquele mansuetíssimo cético que se chamou em vida Leal de Sousa "sursum corda"!



A ÚLTIMA FOTOGRAFIA de Leal de Sousa-tabelião: quando assistia ao casamento do segundo filho, Victor José. Sua condição de poeta, não renegada, foi um de seus prazeres



POLICIA CIVIL DO DISTRICTO FEDERAL

SALVO CONDUCTO

O sr

portador

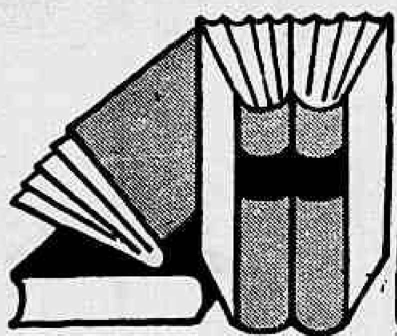
tem autorização para viajar

20 DEZ

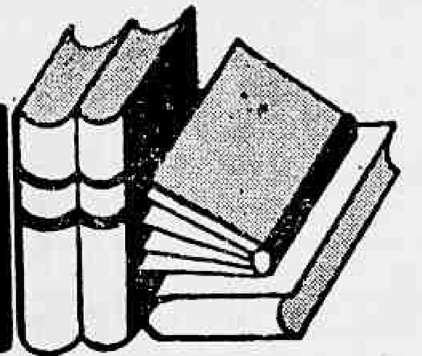
20.12.1935

S-7 — Typ

ISTO ACONTECEU em 1935, quando as autoridades do país estabeleceram a obrigação do «salvo-conduto», para sair do Rio. Tambem Leal de Sousa teve de submeter-se à lei



# SEMANA LITERARIA



## ÁLBUM DE FAMILIA




*MARGARET MITCHELL é, sem dúvida, um dos nomes imortais da literatura americana, uma figura literária que perdurará como exemplo único na história. A autora de "...E o Vento Levou", livro considerado como um dos dois de maior importância até hoje publicados nos Estados Unidos, constitui um mistério, uma singularissima exceção no mundo das letras. Mais do que uma história, sua biografia é uma legenda estranha e perturbadora que espanta e não tem explicação, dentro dos processos críticos. E seu livro representa, com certeza, um dos monumentos mais respeitáveis da literatura moderna, um ápice dêste meio século, pela repercussão que teve e pela popularidade que conquistou, a maior de tôda a literatura, em todos os tempos.*

## CENTENARIO DE NASCIMENTO DE MAUPASSANT




Uma caricatura de Maupassant, mostrando-lhe a fecundidade de sua situação de superioridade a Flaubert e Balzac

*UM dos acontecimentos marcantes do ano literário é por certo a comemoração do centenário do nascimento de Guy de Maupassant, o imortal escritor francês, tão fecundo e tão admirável, muito justamente considerado um dos maiores contistas de todos os tempos.*

*Escrevendo indiferentemente o conto e o romance, é na história curta que Maupassant atingiu às maiores altitudes. Seus romances, que podem perfeitamente ser confrontados com os melhores de seu tempo, empalidecem quando comparados com essas pequeninas jóias de poucas páginas em que foi mestre inexcedivel.*

## OS MAIS CACETES

Os jornais brasileiros reproduziram uma notícia norte-americana relativa ao inquérito sôbre "os dez livros mais aborrecidos do mundo", feito pela Editôra da Universidade de Colúmbia. À primeira vista, causará surprêsa encontrar na lista exatamente os mesmos títulos que costumam figurar na dos "dez melhores livros do mundo": "Dom Quixote", "Fáusto", "Ivanhoe", "O Paraíso Perdido", "Moby Dick", etc. Segundo uma explicação maliciosa, a lista dos melhores livros é feita pelos norte-americanos que apenas ouviram falar nos livros em aprêço; a dos mais aborrecidos, pelos que se deram o trabalho de lê-los.

## SAUDADES TEM 50 DEFINIÇÕES

Lá estão elas, em quadras bem numeradinhas de Natércia Cunha Veloso, em seu volume "Teia de Sonhos". O que parecia impossível, a autora conseguiu encontrar, para a palavra "indefenivel", comparações nunca usadas, como esta:

"Saudade... locomotiva
Que pára em cada estação:
Nesta pousa, e mais aviva
Amarga recordação".

## ROSEMUND LELMANN NÃO GOSTA DE SEUS ROMANCES

Entrevistada por um jornalista, ela declarou:

" — Se eu fôsse um sábio, um político — diz ela — teria, talvez, idéias mas vivo tranquilamente, escrevendo meus livros e me preocupando muito pouco com doutrinas".

E interrogada sôbre sua atividade literária, responde:

" — Escrevo desde os seis anos. Sentava-me no jardim e esperava que a inspiração me caisse do céu à cabeça... Eu era poeta..."

Com referência aos seus romances, observa:

" — Detesto-os todos, com uma exceção: Não lamento ter escrito "Convite à valsa".

## MICKIEWICS E CASTRO ALVES

No intuito de promover um maior intercâmbio cultural entre o povo brasileiro e o povo polonês, a Associação Brasileira de Escritores lançou no dia 22 de julho último. — Data Nacional da Polônia — as bases de um concurso literário sôbre o estudo das afinidades que ligam os dois grandes poetas do Brasil e da Polônia: Castro Alves e Adam Mickiewicz. O concurso é de ensáios e de poemas.

Ao Bureau de Informações Polonesas cabe levar ao conhecimento do público que, desejando contribuir para um maior brilho desta interessante iniciativa cultural, visando mostrar a afinidade existente entre os dois grandes poetas e patriotas, lutadores incansáveis em pról do bem-estar dos povos e da causa do progresso universal, a Legação da Polônia no Brasil decidiu colaborar na instituição de 4 prêmios para os vencedores, a saber: 1.º prêmio de ensáio: Cr$ 2.500,00; 2.º prêmio de ensáio: Cr$ 1.000,00; 1.º prêmio de poesia: Cr$ 1.000,00; 2.º prêmio de poesia: Cr$ 500,00.

EDMUNDO LYS

## MONTE CRISTO EXISTIU?



**Alexandre Dumas, pai**

HÁ muito se dizia que Alexandre Dumas baseara num fato real seu famoso romance "O Conde de Monte Cristo". Em 1934 foi reeditada em Parisu ma velha obra intitulada "Os Segredos da Polícia de Luiz XIV a Luiz Felipe".

Nessa obra, de autor completamente esquecido (Jacques Penchet) e esgotada há mais de meio século, lê-se que, em 1807, por pilhéria de péssimo gôsto e de trágicas consequências, inspirada por excessos alcoólicos, três operários parisienses denunciaram à polícia, como espião da Inglaterra, um jovem sapateiro chamado François Picaud.

O marechal Savary, duque de Rovigo, então chefe de Polícia, mandou prendê-lo e recolhê-lo incomunicável ao castelo de Fenetello, no Piemonte. Pretendia, naturalmente, instaurar inquérito sôbre o caso; mas tinha, nessa época, tanto com que se ocupar que o esqueceu, e o pobre Picaud só foi libertado após a abdicação de Napoleão I, em 1814.

Mas, na prisão tornara-se amigo de outra vítima da monarquia de então, um padre italiano, que, ao morrer, em 1812, lhe deixara por testamento considerável fortuna.

Terá sido Picaud o modêlo de que se serviu o velho Dumas para seu romance imortal?

## BALADA

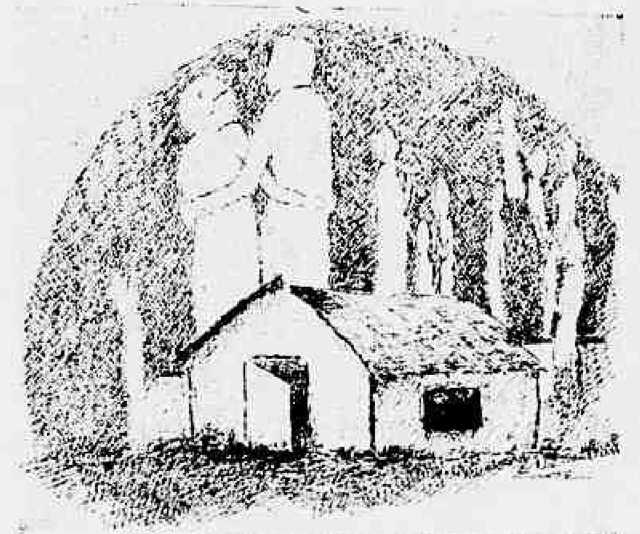
*(De Enoe Borges)*

Na noite quieta,
perpassam as sombras
— cordão de fantasmas,
rodeando os muros
da casa deserta,

Entoa o silêncio
a canção de abandono,
e o mato rasteiro
esgueira-se, espia,
na porta entreaberta...

Por onde os vermelhos
das roupas alegres?
Os passos tão leves
cruzando os caminhos?
O riso tão fresco,
e os dias tão breves?

Lá dentro, o Passado
povoa, revive nos quartos escuros
a ronda encantada
que há muito findou:
as roupas alegres,
o riso tão fresco
e os dias tão breves
que o Tempo levou!



(Ilustração da autora)

# ATRAVÉS DOS SUPLEMENTOS



Depois de uma fase brilhante e ainda recente, o suplemento de «O Jornal» voltou a marasmar, recorrendo ao material de traduções, colaboração graciosa, ao que tudo indica. O número de 20 de agosto, está uma tristeza. Salva-se lá um artigo sôbre Balzac, assinado por Oto Maria Carpeaux. As traduções nem são boas, nem os artigos brilhantes. ★ O suplemento de «A Manhã» está com boa apresentação gráfica, como sempre. Mas, como o Djalma Nunes faz falta! Bom noticiário e um artigo de relativo interêsse, sôbre a poesia de Cecília Meireles, assinado por João Gaspar Simões. O crítico português, a propósito do último livro de Cecília, aborda o problema da fonética, melhor, da fonação, com as diferenças de prosódia no Brasil e em Portugal, em relação com a poesia: repara que os versos brasileiros, de poetas brasileiros, perdem muito, se não são lidos com a prosódia brasileira. E' uma descoberta. Um divertimento de crítica, mas interessa. ★ No suplemento do «Diário Carioca», Sérgio Buarque de Holanda continua sendo o ponto alto. Seu último artigo, ainda é dedicado à questão da forma em poesia. A «Antologia do humorismo brasileiro» publica uns versos de Artur Azevedo, de valor retrospectivo. Bom o noticiário. Em matéria de poesia, há lá um belo poema do grande Mário Quintana. E' de salientar-se, ainda, a entrevista de François Perrier, atualmente à frente de um elenco que ocupa o Copacabana, na qual o ator fala em teatro e literatura, declarando que Sartre é um prodígio, negando o teatro de Claudel e fazendo justas referências a Achard. ★ Êste número do suplemento do «Diário de Notícias» (20-8) está muito melhor do que o anterior, muito mais arejado. Logo na primeira página, há um suculento artigo de Herman Lima sôbre Thomas Rawlandson, o maior caricaturista inglês. Gilberto Freire, também na primeira página, fala sôbre «Senhores e escravos no Brasil Patriarcal». Vale bem o suplemento o que Bezerra de Freitas nos diz sôbre «Experiência e Renovação do Romance». Mas há mais, além do noticiário, ágil e variado: há a «Antologia da Poesia Universal», do Raimundo Magalhães Júnior, onde se trata do sempre tratável Baudelaire, incluindo algumas traduções, boas, de sua obra, e o «Conto da Semana» é de Lima Barreto, o incomparável. ★ Com tôda a franqueza, no mesmo domingo, no suplemento do «Correio da Manhã», só encontramos que valesse a pena o «Aconteceu», de Guima.

# NOTICIÁRIO

*ROSARIO Fusco é o novo crítico de livros de "Jornal de Letras". ★ Josué Montelo vai publicar "Estampas Literárias". ★ O escritor Jaime de Barros, ex-cônsul do Brasil em Paris, onde realizou uma grande obra de aproximação franco-brasileira e fêz uma inteligentíssima propaganda da cultura e da arte brasileira, está de novo entre nós, para cumprir um "cantinho" do Itamarati, zangado com as supostas trampolinagens dêsse expoente das letras e da carreira consular... ★ Gilberto Amado vem aí, para matar as saudades de seus muitos e afeiçoados amigos. Segundo se anuncia, traz êle mais um livro, mais um romance. ★ O escritor Lindolfo Gomes, filólogo eminente e notável folclorista, acaba de ver seus inestimáveis serviços, prestados à nossa cultura, reconhecidos pelo Parlamento que lhe concedeu uma pensão, modesta, mas expressiva. Lindolfo Gomes foi, também, recentemente, considerado pela municipalidade de Juiz de Fora, cidadão honorário da bela cidade mineira, onde passou a maior parte de sua vida. ★ A bela peça de Casina, que tem feito tanto sucesso entre nós, "As Árvores Morrem de Pé", vai ser filmada na Argentina, sob a direção do próprio Casona e tendo, provàvelmente, como seu principal intérprete masculino o ator brasileiro Rodolfo Mayer. ★ Uma página de evocação de nosso esquecido Antônio Tôrres vem de ser publicada pelo último número de "Jornal de Letras". ★ Está sendo anunciado um filme brasileiro, a ser rodado brevemente, sob o título "Noite de Chuva". Não sabemos se é uma adaptação do conto de Ribeiro Couto, com o mesmo título. ★ José Lins do Rêgo está concluindo seu romance sôbre a vida e as aventuras do mundo do Cangaço.*

# FORA DO PRELO

## POESIA

**CÂNTICO — Lêdo Ivo José Olímpio — Rio** Lêdo Ivo é um dos grandes poetas da nova geração, se não fôr, mesmo, o grande poeta de sua geração. Em dois livros anteriores, êle já demonstrara tôda sua fôrça, tôdas as qualidades extraordinárias de sua vocação lírica.

«Cântico», publicado no ano passado, confirma o poeta em nosso aprêço, pela magnífica estrutura, pelo esplêndido conteúdo de seus poemas.

Lêdo Ivo aparece-nos aqui na plenitude de seu lirismo. E' um poeta feito, em cuja obra não se encontram quaisquer indecisões, quaisquer descaídas, qualquer contrafação. Êle marca, em qualquer dos poemas de «Cântico», como um criador de poesia, um inventor de ritmos, um dos raros convivas do célebre banquete das musas, nestes tempos de tanta poesia faminta, de tanto verso feito como, de tanta extravagância formal, vasia de todo sentido, sobretudo do sentido poético.

Pessoal, só consigo mesmo, dominando o verso, o número e a harmonia, êle se apresenta como dono dêsse segrêdo de criar a poesia com as palavras, por mais que sofra sua concepção da poesia como um estada vago e inconsútil, um estado de fuga, de evasão, de transfiguração.

E o melhor é que, em que pese sua angústia, êle sabe, como todo grande poeta, escolher as suas palavras, às vêzes as mais eruditas, às vêzes as mais cotidianas, como as próprias expressões de que usa — combinando êsse léxico admiràvelmente, tirando dele novos e surpreendentes efeitos, de um sabor e motivo original e inédito.

De um lavor técnico que parece dom natural, tanto é certo que a forma é uma invenção íntima, e não gráfica, determinada pelo transe lírico, e não elaborada pelo artesão. Lêdo Ivo nos comunica, com extraordinária simplicidade de meios, com extrema clareza, tôda a sua poesia.

«Cântico» é um dos mais belos livros de versos dêste meio século.

**QUADRAS — Soares da Cunha — Belo Horizonte** Soares da Cunha é um cultor apaixonado da redondilha. Neste livro, de agradável formato e que recomenda a arte gráfica de Minas — sem indicação de editora, o que parece significar que se trata de edição do autor — reuniu êle mais de uma centena de quadras, de vários assuntos e, tôdas, de sabor popular, o que representa a melhor qualidade dêsse gênero de poesia, onde a filosofia cotidiana e o lirismo do momento que passa se condensam em quatro setissílabos e duas rimas.

Soares da Cunha sabe evitar qualquer eruditismo, sem caír na vulgaridade. Suas quadras são espontâneas, bem trabalhadas, deliciosas de achados e conceitos, conservando sempre o tom irônico, o humorismo, mesmo quando, tratando do amor, derretem um pouco de sentimentalismo, nas entrelinhas, ou acentuam êsse arrebatamento de atitudes, sempre um pouco exagerado, e que constitúi, no troveiro, uma velha herança dos «Troubadours», um resto de sol provençal sob o céu brasileiro.

Soares da Cunha já pode pleitear o seu lugar entre os bons troveiros de nossa Minas, entre o Padre Correia de Almeida, Belmiro Braga, Djalma Andrade e alguns outros.

## ROMANCE

**CREPÚSCULO — Hélio d'Ávila !— Pongetti — Rio** Parece que se trata da estréia literária de um escritor que surge no difícil gênero do romance sem estar apoiado por um grande assunto, nem mesmo por um assunto original e apaixonante, como exige todo romance.

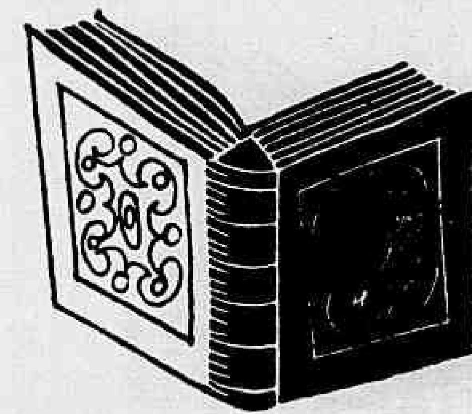
«Crepúsculo», apesar dos defeitos técnicos que apresenta, não é, entretanto, obra destituída de algum interêsse. Hélio d'Ávila escreve com correção. Faltando-lhe, à prosa, melhores condições para a narrativa, tece a fabulação com certa ingenuidade, porém conduz bem sua história, de que se ausenta, infelizmente, mais vida viva, sobrandolhe urdimento literário. O herói de seu livro é um tipo sem maior expressão e o meio em que se movimenta não nos dá êsse contraste, a violência, o choque, o conflito que poderia fazer do personagem, a que falta sentido dramático, um legítimo herói de romance. E as outras figuras são simples figurantes.

**ALMAS DESGRAÇADAS — A. Austregésilo — Pongetti — Rio** Reaparece em segunda edição êste romance do professor Austregésilo, publicado pela primeira vez em 1943, sob o pseudônimo de Feitosa Lima.

Prefaciando a obra, declara o autor que se trata de um caso verídico. Devemos aceitar a palavra do autor e, pois, ver no livro um estudo de caracteres reais, no livro, um romance **à clef**.

Austregésilo estuda aqui quatro caracteres em choque, almas desgraçadas, não pela fatalidade, pelo destino, mas, de acôrdo com as palavras de Miguel Rodaque — que êle cita — pela vontade, **pelas próprias mãos.**

Seria difícil discutir com o autor o ângulo sob que viu sua história — uma vez que não a inventou. Mas, estamos em que o romancista se deixou levar um pouco na direção do moralista — que tem sido a vocação do autor — o que nos parece uma atitude isenta, necessária a todo escritor de romances.



O livro, porém, está bem escrito, sua história absorve e prende-nos o interêsse, levando-nos ao convívio dessas criaturas severamente julgadas e punidas pelo filósofo, desde o título do livro, o adjetivo que prega às suas almas em pena.

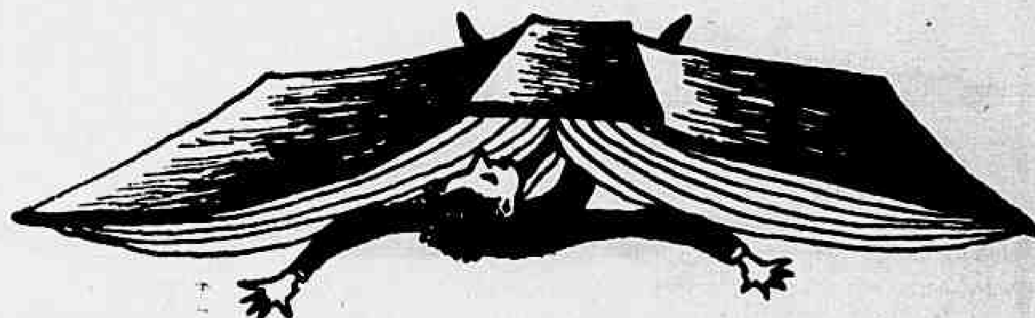
Romance psicológico, não lhe falta, a «Almas Desgraçadas», o movimento das figuras que possibilita a evolução interior dos personagens. E o diálogo, essa documentação do escritor para suas análises diretas, é sempre bem construído, aproximando-nos dêsse mundo «Bourgetiano» de almas lancinadas pelas paixões, que — é, também, o mundo dêste livro.

**DUAS OBRAS TEATRAIS — G. B. Shaw — Edições Melhoramentos — São Paulo** As obras de Bernard Shaw ganharam muita popularidade no Brasil, passando da exclusividade dos leitores da língua inglêsa, para o grande público. Isso, naturalmente, devido ao cinema e, por último, a algumas traduções montadas por elencos nacionais de teatro.

Era, portanto, justo que, atendendo ao interêsse do grande público, um editor se abalançasse a essa tarefa, já levada a efeito em outros países, de traduzir as obras de G. B. S., de forma a que o leitor de língua nacional não ficasse privado do conhecimento dêsse grande e significativo monumento teatral do nosso tempo.

A Companhia Melhoramentos empreendeu o belo serviço de nos dar Shaw em português. Aqui estão os primeiros volumes das Edições Melhoramentos, iniciando a série de traduções de peças de Shaw, assim facilitando, inclusive, o trabalho de nossos elencos teatrais, desejosos de melhorar o nível de seu repertório, e pondo ao alcance de nosso triunfante amadorismo cênico, peças que se situam entre o que de melhor se encontra no teatro contemporâneo.

«César e Cleopatra», traduzidos por Miroel Silveira, e «Major Barbara», em tradução de Moacir Werneck de Castro, são as duas primeiras peças de Shaw que a Melhoramentos nos entrega, em excelente obra gráfica, prometendo-nos uma «suite» que, por certo, será recebida, como estas duas peças, com o maior entusiasmo pelo vasto público de G.B.S.



VIDAS DE MULHERES CELEBRES

# A vida de Maria Stuart

(1542 — 1587)

Por HENRY THOMAS e DANA LEE THOMAS

( Direitos adquiridos com exclusividade pela REVISTA DA SEMANA com a Livraria do Globo, de Pôrto Alegre )

INCAPAZ de brincar durante a sua infância, ela começou a se divertir na idade adulta. E foi isso que a perdeu.

Seu pai, o rei Jaime V, faleceu no dia em que ela nasceu. Com seis dias de vida, Maria tornou-se rainha da Escócia. Dêsde o princípio foi movida como um peão no régio tabuleiro de xadrez do destino. E os jogadores que moviam êsse lindo peãozinho envolvido em cueiros eram os lordes escoceses, a respeito dos quais o embaixador francês escrevera: "O dinheiro e as conveniências pessoais são as únicas sereias a cujas vozes êsse bando de patifes prestará ouvidos. Tentar trazê-los ao senso dos deveres que têm para com o seu soberano, falar-lhes de honra, justiça, virtude, negociações decentes e dignas, isso apenas lhes provoca o riso". Desamparada nas mãos dêsses "nobres bandidos", a menina evocava sua infância como uma série de raptos, de cochichos e de repentinas viagens de castelo em castelo. Primeiro que tudo, um grupo de senhores de terras experimentou vendê-la ao rei Henrique VIII da Inglaterra como noiva do filho dele, Eduardo. Mas um outro grupo tentou vendê-la a Henrique II da França como noiva de seu filho Francisco. Em vista disso, sua mãe arrebatou-a a ambas as facções e a ocultou no castelo de Stirling. O rei inglês, porém, estava impaciente. Já tinha pago a aquisição que fizéra e exigiu o livramento dela. Estava interessado não tanto em ficar com Maria como em anexar a Escócia à corôa britânica. Como a rainha-criança não aparecesse, o exército do rei invadiu a Escócia e matou dez mil homens na batalha de Pinkie. Maria não tinha cinco anos completos, quando seu país recebeu êsse primeiro banho de sangue em defêsa dela.

Foi efetuada então uma nova viagem secreta, e a real refugiadazinha foi enviada às escondidas para uma ilha no lago de Monteith. Era agora à vez dos francêses mandarem uma fôrça expedicionária em busca de Maria. Desta feita sua mãe entregou a preciosa mercadoria; e em 7 de agôsto de 1548 a diminuta rainha da Escócia, com cinco anos e oito meses de idade, foi despachada para Brest, a fim de desposar o herdeiro do trono francês. Êsse seu futuro espôso acabara de fazer quatro anos e meio.

Receberam-na com pompas abafantes. Deram-lhe tudo que ela quis, exceto ocasião para brincar. Ensinaram-lhe grego e latim; a compor poesias; educaram-na na requintada arte de agradar, mas não na mais requintada de ser agradada. "Sua filha", escreveu o cardeal de Lorena à mãe de Maria, "é perfeita e completa em tôdas as coisas... que não se vê neste reino outra que se lhe compare". Essas palavras expressavam a verdade. Não existia em tôda a França outra criatura infeliz como Maria da Escócia, uma jovem adolescente que nunca fôra criança. Uma rainha que inveja as alegrias de uma camponesa. Até as satisfações comuns de uma mulher casada lhe eram negadas. Porque seu real espôso era um rapaz doentio que a acariciava e se curvava ao sol da beleza dela, mas que nunca era capaz de lhe dar seu amor. Rainha da Escócia, rainha da França, farta de glória, faminta de vida. Durante vários anos acompanhou respeitosamente o marido, que sofria acessos periódicos de febre, e por fim um dia, respeitosamente assistiu-lhe à morte e vestiu o véu de viúva.

Por quarenta dias, de acôrdo com a etiquêta da casa real da França, ela permaneceu retirada nos seus aposentos, mantendo as cortinas fechadas para interceptar a luz do sol. Seu quarto de dormir, iluminado noite e dia por velas, parecia uma cripta.

Quando o período de luto terminou, ela saiu das trevas da sua cripta e voltou às sombrias névoas da Escócia. Era então uma velha de dezoito anos.

## II

De repente a velha remoçou, tornando-se uma jovem. Achara uma refinada distração: seu próprio corpo ardente e belo. Uma oportunidade para compensar sua tristonha infância, para aspirar não só ao poder como também à paixão. Um casamento "conveniente", desta vez, com um homem vigoroso e fidalgo. Um nobre de ascendência real, cuja ambição abarcava o trono inglês. Maria da Escócia queria tornar-se também rainha da Inglaterra. Por que não? Segundo pensava, Isabel era uma intrusa. Filha de uma mulher de costumes livres, Ana Bolena. Ela, Maria, era um ornamento muito mais apropriado para o trono da Inglaterra. Como Isabel, era bisneta de Henrique VII. Mas, ao contrário de Isabel, podia vangloriar-se de um sangue real puro e imaculado. Ligar-se-ia a um homem de sangue igualmente puro, um homem alegre e apaixonado, um marido apto a ser rei. Juntos derrubariam aquela "bastarda" rainha da Ingsaterra, apoderar-se-iam da coroa inglêsa e seriam senhores supremos das Ilhas Britânicas.



MARIA STUART

Mas um tal moço poderia ser encontrado? Podia, sim. Henrique Darnley, com dezenove anos, filho do conde de Lennox. Também êle era bisneto de Henrique VII; um jovem cortesão, vivo e de valôr. "De cabelos louros, barba raspada, brincalhão e cioso de seus direitos, êle era" — para citar as próprias palavras de Maria Stuart — "o mais elegante e bem proporcionado dos homens altos" que ela já vira. Casou-se com Darnley, ganhando com isso uma distração temporária e dois inimigos para a vida inteira: a rainha Isabel e Jaime Stuart.

A rainha Isabel, prima da rainha Maria, era em muitos aspéctos o opôsto dela. Maria Stuart era uma aventureira impulsiva, uma romântica sonhadora, uma apaixonada e atrevida jogadora, "um corpo de mulher", como notou o papa uma vez, "com alma de homem". Isabel Tudor, por seu lado, era uma política sagaz, uma realista prática, uma calculista perseguidora de sua prêsa, um corpo de homem com alma de tigre.

Num aspécto, porém, eram semelhantes. Cada qual tinha em mira uma única coisa: tirar a outra do caminho. Todavia, na sua freqüente correspondência rosnavam-se mútuamente felinos protestos de amizade. "Minha caríssima irmã". "Minha querida prima". "Como me sinto feliz por vê-la feliz".

Foi nêsse estilo que Isabel felicitou Maria por seu casamento com lorde Darnley. Em segrêdo, no entanto, incumbiu Jaime Stuart de provocar uma rebelião na Escócia e promover a queda de Maria; e, se possível, a morte dela.

Jaime Stuart, conde de Moray, era irmão unilateral (e ilegítimo) da rainha Maria. Nutrindo grande ambição pelo trono escocês, ficou furioso quando sua irmã, devido ao casamento com Darnley, deixou êsse trono mais do que nunca fora do alcance dele. Não podia deixar de estar contente, portanto, ao aceitar a incumbência de Isabel e se colocar — secretamente, é claro — à frente da insurreição contra sua irmã. Se êle conseguisse tirar Maria do caminho, pensava Jayme, então seria uma boa idéia maquinar contra Isabel um afastamento semelhante. E, assim, essas três "supremas personagens" urdiam prazenteiramente sua trama: um lindo triângulo de velhacaria régia.

Na urdidura dessa tríplice teia de recíproca aversão, a rainha Maria levava desvantagem. Porque seu trono nunca estivera seguro, sendo uma ilha de catolicismo num mar de agitação protestante. Em sua chegada à Escócia tivera uma das mais frias acolhidas. Apenas um punhado de pescadores e camponeses tinham vindo saudar a soberana quando ela desembarcara em Leith. Uma de suas primeiras experiências em Edinburgh foi um furacão de abusos por parte de João Knox, o atrabiliário chefe da Igreja Reformada na Escócia. Segundo Knox, havia dois modos de vida: o seu próprio, e o do Diabo. Considerava-se o único intérprete da vontade de Deus na terra. E desgraçados daqueles que recusassem subscrever a interpretação dele ! Se Maria estivesse disposta a renegar a "Congregação de Satã" — nome que João Knox dava à Igreja Católica — evitaria muitos dissabores. Mas, não obstante sua frivolidade, a rainha manteve corajosamente as suas convicções católicas. Negou-se a ceder uma polegada que fôsse.

Uma firme adesão à fé e uma fácil submissão às convenções, tal era o comportamento paradoxal de Maria Stuart, que elevava o espírito ao céu e prendia o coração à terra. Forneceu a seus inimigos abundante munição para ser empregada contra ela. Brincava com seus cortesãos como uma menina brinca com suas bonecas. Primeiro foi o poeta francês Chastelard, apanhado quando se escondia no quarto de dormir dela. Depois foi seu secretário italiano, Rizzio. Ambos pagaram com a vida sua temeridade. Maria, em cada uma dessas ocasiões, protestou sua inocência; mas ninguém a acreditou, e ainda menos do que todos Isabel e Moray. A teia começava a se apertar em roda dela.

Maria Stuart, porém, negligenciando sua reputação, continuou em seus pecadilhos. E dêsses pecadilhos triviais para um grave crime não foi mais do que um curto passo. Maria estava farta do marido. Estava desapontada com êle. Êle era um fator negativo na sua luta pelo trono inglês. Esperara que êle fôsse um lutador, e acontecera que se tornara um fato. Na Escócia, porém, *havia* um homem capaz de lutar. De amar. De se arriscar. Jaime Hepburn, conde de Bothwell. Homem brilhante, soldado corpulento e rijo; um aventureiro cuja espada era tão cortante quanto sua língua. Que companheiro real *êle* seria !

Mas havia dois obstáculos para que ambos se unissem: o marido dela e a mulher dele. Quanto à espôsa de Bothwell, o conde estava disposto a se divorciar dela. E quanto ao marido de Maria, o conde estava da mesma forma disposto a matá-lo. E o matou; com o consentimento de Maria, e mesmo, ao que parece, com a cumplicidade dela.

O assassínio de Darnley foi uma vileza. O rei, sabedor da crescente repugnância da rainha por êle, retirara-se para um castelo em Glasgow. Aí residia com o pai, o conde de Lennox, e protegido por uma guarda de seus partidários. Como chegar a êle nessa fortaleza e o atrair para a morte? Maria e Bothwell quebraram a cabeça juntos e descobriram um plano prático. Darnley estava convalescendo de um severo ataque de varíola. Maria, com uma súbita demonstração de arrependimento para com seu "pobre, abandonado e querido espôso", foi visitá-lo, e alisou-lhe as rugas da testa, e sussurrou-lhe ao ouvido doces palavras.

— Por que ficar nesta sombria fortaleza de paredes úmidas e ar pestilento? Deixe-me levá-lo para uma casa sossegada em Edinburgh, onde o possa ver freqüentemente e cuidar de seu restabelecimento.

Darnley rendeu-se ao carinho dela e consentiu, doente como estava, em ser levado para a "casa sossegada" de Edinburgh. Essa casa, "um lugar solitário longe de qualquer vizinhança", estavà situada num caminho marginado de árvores que tinha o nome apropriado de *Thieves'Row*. (*) Aí o acabrunhado marido, com as faces ainda marcadas pelas bexigas, mas com os olhos "mais alegres do que nunca", contava com uma segunda lua de mel junto à mulher a quem ainda amava desesperadamente. Rogou-lhe que trinchasse a carne para êle, apegou-se à espôsa, e na sua paixão não percebeu o esgar de nojo que os lábios dela faziam ao tocar nos dele. Beijo de Judas. Implorou que ela passasse a noite com êle. Maria, porém, excusou-se: um importante negócio de Estado, disse ela, exigia sua presença no palácio.

Domingo, 9 de fevereiro de 1567. A noite vai avançada. A rainha acaba de voltar de uma festa nupcial a que compareceu; casaram-se dois de seus fiéis servidores. Bothwell também estêve presente à recepção. As festividades terminaram. Agora a rainha dorme.

Violentas batidas na porta. Que insolente sujeito será *êsse?* A rainha não deve ser incomodada. Está tão cansada de ter lançado!

Mas as pancadas persistem.

— Uma notícia urgente!

A rainha é despertada e recebe a notícia. O rei seu marido, Henrique Darnley, acaba de sucumbir numa explosão na casa sossegada. "Mal feitores desconhecidos".

## III

Maria Stuart aproximava-se do zênite da sua ambição. Tinha um marido (Bothwell) que participava da audácia dela e um filho (tido de Henrique Darnley) que a sucederia no trono. Mais um passo, a eliminação de Isabel, e todos os seus sonhos se realizariam.

Pensava ser coisa fácil desembaraçar-se de Isabel. Bothwell era o soldado mais capaz das Ilhas Britânicas, e seu exército de assassinos não temia nem feras, nem homens, nem demônios. Uma apressada acusação de cumplicidade no assassínio de Darnley fôra formulada contra Bothwell. Mas o atrevido "réu" comparecera ao julgamento com uma cavalgada de quatro mil homens armados, e os juízes aterrados deram-se pressa em absolvê-lo de "qualquer participação na morte do rei". E então, brandindo sua espada desembainhada, percorreu a cavalo as ruas da cidade e desafiou todos, quer na cidade, quer no mundo, a que o declarassem culpado.

---

(*) *Alamêda dos Ladrões.*

(Cont. na pág. 51)

# "A BANDEIRANTE É UMA IRMÃ"



Preparando o terreno para a instalação da barraca

A vida ao ar livre nos acampamentos é uma das práticas mais características do bandeirantismo. Todos os anos, neste ou naquêle Estado, congregam-se os seus membros, erguem suas barracas e organizam sua vida de comunidade: enquanto umas cozinham, outras cuidam da limpeza, do aprovisionamento, do suprimento de água ou do fornecimento de lenha. Há tesoureiras, secretárias, chefes do serviço de saúde. Cada uma tem sua tarefa determinada e a cumpre para o bem estar do grupo.

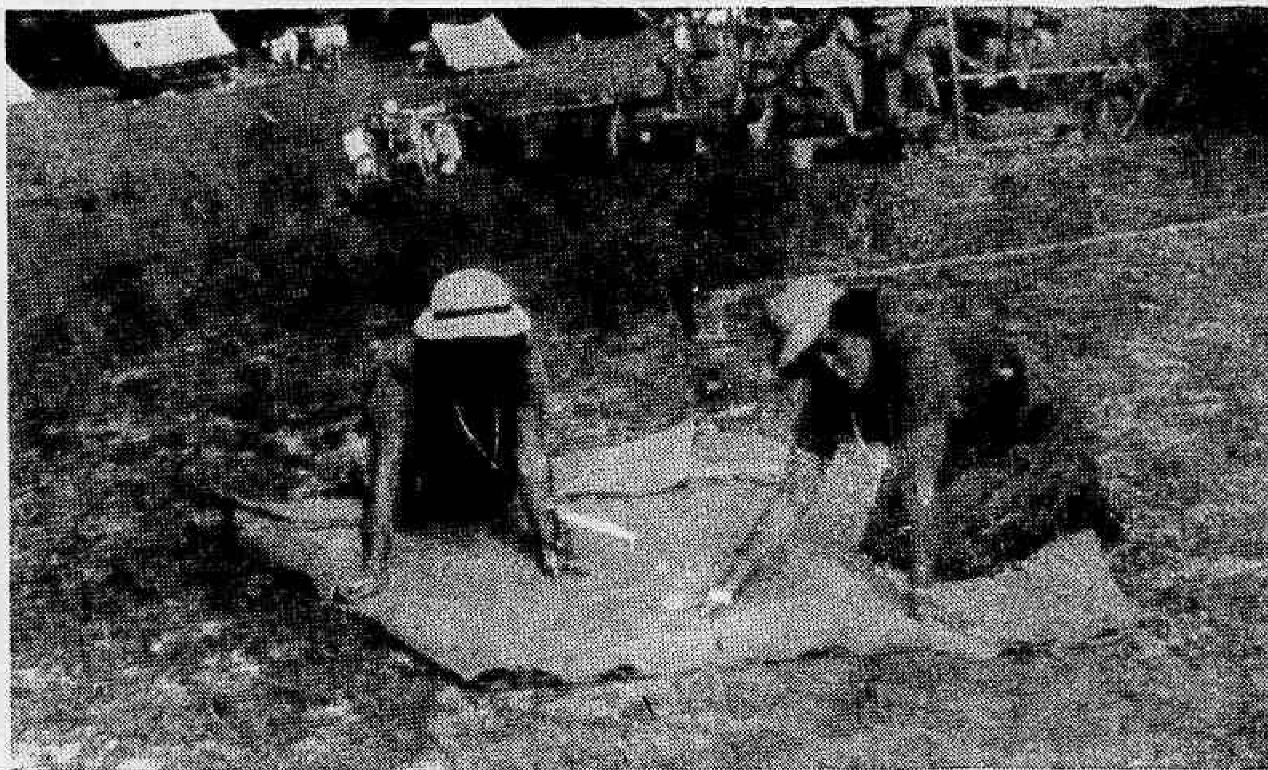
Há hora para tudo: orações, missa, hasteamento da bandeira, círculos de estudos, debates sôbre problemas da organização e deliciosos intervalos de folga. Como o local é sempre cuidadosamente escolhido, em regiões muito pitorescas, fazem excursões divertidas e instrutivas: enquanto passeiam, vão estudando a natureza e aperfeiçoando-se em conhecimentos da técnica bandeirante: sinais de pista, sinalização a distância, levantamento de mapas, etc.

À noite reunem-se em volta de uma fogueira, como num grande serão familiar: é a hora da intimidade, dos conselhos e comentários das chefes e do recreio, com canções, danças e representações.

Revigoram assim o corpo e o espírito, aprendem a trabalhar em comum e põem em prática uma das leis mais típicas do bandeirantismo, — "A Bandeirante é uma Irmã para as outras Bandeirantes". Não há mais distinções de classe: são tôdas membros da grande organização de Baden-Powel que tem por base o espírito de fraternidade e o serviço ao próximo. Fazem uma provisão riquíssima de alegria sádia e verdadeira.



Arrumando a mochila. Trabalho que requer jeito...



Desarmando a barraca. Onde irão dormir esta noite?



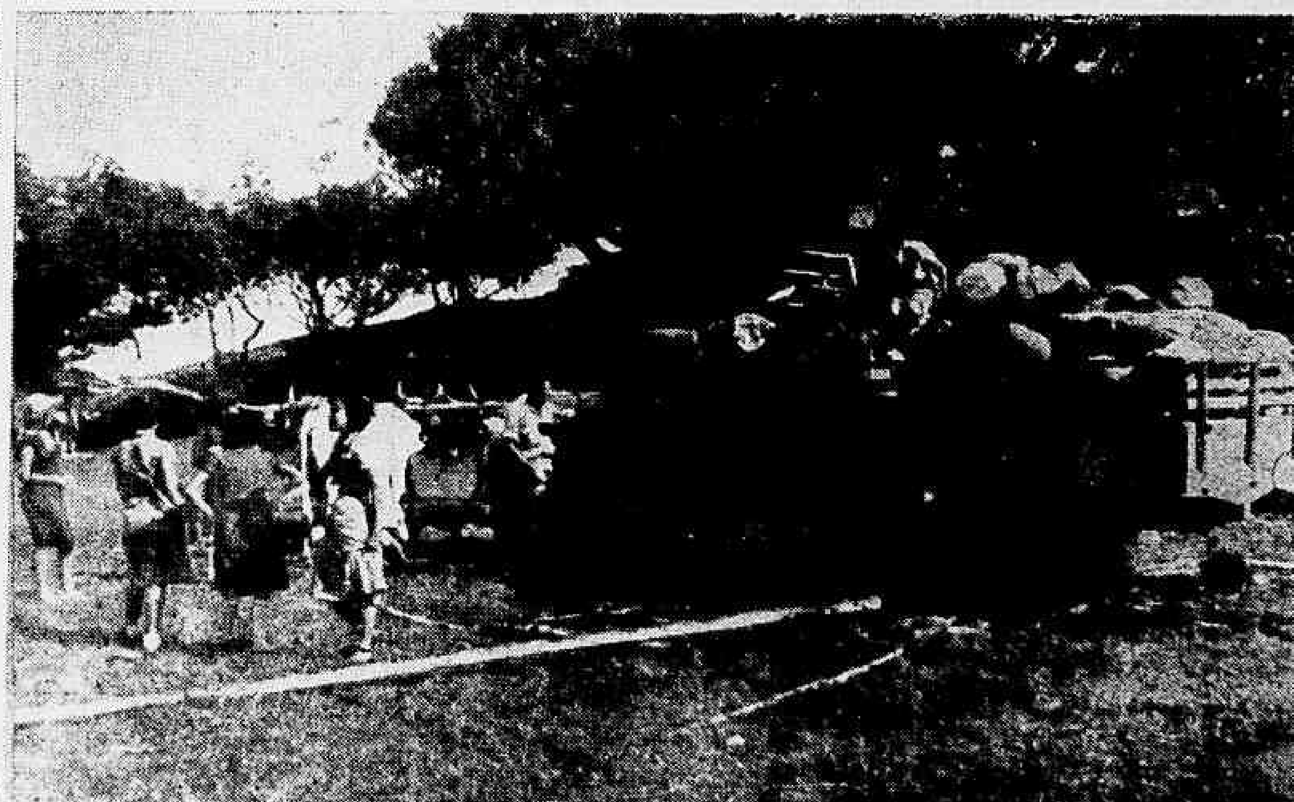
Uma patrulha em atividade. Neste momento descansam



E agora, um delicioso passeio de bote pelas imediações



Em Guarapari, Espírito Santo, um sorriso para a câmera



Levantando acampamento. Volta para casa. Repouso...



ALGUNS "BROTINHOS" DE GRENADA, EXIBINDO OS MAIS BELOS MODELOS DE CHAPÉUS FEITOS NA ILHA



COMO SUCEDE em vários Estados do nordeste brasileiro, as mulheres de Grenville, em Grenada, são peritas em fabricação de chapéus de palha dos coqueirais da região

# GRENADA, UM PARAÍSO NAS ANTILHAS

## UM POVO QUE NADA TEM PARA OFERECER, MAS QUE OFERECE DE CORAÇÃO O POUCO QUE POSSUI ★ ONDE UMA PROPOSTA DE PAGAMENTO É MAL COMPREENDIDA... ★ UM DOS LUGARES MAIS EXÓTICOS DO MAR DAS ANTILHAS

De **T. ORDA**
**(Exclusividade da IPA — REVISTA DA SEMANA)**

UM dos recantos menos conhecidos da América Central, é o grupo de ilhas do mar das Pequenas Antilhas, como por exemplo, a ilha de Trinidad, Bermuda e Barbados. Mas, entre tôdas estas numerosas ilhas que formam a possessão britânica das Indias Orientais, as menos conhecidas são as ilhas do grupo de Windwart.

A capital dêste arquipelago se encontra na ilha principal, que é Grenada. Ela encerra, no sul, a cadeia destas ilhas, fechando o mar das Antilhas, estando muito próxima das costas sul-americanas, isto é, perto da Republica da Venezeela.

Esta ilha perdida é um dos lugares mais exóticos do mar das Antilhas. Grenada sobreviveu ao tempo da influência espanhola, influência esta que se reconhece ainda até agora, muito mais do que nas outras ilhas componentes do arquipelago das Antilhas.

Para irmos a Grenada devemos utilizar a via maritima. A viagem é muito emocionante, especialmente se tivermos a sorte de fazer a travessia sem termos que experimentar os rigores das tempestades locais.

É uma ilha montanhosa, de origem vulcanica e com uma superfície de 133 milhas quadradas. O número de habitantes sobe a cem mil, mas o número exáto só será estabelecido depois de conhecidos os resultados do recenseamento que esta sendo realizado.

A primeira pergunta que fizemos a um carregador de côr que encontramos no pôrto, foi sôbre as condições climatericas da região. "Algumas vêzes muito quente, outras vêzes chuvoso, e de tempos em tempos, uma tempestade" — foi a resposta laconica. Mas depois êle nos informou que o clima é muito ameno, mas que durante o verão as chuvas são ininterruptas. Infelizmente, as tempestades são bastante frequentes, variando de intensidade e destruindo periodicamente tudo o que encontram em seu caminho. Estas tempestades são muito piôres do que as piôres das chuvas. "Há alguns dias — disse o nosso carregador — uma tempestade destruiu completamente muitas casas, e entre elas, a minha pequena cabana situada na aldeia de Esperanza. "Apos cada tempestade, as estradas ficam interrompidas durante alguns dias, porque o vento, arrasando as grande árvores, lança-as no meio das vias públicas, formando uma verdadeira barreira intransponivel.

"Mas agora, tudo está já de novo em ordem" — continuou êle — e se nós tivessemos, algum tempinho, seria para êle uma grande honra receber-nos em uma visita a sua aldeia de Esperanza. Êle tem mesmo a esperança que nós ficariamos contentes em vêr como vivem e trabalham seus compatriotas, assim como a beleza do local. "Um verdadeiro paraiso!" — acrescenotu êle com um sorriso feliz.

E não é sòmente dele que recebemos êste convite. Todo o mundo convida os estrangeiros, e esta hospitalidade cheia de coração e de boa vontade é que mais nos surpreende nestas ilhas das Antilhas. Esta hospitalidade resta ainda dos antigos costumes dos espanhois. Em todos os países da América Central e do Sul sempre se é convidado com a maior das boas vontades. Mas em Grenada, esta hospitalidade tem uma caracte-



S. JORGE é a capital da ilha de Grenada. Aqui vemos uma cena da feira, cheia de pitoresco



COM OS seus dedos ágeis, esta mulher de Grenada tece a palha para fabricar lindos chapéus

## GRENADA — PARAÍSO DAS ANTILHAS



CABANA típica no interior da ilha. Aqui uma avó, mãe de 22 filhos, ensina à neta a tecer

rística tôda espécial, não é sòmente um velho costume, mas vem diretamente do coração. E' a hospitalidade dos pobres, homens honestos e justos, que não têm muito para oferecer, mas que oferecem com todo o coração o pouco que possuem!

As primeiras coisas que recebemos de presente, foram chapéus de palha, com tipos de formas espanholas e desenhos típicos de Grenada. Quando quisemos pagar a Joan, nosso guia, êle se irritou muito, e não quis mais falar conosco durante o resto do dia. Mais tarde êle nos disse que em Grenada não se pode nunca fazer propostas de pagamento, porque isto é muito mal compreendido.

A capital chama-se São Jorge, onde está localizada a séde do governadôr inglês, com uma equipe de funcionrios que são em grande parte nativos. Para melhor vêr-se a vida da ilha, é preciso visitar seu interior. A mais bela estrada conduz da capital até Grenville. Em todos os lugares encontram-se aldeias muito pitorescas, colocadas nas florestas ou nas encostas das montanhas. O país é mais agrícola do que industrial e é um grande produtor de açúcar de cana, produzido e refinado em modernas fábricas. Mas sòmente sessenta mil acres de terra estão sendo cultivados. Os principais produtos de exportação são ao lado do açúcar, amendoim e o cacáu. Encontra-se também plantações de algodão e de copra. A indústria é quasi inexistente.

E' muito caracteristico que em todos os lugares os homens trabalham junto com as mulheres. As delicadas mãos femininas plantam e cultivam pinhões. Entre as numerosas árvores vêem-se os chapéus coloridos destas gentis trabalhadoras. Observa-se também a permanente construção de estradas, construções feitas também com a ajuda das mulheres. O povo de Grenada compreende bem a necessidade de boas estradas e faz o possível para conserva-las após os temporais. Naturalmente, não são estradas modernas, porque nêste paraiso terrestre não existem muitos automóveis. Quando perguntamos a Joan quantos carros havia na ilha, êle poz-se a contar nos dedos da mão e chegou a aproximadamente cinqüenta carros, dos quais havia sòmente seis ônibus...

As condições sanitarias nas aldeias são excelentes. Os habitantes estão sob contrôle médico permanente e a porcentagem de mortalidade é menor do que no país mais vizinho, a Venezuela. No ano passado, em tôda a ilha, havia para 2204 nascimentos, sòmente 1100 mortos, isto é, houve

(Cont. na pág. 51)



MULHERES habitantes da aldeia de Marquis no árduo trabalho de colhêr palha para chapéu



VISITA de turistas a Marquis. Todos se admiram das habilidades dos naturais da ilha



CESTAS, BOLSINHAS, CHAPÉUS, TUDO FEITO COM MUITA ARTE, SÃO LEVADOS PARA A FEIRA

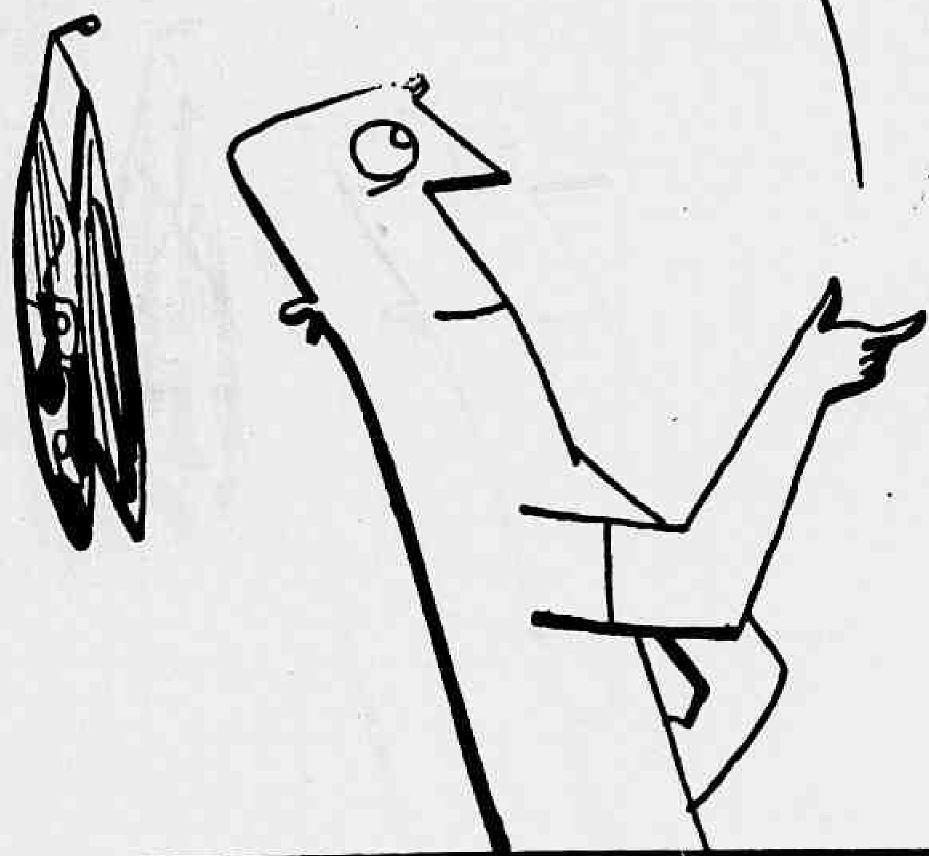
NICODEMUS INDICA O CAMINHO DE FUGA AO

# PECADO

CORÔA
EU FICARIA
EM CASA
NÃO
SUCUMBIRIA
AO PECADO
JA' QUE PECAR
E' TÃO FEIO
TÃO ABOMINAVEL
TÃO
TÃO ...
NÃO ME DEIXARIA
APRISIONAR POR BRAÇOS TEUS...

EU ESTAVA SENDO HONESTO
COMIGO
DANDO A MIM MESMO
UMA INCORRUPTIVEL CHANCE
DE CINCOENTA POR CENTO ..

E JA' QUE EU INDECISO
ME ENCONTRAVA
TIREI CARA
OU CORÔA ...



CORÔA!

NÃO IRIA ...
MAS FUI.



A ATRIZ MARIA SAMPAIO foi especialmente a Lisboa posar o papel de Madalena de Vilhena, nesse filme português. Aqui a vemos, nos braços de Raul de Carvalho, intérprete do papel-título, tudo fazendo crer que tenham ambos registrado boa «performance». Maria Sampaio já tomou parte em outros filmes da mesma procedência, inclusive «A Severa»

# FREI LUÍS DE SOUZA

LEVADA PARA A TELA, POR ANTÔNIO LOPES RIBEIRO, A OBRA DE ALMEIDA GARRETT ★ QUASE CONCLUÍDO O FILME QUE TEM RAUL DE CARVALHO E MARIA SAMPAIO COMO INTÉRPRETES

*Lisbôa, agôsto (Via aérea)* — Quando regressou ao Brasil, faz três semanas, a atriz Maria Sampaio deixou praticamente concluidas as filmagens de "Frei Luís de Souza", a mais recente e tão esperançosa realização de Antônio Lopes Ribeiro. Por se tratar de uma película que reúne um número limitado de interpretes, pôde o trabalho dos "takes" e gravação dos diálogos fazer-se em reduzido espaço de tempo. Diga-se dêsde já que não houve "play back", nem qualquer "doublage" na gravação dêsses diálogos. Fêz-se tôda a gravação direta e simultaneamente com as filmagens. Dêsse modo, é certo que o sincronísmo terá de ser perfeito e irrepreensível.

A bem dizer, procuraram os realizadores de "Frei Luís de Souza" seguir, tão de perto quanto possível, a fidelidade literária do original de Almeida Garrett, peça que nos palcos portuguêses contam um sem número de representações e, por muitos e justos títulos, considerada uma obra-prima da literatura dramática em nosso idiôma.

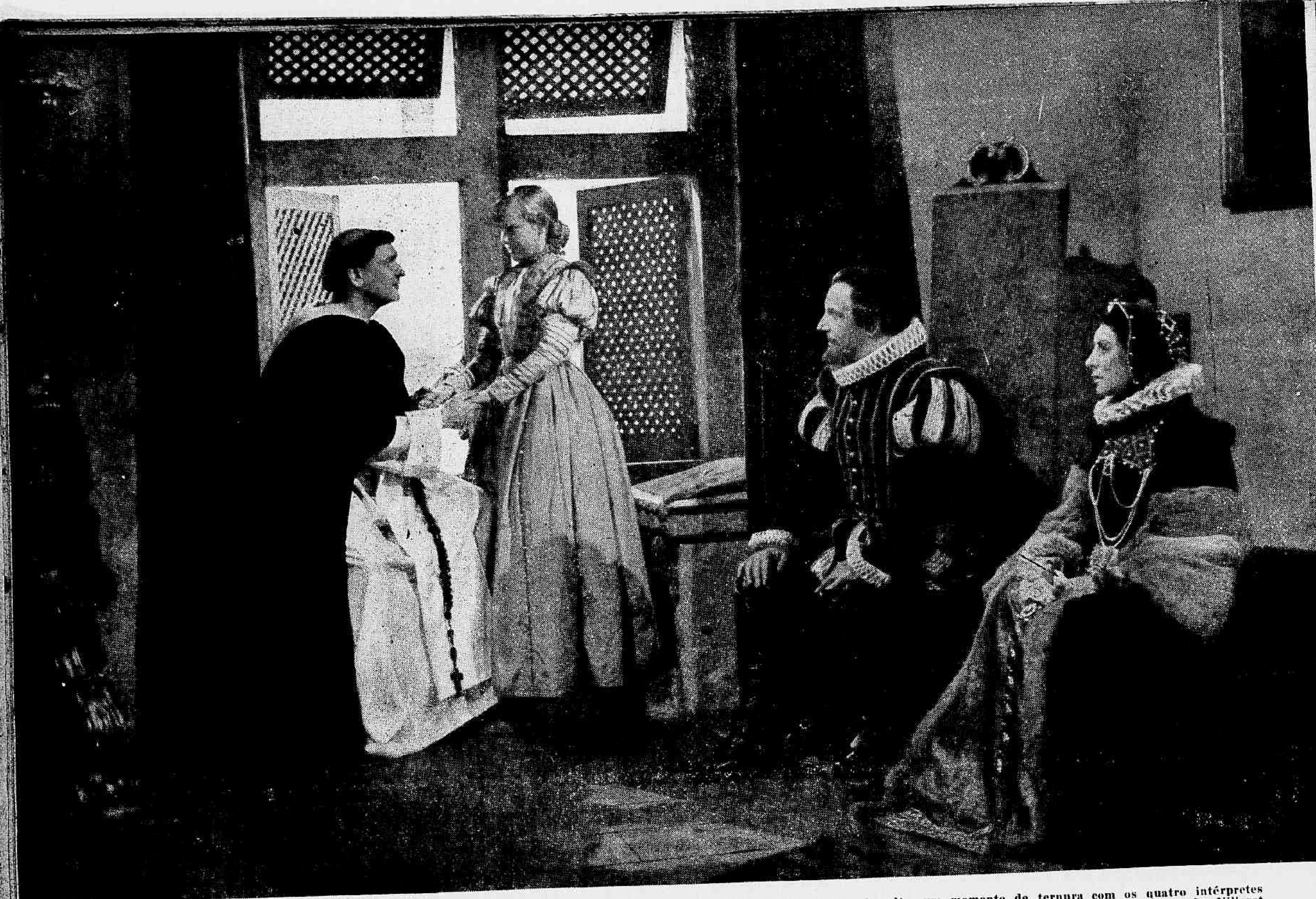
A princípio, as filmagens sofreram o atraso de algumas semanas, em face das dificuldades que se apresentaram para descobrir uma jovem artista, cuja idade, para ficar condizente com o papel de Maria de Noronha, não poderia ir além de dezesseis anos. E o que tanto trabalho deu para encontrar, foi muito bem compensado, na



A JOVEM MARIA DULCE, que tudo faz crer será uma revelação nêsse filme, interpreta a parte de Maria de Noronha, contracenando com a simpática atriz Maria Sampaio



ANTÔNIO MACEDO (Frei Jorge), Maria Dulce (Maria de Noronha) e Raul de Carvalho (Frei Luís de Sousa), em outra seqüência do filme que estreará em Lisboa, no próximo mês



**ANTÔNIO LOPES RIBEIRO** acredita ter produzido a sua melhor realização cinematográfica neste empreendimento. Ao alto, um momento de ternura com os quatro intérpretes centrais. Na gravura inferior, Maria Dulce, que tem a seu cargo papel de extrema responsabilidade. A seu lado, Maria Olguim. De costas, estão Maria Sampaio e João Villaret

pessoa da jovem Maria Dulce, uma criaturinha da semblante angelical, de olhos meditativos e de porte airoso, que será, não haja dúvida, uma legítima revelação da nossa cinematografia.

O papel título é encarnado por um ator de segurança artística e integral prestígio, Raul de Carvalho, que já o fêz também, e com absoluto sucesso, nas tábuas. Por sua vêz, Maria Sampaio tem a seu cargo a parte importante de dona Madalena de Vilhena. Foi encontrar essa intérprete no Brasil, o diretor Lopes Ribeiro, quando ali esteve, há dois anos, onde se encontrou, então, com Antônio Vilar. Nessa ocasião, Maria Sampaio — que fazia mais de dez anos não vinha a Portugal — comprometeu-se a interpretar essa personagem. E fiél à sua palavra, aqui a tivémos por espaço de três meses, enquanto se atacaram as filmagens.

Também João Villaret, ator de inconfundível relêvo que em duas sucessivas "tournés" ao Brasil conseguiu renome, aparece em "Frei Luís de Souza"; é êle Telmo Pais, outra lendaria e renomada figura daquele poêma. E todos devemos esperar de Villaret — que nêste momento excursiona pela África portuguêsa, até onde foi levar a arte de sua declamação incomparável — outra "performance" de marcado êxito.

Há ainda Barreto Poeira, no Romeiro, e Antônio Macêdo, no Frei Jorge, ambos muito sincéros e corrétos.

A fotografia dessa película está confiada a Aquilino Mendes, no gênero um artista de larga consagração. Os trabalhos de filmagem, revelação e copiagem, fazem-se nos estúdios da Tobis e da Lisbôa Filmes, que hoje obedecem a uma única orientação.

Quanto a Antônio Lopes Ribeiro, homem a quem o cinema português deve tantas outras realizações de envergadura artistica inesquecível. dêsde o notável "Camões" que Antônio Vilar interpretou, vale reproduzir as palavras que dele

(*Continua na pág.* 52)





JOÃO VILLARET (Telmo Pais) dará outra de suas notáveis criações neste filme. Aqui o vemos com Maria Sampaio



A FOTOGRAFIA de «Frei Luís de Sousa» está confiada a Aquilino Mendes, um dos melhores «cameramen» lusitano





MARIA SAMPAIO NA PROTAGONISTA DE "FREI LUIZ DE SOUZA"

# O AMOR TAMBÉM SE REPARTE...

MARGARIDA, ao contemplar aquela frágil criaturinha, teve ímpetos de despachá-la imediatamente, renunciando ao plano que de há muito arquitetara e agora tentava pôr em prática. Refletiu, porém, e corajosa — gentil mesmo — disse:

— Queira entrar, senhorita. Vejamos se conseguimos chegar a um acôrdo.

A mocinha, um tanto tímida, transpôs a grande porta que dava acesso ao interior da luxuosa residência. Atendendo ao convite que lhe fêz a rica senhora, sentou-se numa cômoda poltrona. Seus olhinhos curiosos percorreram todo o ambiente. O que via, deslumbrava-a. Sentiu vontade de retirar os pés de sôbre o tapete que se estendia por quase tôda a sala. Aquilo seria mesmo para se pisar? Margarida fitava-a, evidentemente impressionada com a sua atitude, e mais ainda pela nobre aparência que lhe emprestava o nariz levemente arrebitado.

— Então, a senhorita trouxe referências?

Elizabeth abriu a pequena bolsa que trazia; dela retirou um envelope, entregando-o à sua futura patroa.

— Bem; deixarei isto para ler depois. As referências, a seu respeito, que me foram feitas pessoalmente por minha amiga Helena, são plenamente satisfatórias. Estou disposta a aceitá-la como minha empregada, com os vencimentos de mil cruzeiros, dêsde que se sujeite às seguintes condições: a senhorita não trabalhará de avental, fazendo todo o serviço com roupa que eu mesmo fornecerei; durante a semana, não poderá conversar, com o seu namorado caso possua. Para isto, terá de folga os domingos; não poderá se recolher antes das 23 horas; e, finalmente, deverá cumprir tôdas as minhas ordens, por mais extravagantes que lhe pareçam.

Por um momento, Elizabeth ficou silenciosa. Estranhas condições lhe eram propostas. A oportunidade, porém, era única, e ela não podia recusá-la.

— Pois bem, senhora; aceitarei o emprêgo.

Margarida, mais uma vez, duvidou do êxito de seu plano. Não estaria ela sendo egoísta em demasia? Afinal, Roberto era um bom marido. Sua vaidade, porém, espicaçou-a fortemente. Segurando Elizabeth pelo braço, conduziu-a a um pequeno apartamento, sòbriamente adornado.

— Êste será o seu quarto. Aquêle guarda-vestidos lhe pertence. Tôda a roupa foi confeccionada de acôrdo com as informações de minha amiga, que a conhece muito bem. Portanto, deve servir-lhe. Agora, uma observação: meu marido normalmente chega depois das 22 horas, quando as outras empregadas já estão dispensadas. A senhorita fica encarregada de atendê-lo, mesmo que eu já tenha me recolhido. Agora, esteja à vontade; quando precisar, eu a chamarei.

A espôsa de Roberto retirou-se, demonstrando muita naturalidade. Em seu quarto, porém, deixou-se cair na cama, tentando justificar o seu ato. Dêsde o seu casamento, notara que Roberto era extremamente volúvel, não obstante as suas provas e juras de um amor sincero e único. Ela, na verdade, não conseguira ainda apurar qualquer leviandade do marido. As noites que êle não vinha para casa, sempre eram justificadas de modo irrefutável, assim como o fato de chegar sempre em horas avançadas amparava-se na necessidade de atender aos negócios de sua firma, cuja diretoria, da qual era presidente, reunia-se com uma assiduidade deveras irritante. No entanto, as insinuações de Helena não podiam constituir apenas um prazer mórbido, que encontrasse justificativa na própria futilidade de seu espírito.

A mulher, principalmente quando bela, é dona de um terrível egoísmo em relação ao objeto de seu amor. Aliás, o ciúme apresenta-se sempre com maior intensidade nas mulheres que incarnam êsses dois extremos — o da beleza e o da fealdade. A bela julga-se a única merecedora, sente necessidade de monopolizar tudo que a cerca, não admitindo a hipótese de qualquer concorrência: a que é feia, faz do ciúme a sua principal arma, tentando isolar o merecedor de seu afêto no círculo exclusivo de suas atenções.

Margarida era bela, jovem e inteligente. Por isto mesmo, a atitude de Roberto a martirizava. Ela o queria prêso, submisso a seus pés, pronto a atender aos mais insignificantes caprichos do seu amor. Êle, porém, era diferente, tratando-a com a mesma gentileza que dispensa às suas amigas. Mas se fôsse só isto... Ainda deitada, Margarida sentiu um frêmito percorrer-lhe o corpo, ao imaginar Roberto repartindo com outras o seu amor. Ela possuía a certeza de que isto acontecia, mas esta certeza provinha sòmente de seu raciocínio, das conclusões a que chegava nas longas noites de insônia. Provas, porém, ela não as possuía, além das insinuações de Helena e de suas amigas mais íntimas. Mas era necessário que a verdade pairasse sôbre tudo. Se Roberto era capaz de assim proceder, ela agora o saberia. Elizabeth, muito embora a sua condição, era também jovem e bela. Seu plano podia ser uma coisa horrenda, indigna, mas de qualquer maneira ficaria sabendo se os seus encantos não eram suficientes para que Roberto sòmente a ela pertencesse. Aguardaria os acontecimentos, e também as consequências...

★

O primeiro mês passou-se sem grandes novidades. Elizabeth não compreendera ainda porque era tão bem tratada por sua patroa. Parecia mais uma pessoa da família do que uma simples empregada. Ficou intrigada, porém, quando um dia Margarida lhe falou:

— Então, satisfeita?

— Sim; aliás, a senhora tem sido...

(Cont. na pág. 52)

Conto de **MÁRCIO PINTO**
Ilustrou. **OSWALDO DA CUNHA**

Oswaldo da Cunha



EM FAMÍLIA — A Associação aluga uma casa em Botafogo para residência de algumas de suas sócias. Poucas são as vagas, numerosos os pedidos. Enfim, fazem o que podem. As moças sentem-se como em suas próprias casas, e vivem felizes. Aí estão: — Isabel, mineira, comerciária; Adalgisa, petropolitana, aeromoça; Margarida, mineira, estudante, o brotinho da casa; Necy, espiritossantense, dietista; Lúcia, sergipana, escriturária; Ventura, matogrossense, comerciária, e Ivete, matogrossense, estudante

# TODAS POR UMA, UMA POR TODAS...

QUASE CENTENÁRIA A IDÉIA DE UMA ASSOCIAÇÃO SÓ PARA MOÇAS ★ INSTITUIÇÃO EDUCACIONAL E DE ASSISTÊNCIA SOCIAL ★ EXISTE EM MAIS DE 60 PAÍSES ★ ORIENTAÇÃO CRISTÃ SEM PRECONCEITOS ★ INICIATIVAS E REALIZAÇÕES ★ RELATO DA VISITA À SEDE E À RESIDÊNCIA DA ASSOCIAÇÃO CRISTÃ FEMININA

Texto e fotos de **SABINO CANALINI**

O problema do feminismo, isto é, da evolução social da mulher e de sua luta constante para conseguir uma vida independente, baseada porém em princípios morais que a tornem digna de respeito, não é de hoje. Centros mais evoluidos teem na mulher um ser capaz e eficiente para a grande maioria das atividades humanas. Demonstrou-o claramente êste último decênio, convulsionado pelas guerras que afastaram durante anos seguidos os homens de seus afazeres comuns, obrigando as autoridades a lançar mão dos braços femininos para executar tarefas outrora consideradas não só pesadas como impróprias para as mulheres. Já pertence ao passado a teoria da inferioridade do chamado sexo fraco frente aos homens. Faltava-lhe apenas instrução e educação adequada para a vida diária. Uma vez adquirida a base necessária, tornaram-se serias concorrentes ás vagas de qualquer trabalho intelectual e manual. Se houve, e ainda há, desequlíbrio provocado pelo excesso de material humano competente, é porque no início não houve boa direção. Já agora as moças em geral procuram se especializar em atividades mais condizentes com sua natureza. Não são mais as competidoras desleais e prejudiciais ao trabalho do homem, e sim suas indispensáveis colaboradoras em todos os ramos do esfôrço humano pelo progresso. Em todos os países criaram-se problemas novos, e o nosso não poderia fugir à regra. As



ESPAÇO VITAL — Foi adotado o sistema de beliche em alguns quartos. Isso não impressiona Adalgisa, a aeromoça, que resolveu ocupar a cama de cima, enquanto Necy, a dietista, mostra-lhe um romance

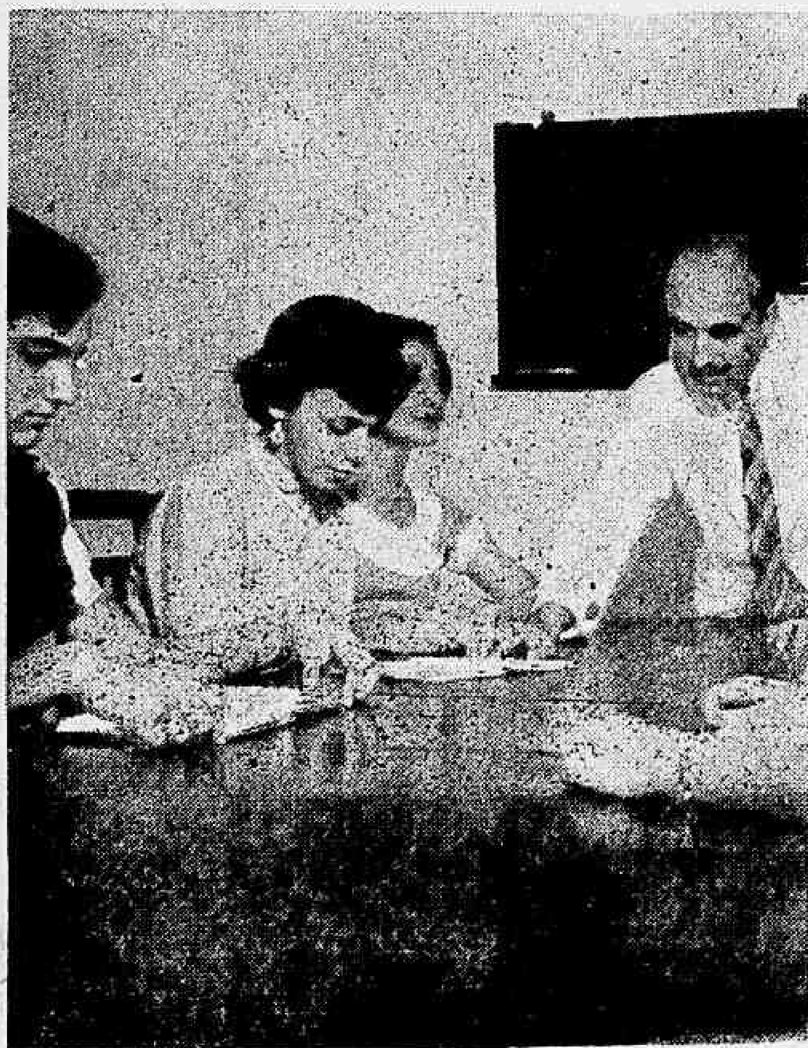
UMA POR TÔDAS...



**NA BIBLIOTECA** podem as moças que freqüentam os cursos encontrar os livros de que necessitam para maiores esclarecimentos sôbre as várias matérias



**LÚCIA E VENTURA**, apesar de trabalharem, gostam de livros que as eduquem sôbre os mistérios do pensamento



**TAQUIGRAFIA** para língua inglêsa, é o que estudam essas alunas, a fim de se prepararem melhor para o futuro



**O DEPARTAMENTO DE ENSINO está apto a proporcionar aulas de diferentes matérias, dirigidas por competentes professôres, com horários cômodos e em salas modernas. A assistência educacional é um dos principais pontos defendidos**

grandes cidades começaram a atrair as populações do interior. A indústria e o funcionalismo absorveram a maioria das pessoas adventicias. A edilicia por mais que se esforçasse não pôde acompanhar o ritmo de crescimento da população, ainda mais devido à escassez de materia prima, proveniente da guerra. O problema da moradia, coisa nova para nos, se fêz sentir com todo um sequito de outras dificuldades. Famílias que em outras épocas poderiam acompanhar seus entes mais jovens em suas viagens ás capitais, para servir-lhes de apôio durante o período de aperfeiçoamento e de tirocinio, viram-se tolhidas e foram obrigadas a enviar seus filhos, e principalmente suas filhas, sòzinhas e deixa-las entregues à duvidosa proteção de uns parentes, amigos ou simples conterrâneos, mais ou menos traquejados com a vida da metrópole. E' de se advinhar quantas e quais conseqüências atingiam em especial modo as moças simples e ingenuas dos Estados no lufa-lufa da capital. E' por isso que muitas e muitas mães, que vivem ao longe e nunca tiveram a oportunidade de vir ao Rio, sentem-se no entanto descansadas quando pensam que suas filhas estão esttudando, trabalhando ou mesmo passeando no Rio, contando, porém, com a assistência social da Associação Cristã Feminina, que lhes proporciona inclusive moradia. Ao ouvir o nome da associação, muita gente há de pensar em ambiente mais ou menos claustral, conservador e nada simpatico. Pois enganam-se redondamente, assim como o fazem os que logo deduzem tratar-se de uma camouflagem para outros fins. Querendo descrever a realidade sôbre tudo que diz respeito a essa Associação, visitamo-la demoradamente, inteirando-nos de suas atividades e funcionamento, e vamos procurar relatá-lo aos leitores.

A séde da A. C. F. está situada nos últimos dois andares de um moderno edifício da Esplanada do Castelo. Bem montada, limpa, arejada, confortável, além das dependências da administração, conta com numerosas salas de aula, de estar, cozinha e restaurante próprios, terraços espaçosos, banheiros, etc. Em conversa com a Sra. Marly Valle de Barros, diretora executiva, ficamos a par da origem da Associação.

— A A. C. F. é uma instituição mundial, com séde em Genebra, na Suiça. Seu início remonta ao ano de 1855 e se relaciona com a da própria Cruz Vermelha, por ocasião da guerra da Criméia. Já então muitas moças de tôdas as clásses sociais, na Inglaterra passaram a trabalhar nas fábricas para substituir os ho-



**CAMARADAGEM** — Na intimidade da residência, as moças, tôdas solteiras, formam uma família, querendo-se como irmãs, trocando idéias, conselhos, auxiliando-se no que podem e, naturalmente, contando seus sonhos, em que sempre há uma romântica figura masculina. Estudam e trabalham, mas não desprezam o casamento. Duas delas já o conseguiram



**A DATILOGRAFIA**, para o trabalho atual, realizado a maior parte em escritórios e repartições é uma das matérias de maior necessidade e elas aprendem rápida e eficientemente



**«BUREAU» DE EMPREGOS** — Aí está talvez a maior iniciativa da Associação. Dirigido com bastante eficiência por D. Edith Ferreira, atende a pedidos e oferece moças competentes para várias firmas comerciais e escritórios da cidade



IVETE prepara-se para sair. Visitamos a residência num sábado à tarde, atrapalhando todos os planos das moças



MARIA TERESA LEAL pronta para entrar em cena, na representação que o departamento artístico costuma oferecer



CANTO E MÚSICA, também são ensinados, ali, assim como danças e «ballet», para maior aperfeiçoamento da educação espiritual tão necessária hoje em dia

mens que haviam partido para o "front". Isso motivou a reunião de dois grupos de mulheres, enquanto um rezava por tôdas as moças que trabalhavam, o outro procurava residência para oferecer ás enfermeiras que voltassem da guerra. Em 1858, na cidade de New York, reuniram-se 35 mulheres e fundaram a primeira Associação de Senhoras Cristãs. A finalidade era ajudar tôdas as que precisassem se manter por si mesmas. Finalmente em Boston, no ano de 1866, ainda outro grupo de mulheres, prometendo-se orientar as moças, redigiu os estatutos da que foi a primeira A. C. F. Em 1919 vieram ao Brasil duas delegadas americanas da A. C. F. Mundial, E. Jean Batty e Myrth King, para promover a fundação da A. C. F. Brasileira. Por alguns meses realizou-se uma campanha de publicidade, e em meio de 1920, anunciou-se que de 1 a 15 de junho estariam abertas as inscrições para sócias. Findo êsse prazo, 895 senhoras e moças haviam entrado para a Associação, demonstrando o interêsse despertado. Na atualidade, existem A. C. F. espalhadas por 60 paises. Quanto à finalidade da Associação, podemos resumir-la assim: acolher fraternalmente as moças, cuidar de sua instrução e educação, despertar a conciência moral e social, prover residência para algumas, e encaminha-las, conforme as habilidades pessoais, para as numerosas emprêsas comerciais. Aceitamos sócias independente de raça, nacionalidade ou crença religiosa, dêsde que não entrem em choque com nossos próprios princípios. A êsse respeito é bom dizer que, por ser a A. C. F. de origem inglêsa e portanto protestante, mantém essa caraterística em quasi todos os paises, com excessão do Brasil, onde mostra que, apesar de manter relações e orientação internacionais, conseguiu criar um "modus vivendi" próprio, influenciado naturalmente pela maioria católica de nosso povo. Isso não impede, contudo, que na diretoria haja uma senhora protestante. Como já dissemos, re-



TRABALHOS MANUAIS — Aula de confecção de chapéus pela prof. Marietta Porto Carrero. As alunas aprendem a lição com feltros, fôrmas, plumas e a empregar o bom-gôsto



IRMÃS — Isabel já morava na residência quando, por contingências do destino, sua irmãzinha Margarida, o brotinho da casa, foi obrigada a pleitear vaga na casa de Botafogo



MAQUILAGE — Sob a orientação do professor José Jansen, os alunos de teatro aprendem a se maquilar. E' um dos cursos mais interesantes e difíceis e que completa os conhecimentos dos que se dedicam à arte representativa



TEATRO — Daniel Rocha é quem administra as aulas teóricas do curso de teatro. Vemo-lo rodeado pelos atores que iriam tomar parte na peça «O Diletante», de Martins Pena



**NA VARANDA,** a diretora da residência, D. Irina Lima de Maia, de origem paraguaia, serve um lanche. Ambiente agradável, inteiramente familiar, substitui os cuidados maternais, que as moças não têm por viverem longe das famílias. Depois de apresentados à diretora, e com o consentimento dessa, seus namorados são recebidos na sala. A orientação é moderna

ligião não influe, conquanto que não se aproveite da oportunidade para propaganda de qualquer tipo.

Querendo informações sôbre os diferentes cursos administrados pela A. C. F. em sua sêde, procuramos a Sra. Elvira Pock, diretora do departamento artístico e de ensino.

— Agasalhar e orientar as moças de hoje, disse-nos ela, não é suficiente. Principalmente em nosso país devemos cuidar da instrução das mesmas e prepará-las para a vida que enfrentam diàriamente. Por isso mantemos cursos de matérias que possam de fato interessar ás que pretendem se empregar no comércio, nas indústrias e nos escritórios, incluindo línguas, estenografia, datilografia, matemática, desenho, corte e costura, chapéus, não desprezando o canto, a música e o ensino de alguns instrumentos, como piano, acordeão, e mais danças em geral, baller; declamação, folclore e o teatro-escola, com o curso complementar de maquilage. Procuramos assim abordar os assuntos de maior efeito prático sem descuidar dos que possam valorizar a educação do espírito das moças modernas. Tôdas as aulas são administradas mediante pagamento de táxas módicas, o que não impede que sustentemos várias alunas inteiramente **grátis**.

Das atividades da associação, talvez a mais benemérita seja o Bureau de emprêgo. Atende sócias e não sócias. Anota pedidos de empregadores, a êles encaminhando candidatas que preencham os requisitos necessários. Tudo sem o menor ônus tanto para uns como para outros. Numerosas são as firmas comerciais e os escritórios que usam êsse serviço.

Não estaria completa a finalidade da associação se não existisse a preocupação de achar moradia, mesmo que provisória, para várias das moças nas condições que já descrevemos acima, isso é, estarem estudando ou trabalhando longe de suas famílias, sem poderem contar com a assistência de pessoas amigas. E' o problema da residência, pois hoteis, pensões e mesmo as chamadas casas de família nem sempre satisfazem o gôsto, o caráter e as possibidades das que precisam. Para isso, a A. C. F. alugou um palacete em Botafogo e o adaptou para residência de 25 moças. Não cabem mais, e em alguns quartos já está sendo usado o sistema de camas-beliches. E' pena, porque haveria necessidade de espaço, para centenas de moças. Visitamos esta residência na tarde de um sábado, atrasando com isso a saida das moças para a "matinée". Provenientes de Estados longinquos, estudantes, comerciárias, havendo mesmo uma dietista entre elas, solteiras tôdas, conforme manda o regulamento, formam uma verdadeira família, obedecendo à orientação de D. Irina Lima de Maia, diretora da residência. Para evitar o aparecimento de complicações, limitou-se a idade das moças que podem morar na casa, entre um mínimo de 18 anos e um máximo de 35. A pequena Margarida, porém, com 15 anos, o "brotinho" da casa, constitue exceção, morando com a irmã Isabel, forçada a procurar a residência e a proteção da A. C. F. pela adversidade da vida. Alegres, consideram-se tôdas irmãs, dão festas, recebem na sala de visita seus namorados, após havê-los apresentado à "tia Irina", e há poucos meses, duas delas, por ocasião do casamento, quiseram realizá-lo na casa que consideravam própria, reconhecimento ao muito que deviam à A. C. F. Esta empenha-se agora numa campanha financeira para aquisição da residência própria, capaz de oferecer um têto digno a tôdas as moças que o procurarem. Bela iniciativa, que por certo encontrará apôio em quantos pensarem na sua utilidade. Na residência encontramos u'a moça chilena, Maria Teresa Cainus que disse morar na associação há 12 anos, tendo iniciado na própria pátria, passando depois para

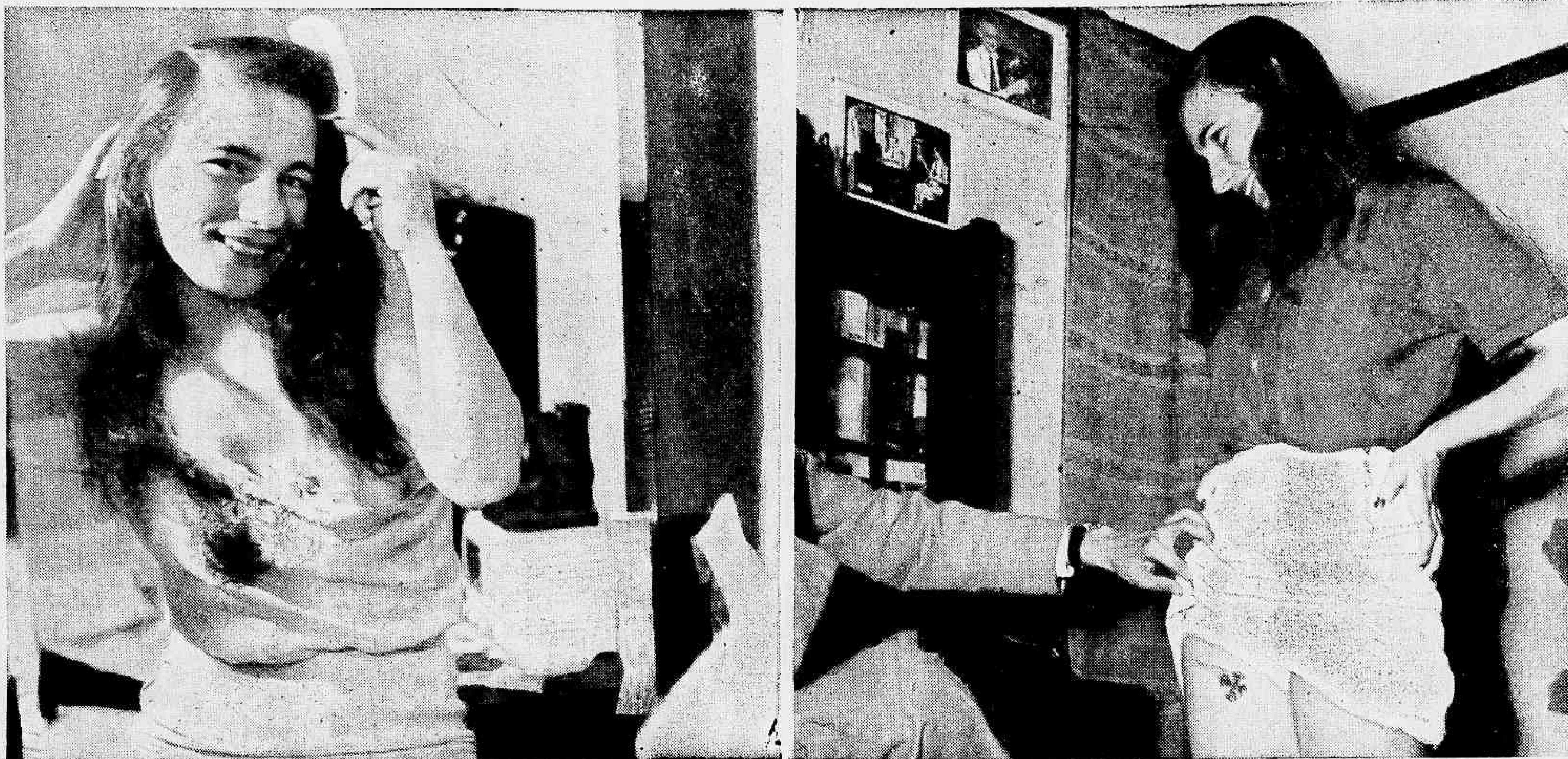
(*Continua na pág. 52*)



**ESTUDO** — As alunas de qualquer curso podem a qualquer hora procurar na sede ambiente e livros para estudarem

# MAPA DA CORÉIA

A guerra na Coréia se intensifica à proporção que chegam mais tropas, armas e munições dos Estados Unidos e de outras nações aliadas ao pôrto de Pusan, prevendo-se para êstes próximos oito dias, a sorte das armas entre as fôrças da ONU e as da Coréia do Norte, sob a direção de Kin-Ir-Sen. Para que o leitor possa acompanhar a marcha final dos acontecimentos, oferecemos êste mapa, o mais completo que existe na atualidade, no qual estão tôdas as vilas, cidades e portos importantes da península, abarcando ainda tôda a área ao sul da Coréia, com o estreito do Mar do Japão e ilhas dêsse país. Ao norte do paralelo 38, vemos as partes zonas limítrofes da China, Mandchúria e Rússia, tudo numa visão exata da grande área de influência do conflito que ora ameaça a paz universal. Deixamos de assinalar as linhas de operações de um e outro lados porque, ao sair esta edição, é provável que o aspecto tenha mudado. Mas, pelas notícias diárias dos jornais, poderão os leitores acompanhar o desenrolar da guerra



TREVO de 4 fôlhas dá sorte no amor. Guardado no peito é namôro que vai aparecer

QUE TAL escondido na perna? Pode também ser tatuado, mas ao natural é mais bonito

# SÍMBOLO DE FELICIDADE

Os talismãs benditos e os talismãs malditos ★ Por que o número 13 dá azar, a figa tira o mau-olhado e a ferradura traz sorte?... ★ E o repórter... folheando alfarrábios para relatar verdades ★ Mora em Santíssimo o introdutor do trevo de quatro fôlhas no Brasil e há trinta-e-cinco anos vive a vender a felicidade...

Reportagem de ABDIAS RODRIGUES ★ Fotos de WALTER MORGADO

AS supertições e as lendas vêm de tempos imemoriais. E a mais sublime de tôdas é justamente a que diz respeito à aparição do homem na face da terra e, *ipso facto*, à sua expulsão do Eden. Perdeu Adão o paraíso... por que? "Cherchez la femme?" Procurai a mulher — dizem os francêses. Se aconteceu algo na face da terra... procurai a mulher. Ela é a responsável indireta por tudo de bom ou ruin que acontece ao homem.

Despreocupado, no seu isolacionismo, o primeiro varão *parecia ser feliz* no paraíso celéste. Mas... veio Eva e com ela a primeira culpa e a primeira preocupação.

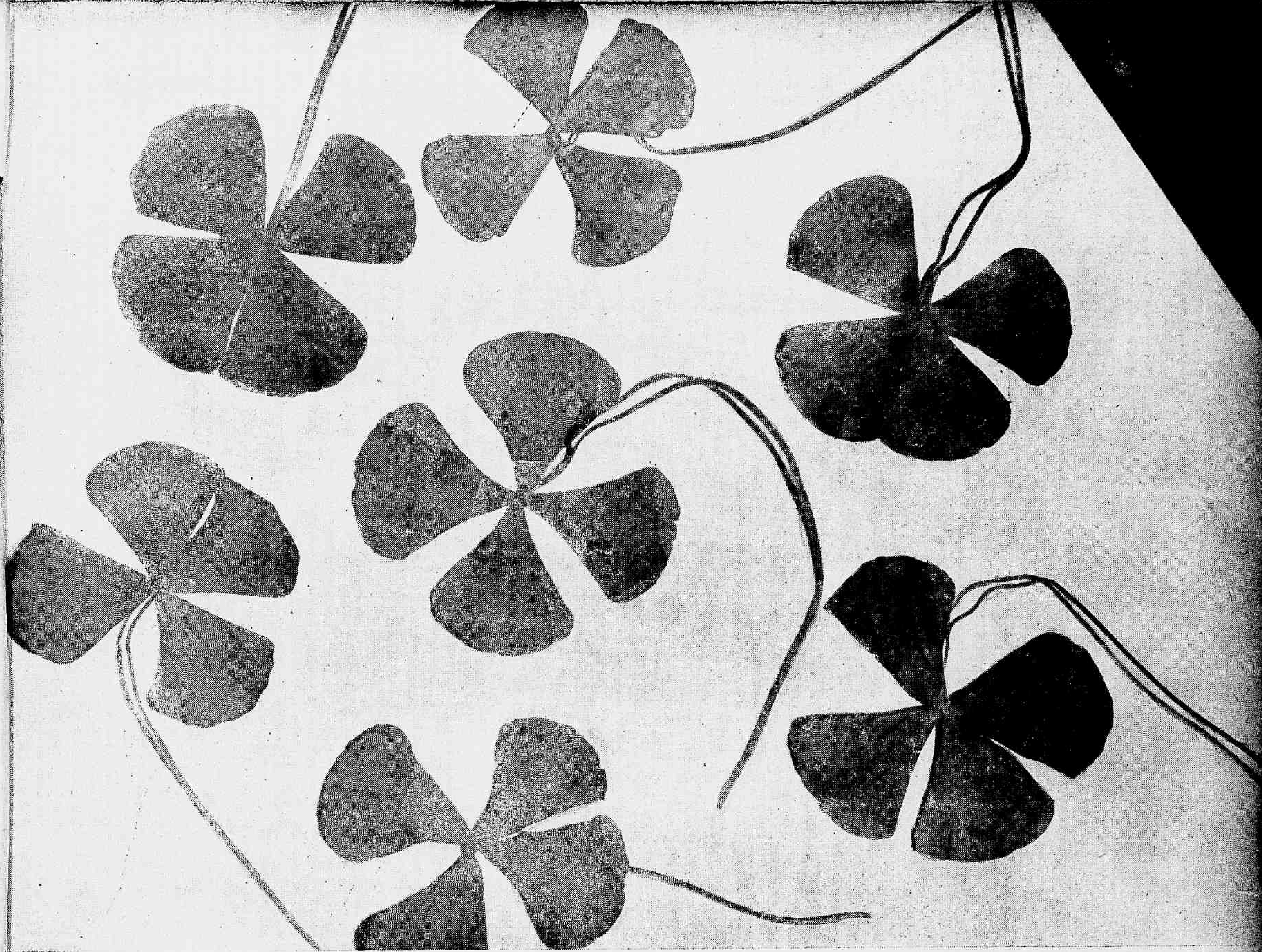
A perda do paraíso deu origem a criação de um vocábulo — Felicidade. E dêsde então tudo o que os descendentes de Adão e Eva fazem, nêste mundo, gira em derredor desta palavra mágica. Mas por mais que a humanidade se afadigue jámais conseguirá ser totalmente feliz. E' que, assim como a humanidade, a palavra cresceu, tomou fundo, forma e significados diversos. Daí a sua relatividade humana: para um vaidoso felicidade significa — *dinheiro;* para um doente: *saúde;* para u'a moça casadora *um bom partido,* etc.

★

E no fragôr da luta pela vida nasceram a in-



PARA QUE ÊLE NUNCA VENHA A ESQUECÊ-LA



**ANTIGAMENTE ERA difícil encontrar um trevo de quatro fôlhas, motivo porque essa descoberta servia de talismã da boa sorte para o felizardo. Hoje êles são encontrados na certa**

veja, o despeito e a Ambição de Subir de que nos fala Vieira, tão bem caracterizada na tela de Rochegrosse intitulada — "Angoisse Humaine".

"Numa escalada vertiginosa, aparece uma maré cheia de cabeças ululantes, estranguladas pela ambição, correndo, empurrando-se, pisando os que ficam, agarrando-se de pés e mão, como se após viessem também correndo numa perseguição fantástica as ondas de um novo dilúvio. Todos querem ser os primeiros. O lugar é disputado a sôco, a ponta pé e dente. O caminho que na vida leva ao triunfo é uma cena medonha.

Tôdas as cabeças têm o *ritus* de um Tântalo suprêmo. São gastas, cansadas, lívidas. Os rôstos são pálidos, suados, cor de terra, um não sei que de loucura e pesadêlo; os olhos brilhantes, emoldurados no bistre das insônias e dos tormentos.

A tela é violenta e verdadeira diz-nos Forjaz de Sampaio. A vida é aquilo, assim enérgica, sinistra, brutal. Não há tréguas, não há descanso. Cada um vigia sempre o seu vizinho, espreita se êle cai, e tripudia; espreita se êle sobe, e inveja-o.

Quando um tomba avança mil. Trava-se um combate em que o mais cruel, o mais forte é o que triunfa. Nada de piedade nem compaixão. Não há tempo, de olhar, nem de pensar sequer. Avançar seja como fôr, custe o que custar.

A vida é dos de coração de gêlo e hirto. Amanhã é tarde, depois impossível. Tudo na vida é mutável. Tudo na vida é transitório. Tudo passa, tudo se esquece. A criança será homem, o lacaio será senhor, o arbusto será árvore, o ôntem será hoje, o bom será máu. Ai dos que param, ai dos vencidos".

★

E para livrar-se da influência maléfica dessa luta fratricida o homem inventou os amuletos e talismãs e tornou-se supersticioso.

Os séculos sucederão aos séculos, as gerações às gerações, mas, enquanto o mundo fôr mundo há de haver sempre quem acredite que o número 13 dá azar, a ferradura traz sôrte e o trevo de 4 folhas é o símbolo da felicidade.

À muitos não importa saber o porquê dos azares e das sortes. Também para que?!... "A vida é curta e o prazer é raro". Os nossos ancestrais acreditavam em fetiches — dizem muitos — e isso é o bastante...

Todavia, não querendo ser iconoclasta nem tampouco destruidor de lendas, vamos nos reportar aqui, em linhas gerais, sôbre a origem de algumas dessas crenças.

### OS TALISMÃS MALDITOS

Evidentemente, quando se fala em coisas que dão azar vem, logo, à nossa mente o número 13. E tanto isso é verdade que existe nos Estados Unidos da América do Norte, um clube para combater a superstição a êsse número. Em muitos hotéis, na Europa, não se encontra o quarto n.º 13, 113, 213, etc.

A superstição conseguiu grandes progressos entre os aviadores e artistas de cinema. Quando se deu à Greta Garbo a mêsa n.º 13 núm restaurante francês, a estrêla suéca saiu tão depressa do restaurante que todos pensaram que houvesse uma cobra debaixo da mêsa...

Em Hollywood a crendice tornou-se coisa corriqueira. Nos dias 13 lá se trabalha também. Mas, se o filme fracassar, eis o pretexto: foi rodado no dia do azar...

Folheando um velho alfarrábio, encontramos uma interessante referência ao fatídico número. A superstição ao 13 vem da Santa Ceia. Os profetas já haviam divulgado: — "haverá uma ceia em que tomarão parte 13 pessoas, inclusive O Messias. Uma delas trairá O Filho de Deus".

Se o leitor é supersticioso, naturalmente, agora, vai passar a ter horror ao n.º 13. De fato: se contarmos, da direita para a esquerda, os personagens da Santa Ceia encontraremos 13 pessoas. E justamente a n.º 13 corresponde ao traidor — Judas.

★

O gato preto e o sapo sempre foram acessórios fatídicos, muito usados pelas bruxas e feiticeiros. Do sapo adveio o famoso veneno ... Agua



**A STA. LUIZA M. Hidalgo conta ao repórter lendas sôbre o trevo e as tradições hibéricas**



**O VENDEDOR de trevo e sua família no canteiro da planta milagrosa, entregues ao seu agradável trabalho. Nada mais aprazível do que cultivar o talismã da felicidade**



**FILHA e neta do introdutor do trevo da sorte, no Brasil, examinam o viveiro predileto**

Toffana — muito usada por célebres envenenadores, na Idade Média.

★

No esoterísmo e cabalismo há muitos símbolos que tanto servem para o bem como para o mal. Outras seitas secretas adotam emblemas impressionantes, como a chamada "Câmara de Reflexão", onde o galo significa: — "sou eu quem desperta o dia"; a foice dá idéia da morte, juntamente com a caveira; a ampulheta, que foi o primeiro relógio, significa: — "o tempo passa ainda mais depressa que a minha areia". A Estrêla Flamejante é o simbolo do gênio que eleva às grandes coisas. E a Estrêla de Cinco Pontas é o Símbolo do ser humano.

## OS TALISMAS BENDITOS

O Pagé é tudo para os selvagens: sabedoria, coragem, felicidade. Daí ser muito comum encontrar-se estatuetas dêsses índios nos lares cristãos, mormente nos dos adeptos do espiritismo.

*A FIGA* — Essa mão fechada com o polegar mal oculto entre o indicador e o dedo grande, tem uma história muito mais complexa do que se imagina. Quando se vê uma figa ornando o bracinho dos bebês, suspensa na pulseira ou pendente do cordão de ouro das crianças, mal se imagina o que representa, em sua origem, e como o interpreta a psicanálise.

Usa-se, hoje, como um amuleto inocente, destinado a desviar o máu olhado e a presservar as crianças das consequências do "olho grande".

"Explicando a doutrina de Freud, reporta-se o professor Franco da Rocha ao estudo da psicologia das nevroses, para mostrar como as fôrças de origem sexual se desenvolvem e tomam, muitas vêzes, sentido diverso da fórma primitiva. Está nêsse caso o culto da figa, estilizado no seio de quase todos os lares como um poder benéfico para conjurar possíveis males. Que venha a ser mão fechada, com o polegar entre o indicador e o médio, indaga o cientista, baseando-se na obra de Sanger Brann — *"Sex Worship and Symbolism of Primitives"*. Um vestígio do culto fálico, em que o órgão masculino, evidentemente mais ativo, tomou supremacia, origem da andocracia das organizações sociais modernas. Perdeu-se a ligação mental originária, isto é, a significação primitiva do objeto, mas ficou a feição física que lhe trai a origem. Sendo um simples objêto comjurador de males, a ética, hoje, não impede que êle ande com as medalhas pendentes do pescoço das crianças, das moças e até nas cadeias de relógio dos homens".

O comércio de figas está muito desenvolvido, em todo o Brasil. As figas de Pau D'alho, Guiné, Guiné Africano, Arruda, Azevinho e outras madeiras — informa o padre Teschauer — protegem o indivíduo e, particularmente, as crianças contra o máu olhado, feitiço, invejas e pragas de tôda a sorte. Existem de todos os tamanhos e formatos, dèsde as destinadas aos fôrros dos quartos até as minúsculas, que podem ser trazidas ocultamente debaixo da roupa.

★

*A FERRADURA* — pregada na porta principal traz felicidade ao dono da casa. — dizem todos. Se a encontramos na estrada virada para nosso lado, indica bons augúrios.

Ora, insofismàvelmente, não há mentira sem um princípio de verdade. A ferradura fôra, em priscas eras, motivo de felicidade.

Os chamados príncipes da Igreja ferravam os seus fogosos cavalos com ferraduras de ouro. Como é natural, quando gastas, as ferraduras desprendem-se dos cascos dos animais. Daí a grande alegria quando um pária encontrava na estrada ou no campo uma ferradura de ouro.

Os tempos mudaram. Já não há mais ferraduras de ouro. Agora a frâse latina tem efeito relativo porque — a felicidade — continua através da crença popular.

## O TREVO DE 4 FOLHAS

E' êsse misticismo que alenta a vida. E' a fé, que remove montanhas, que fomenta o milagre. Milagre como êsse de se encontrar um [illegible] de 4 folhas [illegible] símbolo da felicidade



**A FERRADURA** pregada na porta de entrada traz felicidade — **O 13**, fatídico para uns, traz saúde e dinheiro para outros — **A FIGA** espanta o «mau-olhado» e protege as crianças

Quanta moça, em vão, não tem buscado, nos campos, o trevo milagroso?!... E' muito difícil encontrá-lo. Constitue, mesmo, um milagre... Daí a crença geral de que são felizes aquêles que o encontram.

★

O botânico dr. João Geraldo Kuhlmann — diretor do Jardim Botânico do Rio de Janeiro ao ser interrogado acêrca do trevo disse-nos o seguinte:

— "Trevo é nome comum a várias plantas da família das leguminosas a saber: trevo bituminoso (Rhynco dium bituminosun); trevo de cheiro, o mesmo que Coroa Real e Melilota; trevo dos prados (Trifolium pratense); trevo aquático-planta da família das gencianeas (Menyanthes trifoliata), conhecia também pelo nome de trifólio; trevo cervino — planta da família das compostas, tribo das enpatoriaceas (Enpatorium canna binum); trevo azêdo — planta da família das oxalideas (Oxalis repens), conhecida com êste nome no Brasil; trevo de água — planta rasteira do Brasil, da família das oxalideas — dá flores amarelas e solitárias e fruto capsular. E' refrigerante e antiescorbútica. Trevo de cheiro — herva aromática do Brasil, da família das compostas. E' usada contra as picadas de insétos venenosos.

Os trevos são hervas anuais bienais ou vivazes, de folhas compostas de três foliolos, de onde lhes vem o nome. Conhece-se cêrca de 150 espécies, das quais diversas são empregadas como pasto. A semente do trevo foi empregada pelos alemães na grande guerra européia para a preparação dos gases asfixiantes, pois é rica em azoto. No Maranhão o trevo atinge meio metro de altura.

Quanto ao chamado trevo milagroso a ciência desconhece. Isso é botânica pitoresca — disse o dr. Kuhlmann — com ironia. Contudo — acentuou-se bem que a natureza não dá saltos — há, às vêzes, deformações. Está nêsse o trevo de 4 folhas, que deixa, portanto, de ser trevo (Trifolium) (três folhas) para ser Tetraphylla (4 folhas) e passa a pertencer à família dos Marslia".

★

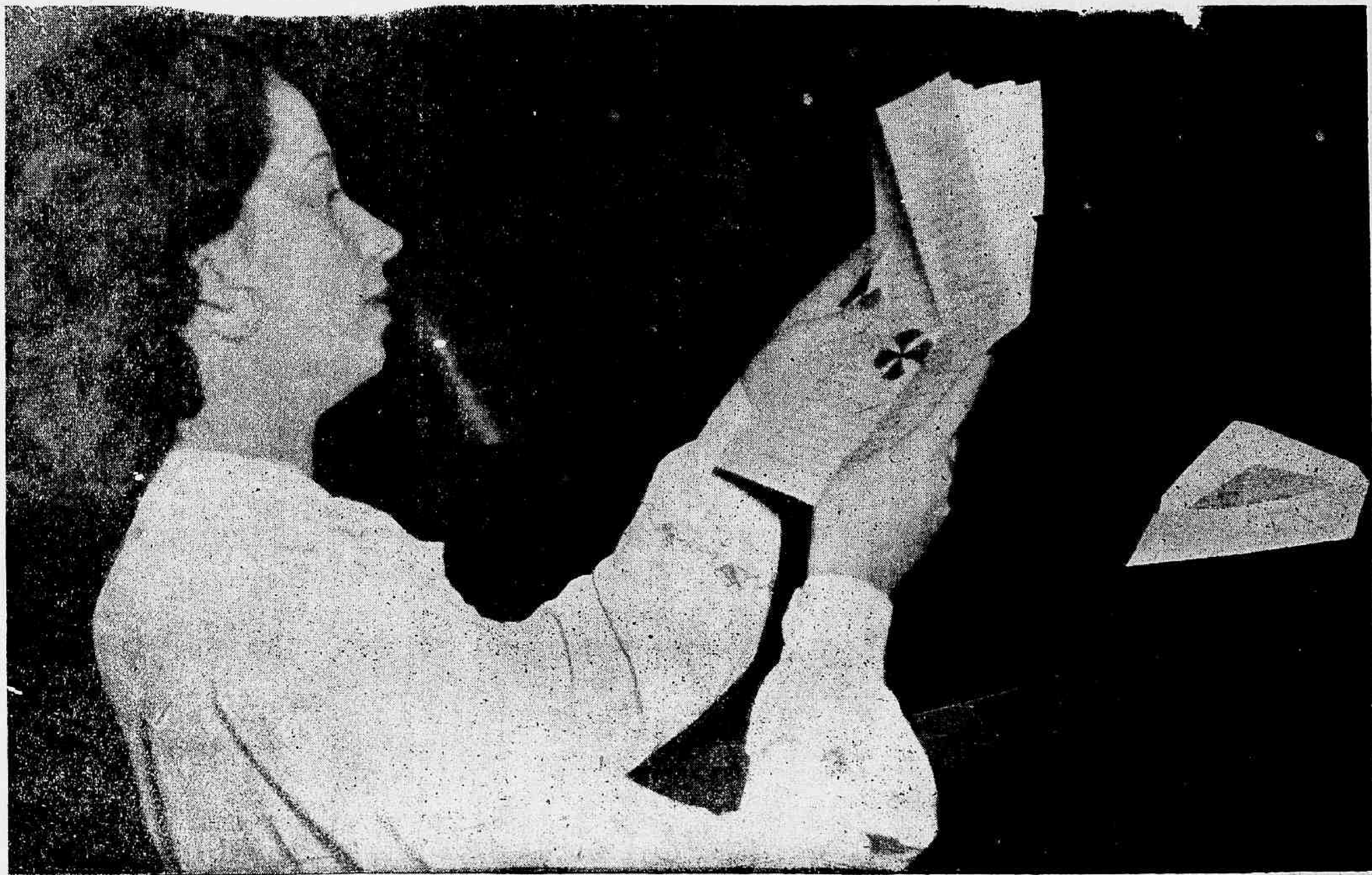
Tivemos assim a palavra da ciência na voz de um dos seus mais autorizados cultores.

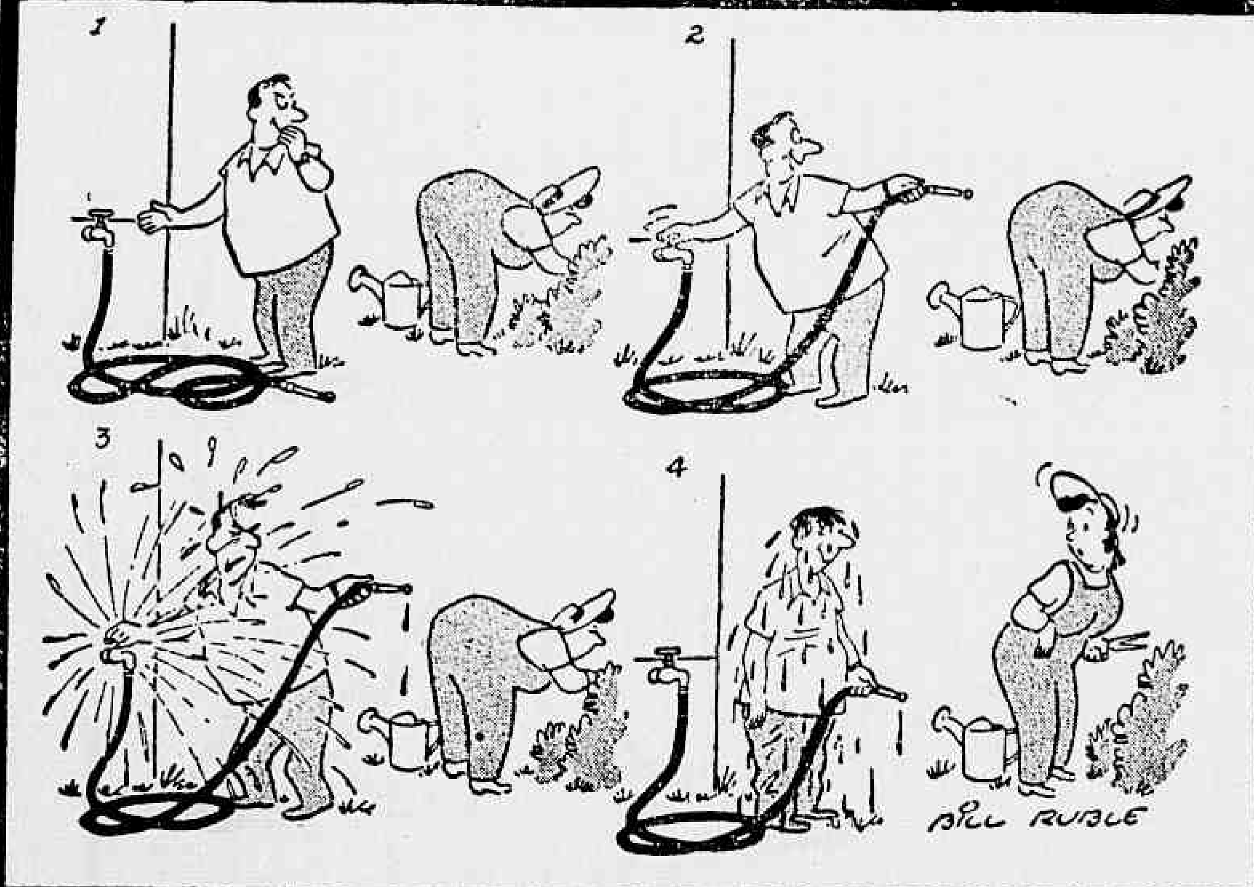
Vejamos agora o que diz o sr. Alfredo dos Santos — introdutor do trevo de 4 folhas no Brasil. Fomos encontrá-lo no seu sítio no longínquo subúrbio de Santíssimo. Recebeu-nos entre desconfiado e satisfeito. E' português, mas há 38 anos está no Brasil. E há 35 anos vive de vender o trevo de 4 folhas. Mandou vir da Europa. Lá também encontramos o sr. Júlio de Azevêdo Spagolla — gerente de uma casa especializada, nesta capital, e que é o seu revendedor exclusivo. De início disse o sr. Alfredo dos Santos:

— "Dêsde Portugal que me dedico à floricultura. Trabalhei no Jardim Botânico de São Paulo. Depois vim para o Rio. Um dia tive a idéia de mandar vir da França uma muda do trevo de 4 folhas. Positivamente, foi a melhor idéia de minha vida. A procura sempre fôra constante e o lucro compensador. Deixei de lado as rosas, as frutas e tudo mais. Vendendo trevo... pude constituir família, educar os filhos e hoje — graças à Deus — vivo despreocupado...

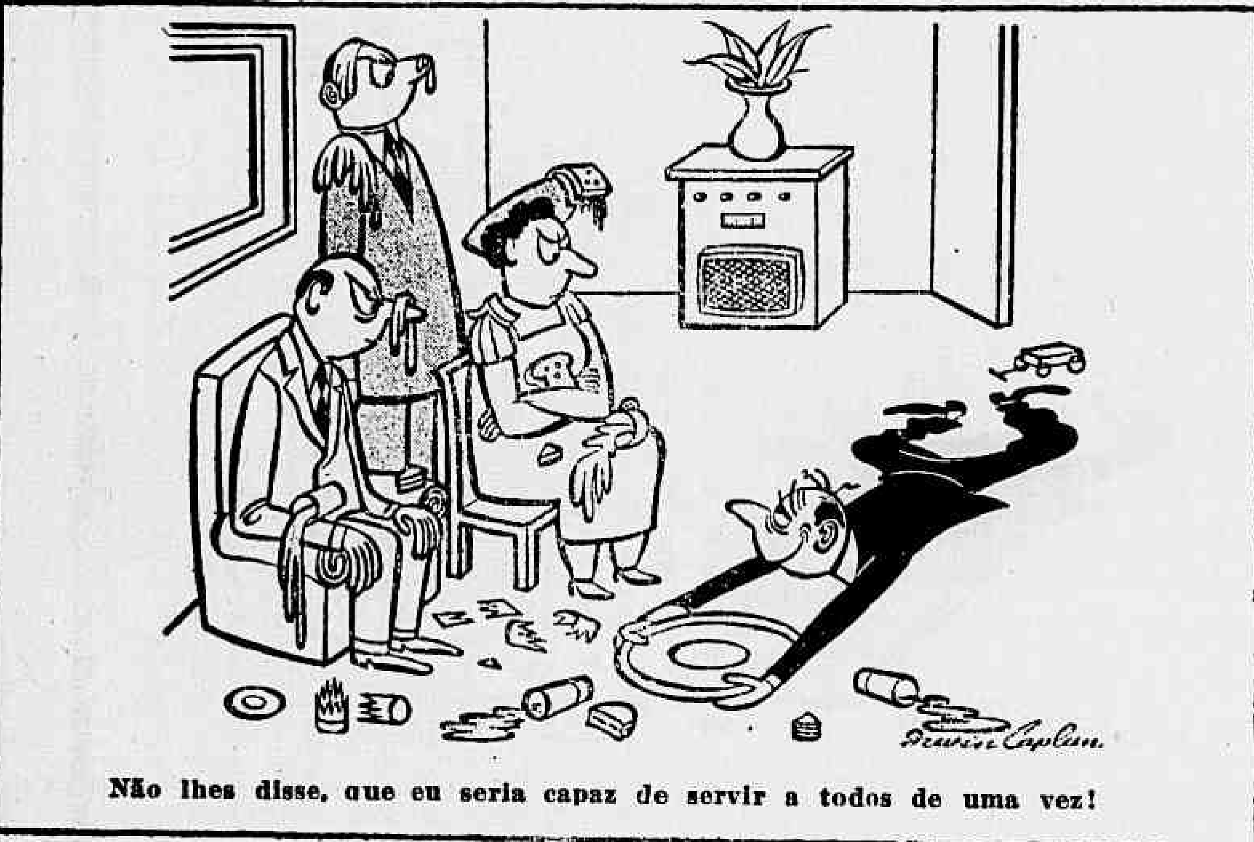
Sabe moço — pode escrever isso — o trevo de 4 folhas dá sorte mesmo". E... para os casos sentimentais nem se fala — interveio a srta. Degomar dos Santos. Uma carta de amor com um trevo e uma gota de perfume... é casamento na certa.

**CARTA** de namorado que se faz acompanhar do trevo de quatro fôlhas nunca será esquecida. E o trevo acabará guardado entre as páginas de um livro, às vêzes por uma existência





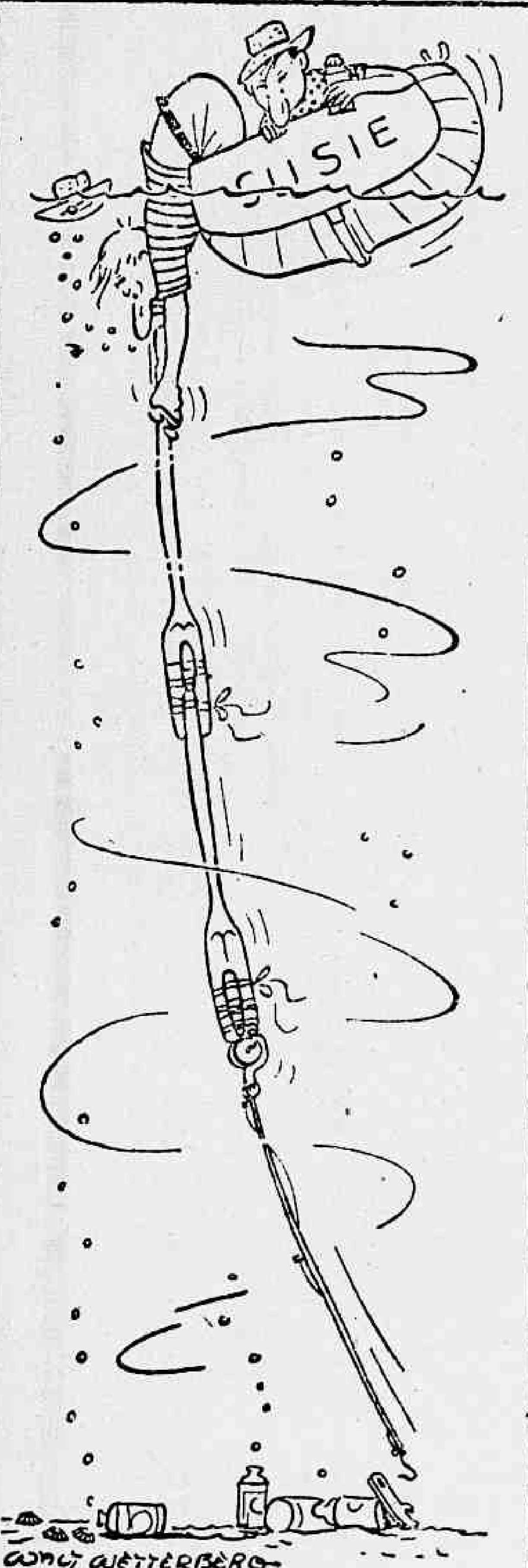


**Não lhes disse, que eu seria capaz de servir a todos de uma vez!**

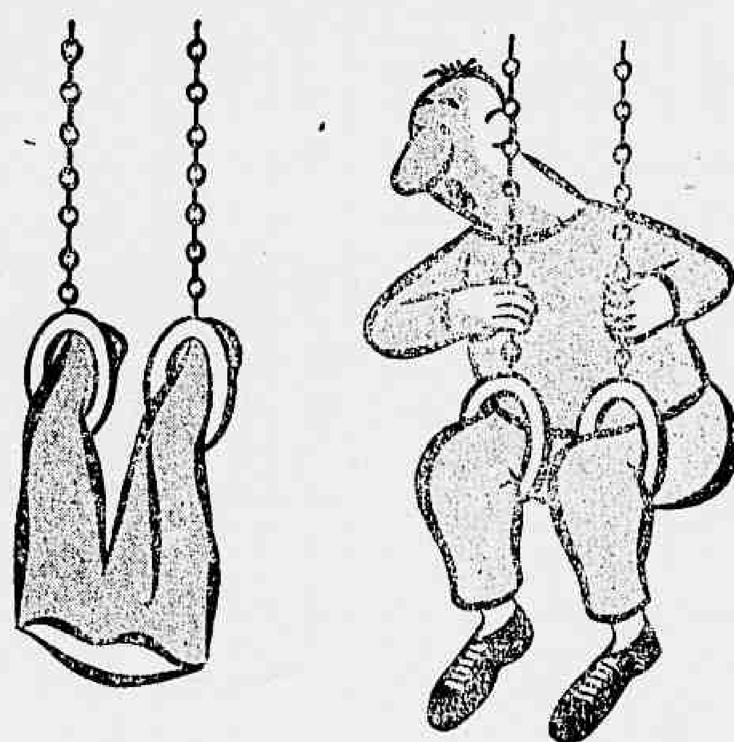



**Sinto muito não poder te cumprimentar em circunstâncias mais animadoras**




# BOM HUMOR





TOM HENDERSON

**Tudo O. K., Max?**

# CONSELHOS DE AMOR

*São do saudoso escritor espanhol, tão ligado ao Brasil, Alvaro de Las Casas, os pensamentos que se seguem:*

*Ama a quem quer que seja e como seja, mas não vivas nunca sem amor. Tua alma seria estéril como as salinas e os desertos malditos.*

*Quisera que recordasses meu amor sem tristezas e sem novos desejos, serenamente como se recorda a paisagem e as canções infantis.*

*Não percas as esperanças; às vêzes, se fecham as portas e se abrem as janelas.*

*As mãos prolongam as palavras.*

*Cada vez que te vejo, o ar tem cheiro de mar e sinto que as palavras se derretem em meus lábios ardentes, como se fôssem de neve.*

*Não eras tu quem me falavas; eram minhas próprias palavras que ressoavam em tua bôca.*

*Teme a rivalidade dos que sejam piores do que tu, porque te vencerão sempre.*

*És como a minha sombra: me foges e me acompanhas.*

*Descobrirás que amas apaixonadamente, quando perderes a preocupação de ser amado.*

*Calcula escrupulosamente a hora em que hás de realizar teu amor: nem tão próxima que acabe com tua ilusão, nem tão distante que te traga desilusões.*

*Não creias nunca, mas dize sempre que crês.*

*Goza intensamente todos os dias de tua vida, porque nem um só dêles poderás reviver.*

*Procura fazer tuas despedidas tão gentis que sempre te recordem com nostalgia.*

*Nunca procures saber a verdade; é demasiado amarga.*

*Quando mais nos mentem, é quando nos fazem mais felizes.*

*Teu amor há de chegar como a boa chuva sôbre os campos secos: suave e intensamente.*

*Quanto menos perguntes, mais saberás.*

*LYSE*





# MODELOS DUAS-PEÇAS

**ALÉM dos clássicos "tailleurs" usam-se muitos trajes de duas peças, como saias com boleros ou casacos soltos. Em cima, à direita, elegantíssimo vestido duas-peças, em cetim quadriculado, casaco amplo e sôlto, com gola em veludo prêto, cinto também prêto, em pelica. Em baixo, à esquerda, modêlo original em grossa lã azul-marinho, casaco amplo traspassado, grandes botões forrados de tecido branco, notar a originalidade das mangas, bem fartas e franzidas. Finalmente, gracioso êste modêlo em shantung beige completado em organza branca.**



# BLUSAS E Boleros

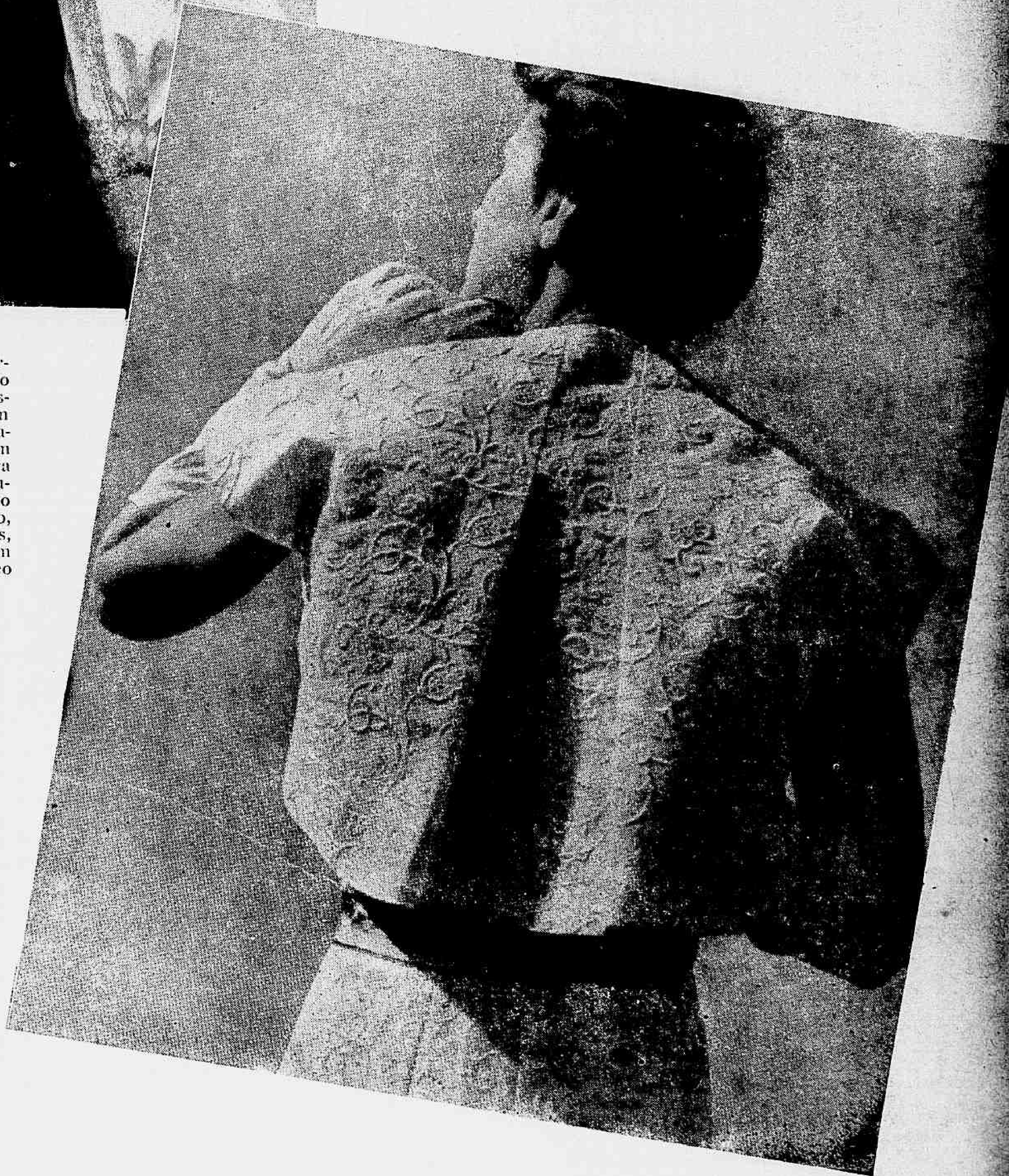




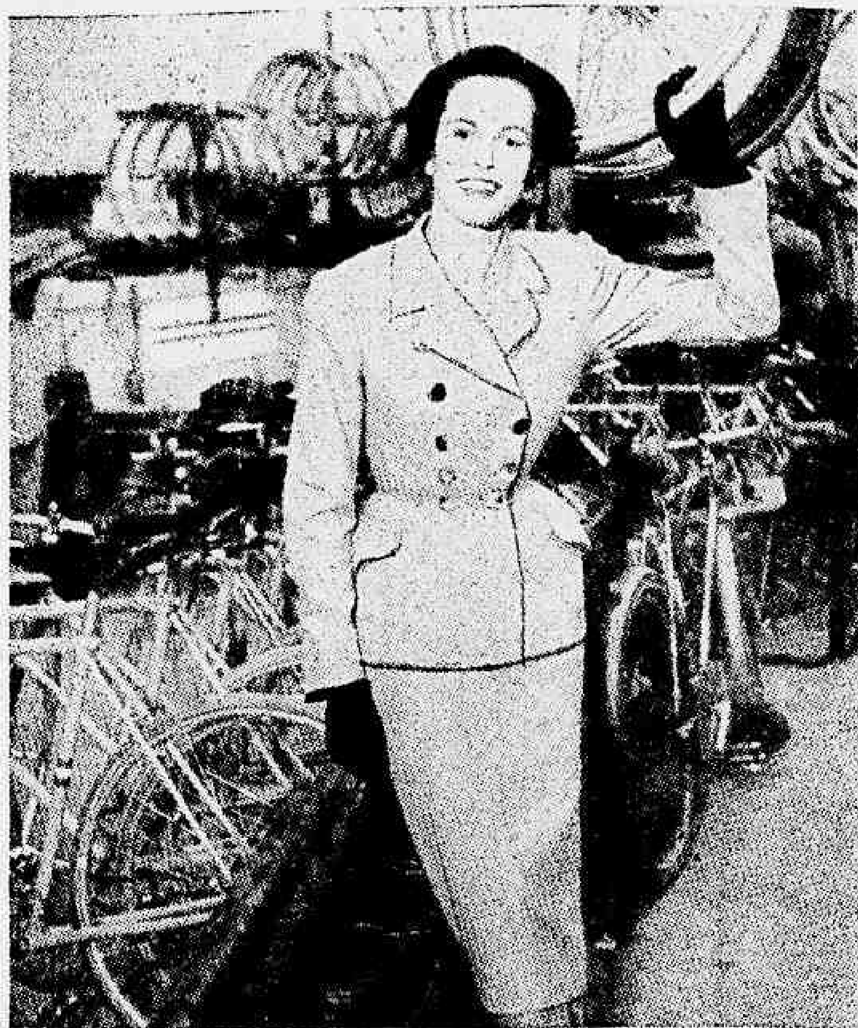




AS blusas e boleros constituem parte importante no guarda-roupa feminino e são usados no verão ou no inverno. Aqui estão algumas sugestões interessantes. Blusa em sêda branca, com pala bordada. Modêlo em fazenda de listras pretas-e-brancas, usada com gravata preta e colarinho branco. Modêlo fora do comum usado por fora da saia. Gola e punhos em sêda estampada. Bolero em linho branco, inteiramente bordado. Êste bolero, próprio para ser usado com vestidos de alças, forma duas pregas atrás. Blusa de tricot com uma gola alta de organza pregueada. Casaco sôlto, também em tricot.






# PRÁTICOS PARA *Viagens*

DURANTE viagens, sejam elas longas ou curtas, são necessários trajes próprios de corte simples, que permitam liberdade de movimentos. Os modelos de duas peças são geralmente os escolhidos, mas também são necessários vestidos ligeiros. Estas sugestões por certo, serão de utilidade. Em cima, dois sugestivos modelos em pesada lã cinza, o primeiro com saia pregueada e casaco curto, o segundo com casaco amplo, bolsos embutidos e gola bem larga, saia reta. À esquerda, modêlo em casimira mescla, e, finalmente, um gracioso conjunto em lã quadriculada.

# *Renda*







AQUI estão alguns encantadores modelos para tarde e noite, confeccionados em rendas de diversas qualidades. Vestido de Robert Piguet com frente-única e saia plissada. Encantador modêlo sem alças de Balenciaga, usado com uma capa godê. Jean Dessés é o autor dêste vestido de baile. A saia é mais curta na frente que atrás e forma um babado nas cadeiras. Vestido em renda grossa enfeitado com sêda e um laço de tafetá na cintura. E' ainda Balenciaga o autor dêste modêlo para tarde. O corpo é bem transpassado e a saia é mais comprida dos lados que na frente.





ESTA coleção de modelos varia desde o costume para manhã, até ao traje de noite, apresentando várias sugestões. Vestido para tarde em renda grossa, criação de Maggy Rouff. A sombra é preta, formando a gola e os punhos. Costume para manhã em lã marrom, enfeitado com bordados. Vestido em lamé branco e dourado com o corpo formado de renda. Vestido de Pierre Clarence em tafetá quadriculado.





# TODAS AS HORAS





# ALGODÃO

HÁ sempre necessidade de uns vestidos ligeiros de algodão, que possam ser lavados e passados fàcilmente. Êstes modelos são práticos, de fácil execução e servem para o campo ou para saídas ligeiras. Em cima, à esquerda, sugestivo modelinho em algodão branco, estampado; à direita, modêlo em algodão azul marinho quadriculado; em baixo, algodão verde claro, gola ampla bordada em branco; finalmente, outro modêlo em algodão estampado com flores.









# "TAILLEURS" ESTAMPADOS

NESTA página apresentamos às nossas leitoras dois encantadores modelos de "tailleurs" em casimira e lã estampadas. Em cima, conjunto em lã creme com listras horizontais, o acêrto das listras dá ao bôlso feitio original; em baixo, em casimira listrada temos um outro modêlo sóbrio e elegante.





## WEEK-END NA

### "RAGOUT" DE OVOS COM COGUMELOS

Limpam-se muito bem alguns cogumelos que se frigem em azeite ou manteiga, temperando-se com sal e pimenta e misturando-se com ovos cozidos cortados em quatro. Ligue-se êste "ragout" com môlho de assado, ao qual se juntaram cebolas picadas, tiras de presunto e tomates. Serve-se como "hors-d'oeuvre" ou, como salada, ao jantar.

### OVOS RECHEIADOS COM SARDINHAS

Cortam-se ovos cozidos e descascados pelo meio, no sentido do comprimento. Tiram-se as gemas que se passam por uma peneira e se misturam com um pouco de maionese, sardinhas picadas e mostarda. Com esta massa recheiam-se as claras, deixando que o recheio se eleve bastante, formando um pequeno monte. Sôbre êste monte colocam-se duas sardinhas cruzadas e, sôbre estas um pedacinho de tomate. Arrumam-se êstes ovos sôbre torradas e guarnecem-se com fôlhas de alface.

### MACARRÃO A MILANESA

Cozinha-se o macarrão, que se corta em pedaços. Prepara-se um môlho bem grosso, juntando-se-lhe o macarrão até que êle forme uma massa compacta. Deita-se em seguida sôbre uma tábua untada com manteiga e, quando frio, corta-se em quadradinhos que se passam em farinha de trigo e ovos e farinha de rôsca e que se frigem em gordura quente. Serve-se com môlho de tomate.

### SPETZELI COM FÍGADO

Meio quilo de fígado de vaca ou vitela, 120 gr de farinha, 8 pãezinhos, 3 a 4 ovos, 2 punhados de espinafre, 2 alhos porrô, salsa, cebola, sal e noz-moscada. Tira-se a casca dos pãezinhos que se colocam em água para amolecer. Corta-se o miolo do pão em fatias bem finas que se misturam com a casca amolecida com o fígado (do qual se deve ter tirado a pele), passado na máquina. O alho e a salsa picam-se bem fininho. Cobre-se o espinafre com água fervendo e refoga-se com a cebola picada, a salsa e o alho. Junta-se êste refogado à massa, acrescentando-se os ovos, sal, noz-moscada e, por fim, a farinha. Desta massa fazem-se spetzelis que se cozinham em fogo brando durante 8 a 10 minutos, tendo o cuidado de deixar a caçarola tapada. Depois de ter deixado escorrer a água dos spetzelis, cobrem-se os mesmos com manteiga derretida na qual se torrou farinha de rôsca.

### STRUDEL DE BATATAS

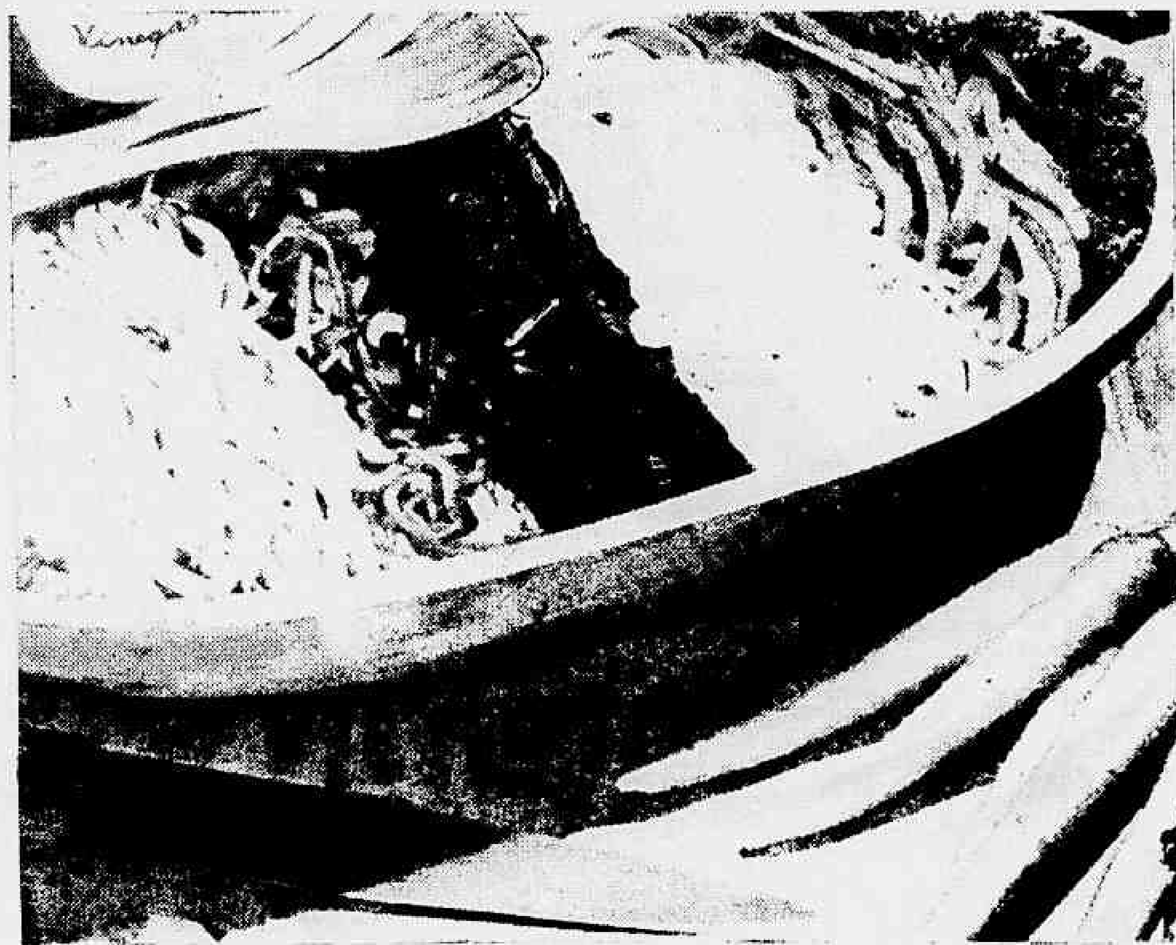
1 quilo de batatas cozidas, 1 ôvo, salsa picada, 60 gr de manteiga ou gordura, 60 gr de farinha de rôsca, sal e manteiga. Passam-se as batatas no passador e misturam-se com o ôvo, sal, farinha e um pouco de água. Prepara-se, assim, uma massa que deve descansar por 15 minutos. Estende-se então com um rôlo até que ela tenha a grossura de ½ cm e cobre-se com a farinha de rôsca e salsa picada refogadas em manteiga ou gordura. Enrola-se e coloca-se em um guardanapo untado com gordura e cujas quatro pontas se amarram por cima. Cozinha-se, assim, o strudel durante 1 hora em água e sal. Corta-se em fatias que se cobrem com manteiga derretida. Serve-se com legumes.

### CANELINHAS

175 gramas de açúcar, 100 gr de manteiga, 2 ovos, 240 gr de farinha de trigo, ½ colherinha de café de fermento em pó. Bate-se bem a manteiga com o açúcar até ficar um creme espumoso; juntam-se os ovos um a um, a farinha, a canela e o fermento em pó, trabalha-se bem na massa até formar uma massa lisa. Fazem-se pequenos anéis, pincelam-se com gema batida e levam-se ao forno regular.

### CAMARÕES COM CURRIE

Leve a refogar 1 colher de gordura e outra de cebola picadinha e aí deite 2 quilos de camarões descascados, 1 ramo de cheiro e tomates sem peles ou massa de tomate. Molhe com 1 xícara de água e leve a cozinhar. Misture bem 1 colher de manteiga com uma de currie e ½ de farinha de trigo. Leve ao fogo para tostar um pouco e junte ao ensopado de camarões. Misture bem, leve a esquentar e sirva com arroz.



# NA COZINHA

### SALADA DE AIPO

Limpam-se bem as raízes e cozinham-se em água salgada à qual se juntou um pouco de leite. Em seguida, cortam-se em fatias finas que se cobrem com qualquer môlho de salada. Os médicos recomendam esta salada aos reumatáticos, sobretudo quando preparada com aipo cru ralado.

### DOCINHOS DE CÔCO TOSTADOS

Faça uma calda com 3 xícaras razas de açúcar. Junte 1 colher de chá de manteiga, 1 côco ralado e 4 ovos inteiros. Misture e leve ao fogo até despregar da caçarola. Deite em pequenas porções, do tamanho de uma noz, num tabuleiro polvilhado e leve a tostar no forno.

### ESPLÊNDIDOS

125 gr de açúcar, 150 gr de farinha, 4 ovos, casca ralada de limão e môlho de vinho tinto.

Batem-se bem as gemas com o açúcar, mistura-se a farinha, a casca de limão e as claras batidas em neve. Fritam-se às colheradas em gordura quente, cobrem-se com uma calda de vinho tinto, à qual pode-se juntar algumas passas sem sementes, e servem-se quentes, polvilhadas com açúcar.

### PERAS À SUIÇA

10 a 12 peras grandes e maduras, 2 colheres das de sopa de caldo de limão, 4 a 5 colheres de açúcar para o caramelo e ½ litro de creme de baunilha. Descascam-se as peras, cortam-se pela metade e cozinham-se com um pouco de água, caldo de limão e açúcar; deixam-se esfriar, e tiram-se da calda. Queima-se então um pouco o açúcar, junta-se a calda das peras e deixa-se ferver um pouco. Forra-se com as peras uma fôrma lisa de porcelana, põe-se em cima o creme de baunilha e deixa-se esfriar bem. Vira-se depois sôbre um prato, e despeja-se por cima o caramelo.

### PUDIM VERMELHO

½ litro de vinho de frutas, ½ litro de caldo de uvas pretas, 125 gr de semoline, 1 colher das de sopa de caldo de limão, e açúcar.

Cozinham-se as uvas durante ¼ de hora e passam-se por uma peneira. Mistura-se depois o vinho com o caldo das uvas, leva-se ao fogo, junta-se de vagar a semoline e deixa-se cozinhar mexendo-se sempre por espaço de 15 a 20 minutos. Adiciona-se o caldo de limão e o açúcar, põe-se em fôrma molhada, vira-se depois de frio em um prato e serve-se com creme de Chantilly.

### TOMATES RECHEIADOS

Corta-se uma tampinha do tomate e tiram-se as sementes com uma colherinha. Enche-se a cavidade com salada russa, sôbre a qual se coloca uma rodela de ôvo que se cobre com maionese. Pode-se encher também a cavidade com a seguinte mistura: porções de geléia de carne picada, e presunto cortado em quadradinhos. Neste caso guarnecem-se os tomates com uma rodela de ôvo e 4 rodelinhas de pepino em conserva que se dispõem em forma de trevo.

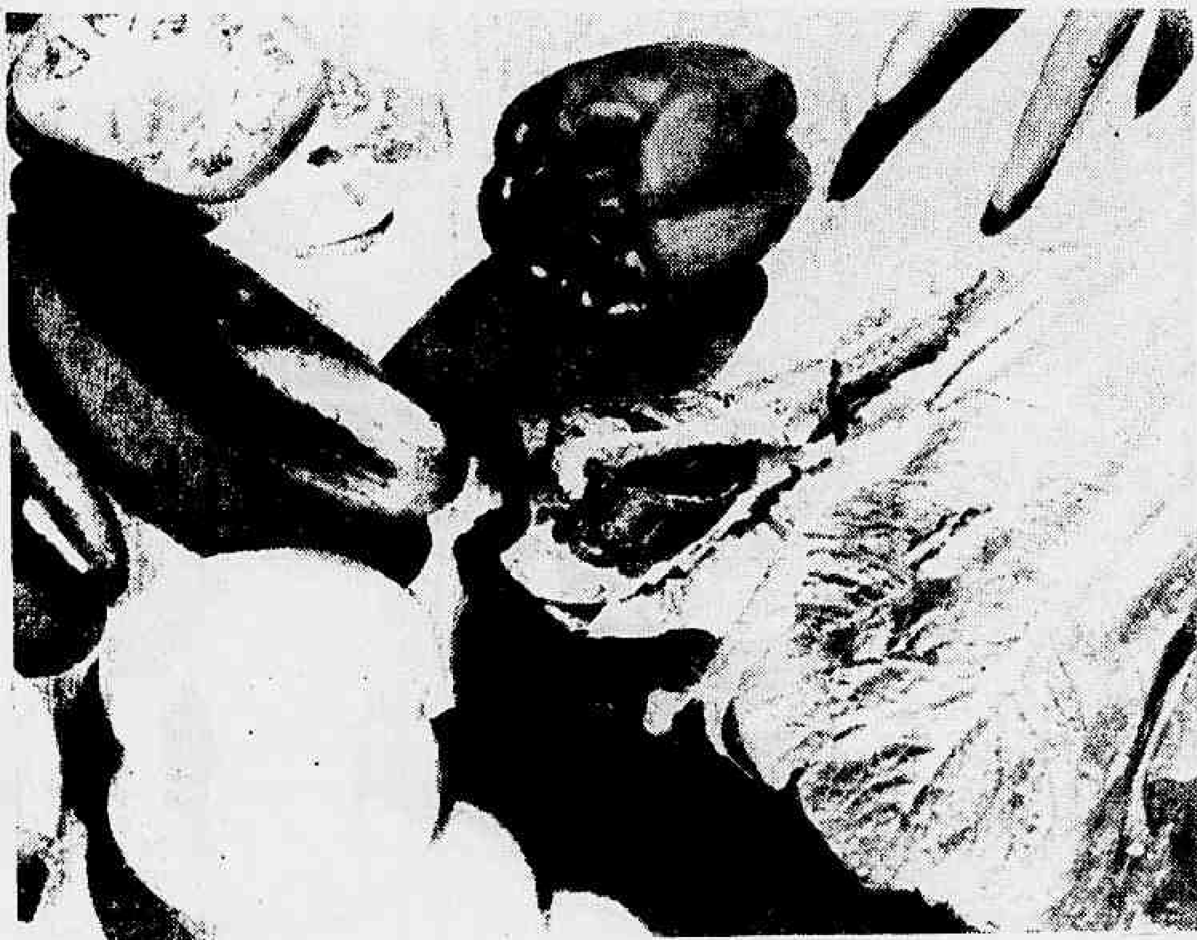
### SALADA MISTA

Tomam-se quantidades iguais de batatas e cenouras cozidas em água e sal e 'petits-pois". Picam-se as batatas e cenouras em quadradinhos, misturam-se com os "petits-pois", cobrindo-se tudo com maionese. Guarnece-se com rodelas de ovos e salsa picada.

### MÔLHO "VINAIGRETTE"

1 ôvo cozido, 1 cebola pequena, alguns pepinos em conserva, alcaparras, azeite, vinagre, sal, pimenta, mostarda, salsa e cebolinha. Picam-se muito bem os ingredientes sólidos, misturando-se-lhes azeite, vinagre, pimenta, sal e mostarda, mexendo continuamente até formar um môlho consistente. Caso êle fique grosso, demais, pode-se torná-lo mais ralo, acrescentando-se-lhe um pouco de caldo de carne.

O môlho 'vinaigrette" pode ser feito em quantidade grande e guardado durante dois meses, usando-se para isso, de preferência, vasilha de barro. E' excelente para ser servido com carne e peixes frios.



### CREME DE MANTEIGA E CAFÉ

100 gr de manteiga, 90 gr de açúcar, 1 xícara de café bem forte. Bate-se bem 1 clara como em neve, e junta-se o açúcar. Adiciona-se aos poucos a manteiga bem batida e por último, com cuidado e devagarinho, o café forte.

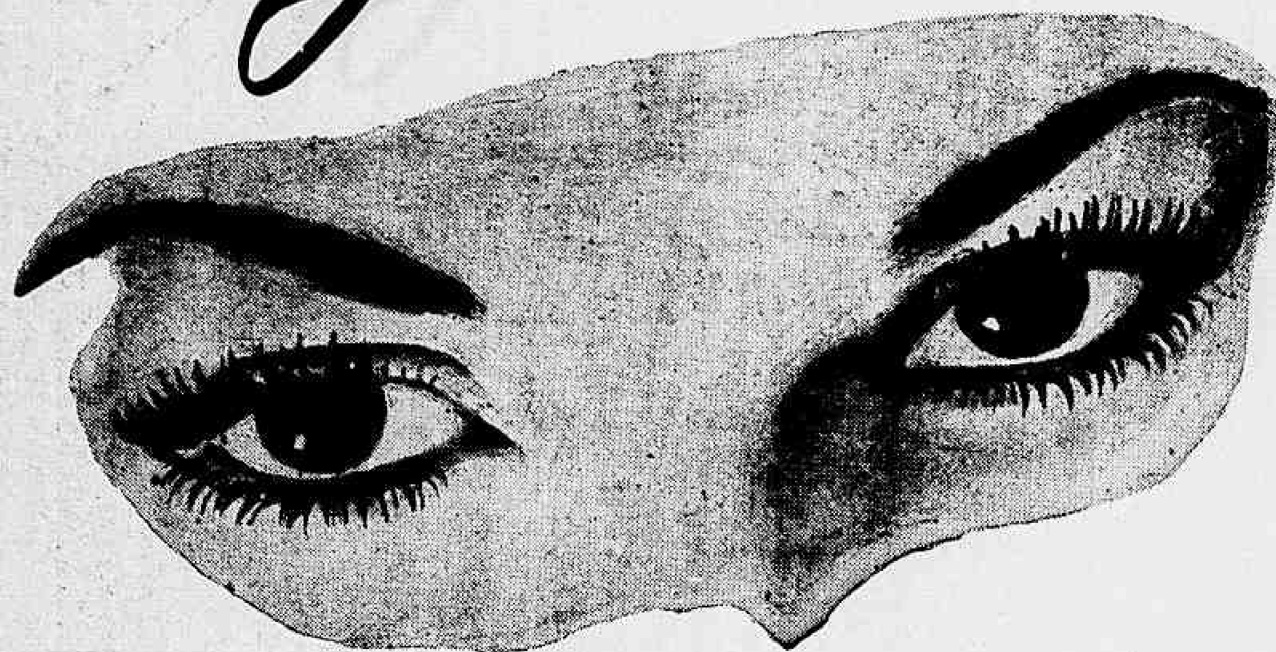


# DOIS NOVOS MODELOS

SUGESTIVOS e bastante elegantes são os dois modelos que estampamos nesta página, em cima, um "tailleur" de linhas bem masculinas, executado em casimira cinza, com gola arredondada, com lapelas abotoadas, bolsos colocados em diagonal. Em baixo, modêlo em sêda estampada em côres vivas, saia justa com grande laço, mangas japonêzas, decote em "V".



Magnetismo!



Use Cilion que escurece e recurva os cílios, embelezando-os

Cilion

evita caspas e terçóis

PREFIRA O TUBO GRANDE QUE RENDE MAIS



MUITÍSSIMO MELHOR

é a proteção da pele do bebê com um produto medicinal, cientìficamente preparado, a um simples talco boratado!

Proteja o seu bebê contra os incômodos do calor (brotoejas, assaduras) com o inimitável...

Polvilho Antisséptico



GRANADO

UM PRODUTO CREDENCIADO PELO SÍMBOLO DE CONFIANÇA.


## A vida de Joana D'Arc

**(Conclusão do número anterior)**

Êsse próximo passo trouxe-a de volta ao delfim Carlos. O exército dela era agora maior; tinha 12.000 homens. Por tôda a parte ela era olhada ou como santa ou como feiticeira, conforme a causa esposada fôsse a francesa ou a inglêsa. Encontrou-se com o delfim em Tours, e juntos avançaram pelas margens do Loire rumo à cidade de Reims. Se o delfim estava impaciente por receber a coroa, Joana estava ainda mais para outorgá-la.

— Nobre delfim, não celebre concelhos tão demorados e palavrosos, mas se apresse para sua coroação em Reims.. As vozes disseram-me: "Filha de Deus, vai, vai, vai!".

Era como se ela soubesse que seus dias estavam contados. Devia cumprir sua missão antes que fôsse tarde demais. Assim é que se dirigiu a Reims com pressa febril. O exército inglês, possesso de terror, fugiu diante dela. De quando em quando, sem dúvida, em Jargeau, em Patay, em Troyes, os inglêses fizeram uma tentativa pouco decidida de resistência. Mas os animosos combatentes de Joana d'Arc varreram-nos de suas posições. Tanto quanto possivel, Joana evitou pelejar. Queria que os inglêses saissem da França, mas não os odiava. Sentia-se mal à vista do sangue. Afligia-se com os sofrimentos de seus inimigos tanto como com os de seus próprios homens. Um soldado ferido, fôsse êle francês ou inglês, era para ela um irmão em Cristo que padecia. Depois da batalha de Patay, chorou ao ver tantos soldados inimigos que jaziam mortos no solo. Um de seus próprios camaradas derrubou brutalmente um prisioneiro inglês. Apeando do cavalo, ela ajoelhou-se junto ao inglês moribundo, tomou-lhe a cabeça entre as mãos e disse-lhe palavras confortadoras enquanto êle expirava.

Seus dedicados brigões, porém, prontos a lutar e a morrer por ela, eram incapazes de lhe compreender os sentimentos de piedade. A despeito dos protestos dela, êles matavam a maioria dos prisioneiros capturados nas suas batalhas com os inglêses.

O vitorioso exército francês chegou a Reims em 15 de julho de 1429. Dois dias depois Carlos VII foi coroado pelo arcebispo na imponente catedral. Muitos de seus cortesãos, e não poucas de suas cortesãs, estavam presente à coroação. Mas sua espôsa, a rainha Marie d'Anjou, fôra deixada para trás, em Chinon, "com o fim de se pouparem as despesas da viagem". Carlos VII não era apenas um rei pobre, mas um dos homens mais mesquinhos.

A missão preliminar de Joana d'Arc estava realizada. Levantara o cêrco de Orléans e levara a efeito a coroação do rei Carlos.

— Se o Céu pelo menos me deixasse agora voltar às minhas ovelhas.

Mas o Céu não a deixou. As santas vozes informaram-na de que ela devia continuar. Alcançara o pináculo do seu triunfo, e agora devia carregar o pêso da sua cruz.

— Se eu morresse — disse ela à multidão que a aclamava em Reims — aqui é que eu queria ser enterrada.

No entanto, havia ainda mais trabalho a fazer antes que chegasse a hora da morte. Os inglêses deviam ser *completamente* expulsos da França. Uma tarefa que não dava muita esperança. Sua popularidade, apesar de seu triunfo, começara a declinar. Seus soldados, como há tempos seus pais, estavam muito juntos dela agora para a venerar. "Quando os deuses se aproximam, suas auréolas desaparecem". Acostumados agora à comunicação diária que ela mantinha com os anjos, seus camaradas de armas já não se deixavam empolgar pelo milagre. O esplendor das visões celestes dela amortecera, parecendo-lhes igual á luz comum do dia. Quanto mais ela permanecia com seus soldados, tanto mais êles se impacientavam com ela. Afastava-os da pilhagem, privava-os do prazer da impiedade, impunha-lhes uma vida de castidade a que não estavam habituados.

— Que espécie de chefe é êsse que temos, que nos faz ir à capela quando melhor estariamos no bordel?

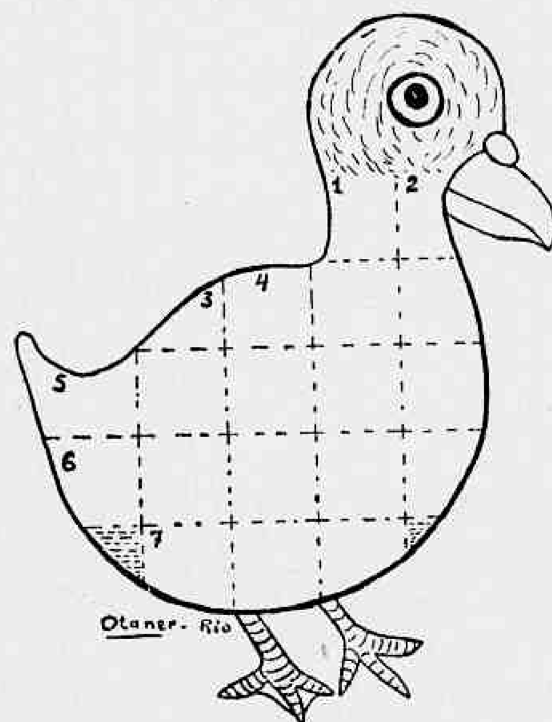
Diziam que ela procurava fazer dêles simples mulheres. Muitos de seus soldados se rebelaram, e alguns desertaram.

Entrementes, seus inimigos forjavam planos para liquidá-la. Havia quatro diferentes grupos que queriam tirá-la do caminho: os invasores inglêses, os fran-

## PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA Nº 17

PARA NOVATOS

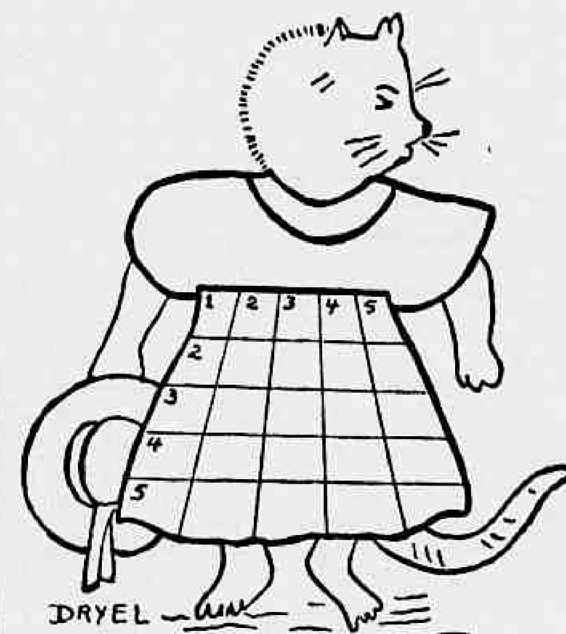



HORIZONTAIS: — 1. Aqui — 3. Gostam muito. — 5. Gênero de abutres que se alimentam de carniça — 6. Pássaro dentirrostro, de plumagem preta e bico amarelo — 7. Produz som.

VERTICAIS: — 1. Ruminante, fêmea do bode — 2. Enfado, mau-humor — 3. Clima (pl.) — 4. O mesmo que mu — 5. Único.

PARA VETERANOS

PROBLEMA Nº 17




HORIZONTAIS E VERTICAIS: — 1. Determinar, regular o destino — 2. Caricia, meiguice — 3. Peças cúbicas de osso ou marfim usadas em certos jogos — 4. Principal praça pública nas cidades da Grécia antiga — 5. Fazer corar, ruborizar.

★

SOLUÇÕES DOS PROBLEMAS DO NÚMERO ANTERIOR

PARA VETERANOS

HORIZONTAIS: — Suspeita — Operário — Da — Ut — Asa — Uso.
VERTICAIS: — Soda — Upas — Sé — Pré — Ear — Ir — Tiús — Aoto.

PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: — Batel — Camelo — Pará — Alada — Ratonas — Morar.
VERTICAIS: — Barato — Amador Te — Elo — Ló — Calam — Par — Ana — Ar.

★

Colaboração e correspondência para: REVISTA DA SEMANA — PALAVRAS CRUZADAS.

# CORREIO DA REVISTA

*A. L. — Rio* — "O primo Amaro" não conseguiu passar. Está muito colegial. Evite descrições vulgares, coisas que todo mundo já disse.

*H. G. de O. — Fortaleza* — Não foi aprovado o seu conto.

*Uiara da Mata — Pôrto Alegre* — Ao seu trabalho "Dentro da Vida" faltou desfêcho mais vigoroso. Além disso está cheio de vulgaridades literárias. Contudo, não é caso para desanimar. A senhora tem vocação. Prossiga e conte conosco, mas é preciso que nos auxiliem.

*Eugênio Morato — B. Horizonte* — Aprovado o seu "A linda D. Inês". E' provável que saia numa de nossas próximas edições.

*Mendes Ramires — Recife* — Queira ter a bondade de citar os nomes dos contos a que se refere. Todos os trabalhos que nos mandam são registrados e distribuidos à Comissão Julgadora, mas pelos respectivos títulos e não pelos autores.

*I. de M. — Rio* — Foi recusado o seu conto "Os Dez Tostões de Estopa". A história não consegue interessar o leitor e o estilo muito rebuscado.

*Domiciana — Rio* — Recebemos o seu conto "Apassionata". Vamos examiná-lo. Quanto à crítica, faremos o que fôr possível na exiguidade desta coluna, dada a hipótese (que não desejamos) de ser o mesmo rejeitado pelos julgadores.

*U. C. C. — Barra Mansa* — Recebemos e vamos lêr o "In Memoriam".

*Mary Ann Peni — S. Paulo* — Está entregue à Comissão Julgadora o seu novo conto "Imprevisto". Da rápida vista que passamos se nos depararam certos êrros de linguagem e estilo defeituoso. Há, especialmente, muitos êrros de regência, de pontuação, de concordancia. Notamos que o mesmo tem imaginação; é vivo, de boa urdidura; mas é necessário que a gramática, a estética e o estilo também sejam objetos de consideração. E até breve.

*A. B. Marchetti — Rio* — Conforme informam da seção de paginação, o seu conto está com um dos ilustradores. Logo que nos fôr entregue a respectiva ilustração, será publicado.

*Regene Pacca — S. Paulo* — Queira lêr o que publicamos em tôdas as edições sôbre as condições por que aceitamos contos. Não publicamos versos nem aceitamos crônicas, em virtude de já estar completo o nosso quadro de redatores.

*L. L. F. — Rio* — Está bem escrito o seu "O Soneto", apesar de alguns lapsos de linguagem. Infelizmente estava muito fraco, não podendo despertar interêsse no leitor. Recomendamos que o refunda e lhe dê entrêcho mais vigoroso, com final empolgante. A autôra tem talento, e o soneto, embora com a métrica forçada no último verso do primeiro quarteto, bem como falta de cesuras noutros, está muito interessante. Parabens. Continui.

*J. C. G. M. — Rio* — Seu conto "Nara", não foi aproveitado. Tem muita vulgaridade no estilo e defeitos de forma.

*R. C. B. — Goiás* — "Lendas da Quaresma" não conseguiu aprovação. Evite expressões repugnantes e melhore o estilo.

---

**AOS ASSINANTES E DISTRIBUIDORES DESTA REVISTA**

Rogamos indiquem sempre, com as suas remessas de dinheiro, nome e enderêço certos a que as mesmas se destinam.

ceses partidários dêsses invasores, os cortesãos de Carlos que sentiam inveja da popularidade dela junto ao rei ,e os clérigos mais fanáticos que tinham ciúmes da familiaridade de Joana com os anjos.

Em consequência da batalha de Agincourt (1415), os inglêses haviam se apossado da maioria das provincias francesas ao norte do Loire. Estavam ansiosos por estender seu dominio sôbre todo o reino de França. Mas Joana d'Arc, a "endemoniada feiticeira de Domrémy", não só lhes estava impedindo a marcha, como ameaçava arrancar-lhes o território que êles já tinham conquistado à custa de tanto trabalho e sangue. Estavam decididos a detê-la a todo custo.

Aliados a êles estavam alguns franceses da nobreza que esperavam tirar vantagem da vitória dos inglêses sôbre o rei Carlos. Era chefe entre êles o duque de Borgonha, Filipe o Bom, que com mais propriedade deveria ter sido chamado de Filipe Não-tão-bom. (Era pai de dezoito filhos ilegitimos). A coroação de Carlos VII foi um grande golpe para Filipe. Mais rico, mais capaz, e muito mais poderoso que o delfim, esperava, com a proteção da Inglaterra, tornar-se senhor da França. O advento de Joana d'Arc, porém, cortou-lhe cerce os planos. Juntamente com os inglêses, estava decidido a puni-la por sua intrujice.

Ainda mais perigosos do que os inimigos declarados dela eram os que se diziam seus amigos. Os desleais cortesãos de Carlos VII, e particularmente seu conselheiro privado, Georges de la Trémoille, temiam a franqueza e a inflexivel honestidade de Joana d'Arc. O duque de la Trémoille era influente, dominador e traiçoeiro. Abandonara sua primeira mulher, e casara-se com outra a cujo marido matara. Insinuou-se junto ao rei captando-lhe as boas graças por meio de falsidades e lisonjas. Era um hipócrita da pior laia. Sempre pronto a trair o rei, pois estava secretamente conluiado com os inglêses, fêz o que pôde para se desembaraçar da camponesa, que era capaz de tirar-lhe a máscara e que a qualquer momento poderia revelar ao rei a traição dêle. Assim que, fiel ao seu caráter, tratava Joana com tôdas as mostras de respeito e, às ocultas, tramava-lhe a ruína.

Mas de todos os inimigos que tomavam posição contra ela, os mais perigosos eram os fanáticos juízes da Igreja Francesa. O arcebispo de Reims, o bispo de Beauvais e todo o corpo docente eclesiástico da Universidade de Paris estavam resolvidos a levá-la à morte. Ela tinha ousado, sem permissão da Igreja, comunicar "o que lhe agradava considerar como os planos de Deus". Presumindo falar diretamente com os anjos, ela violara a santidade do clero. Porque só ao clero, em virtude do seu ofício, era permitido interpretar a vontade de Deus. A Igreja apresentava-se como intermediária exclusiva entre o Céu e a terra. Acreditavam os eclesiásticos, e eram totalmente sinceros em sua crença, que as revelações de Joana d'Arc só podiam provir do Demônio, uma vez que não eram feitas por meio da Igreja. Ela era uma herege, uma traidora do Céu, e uma fonte de perigo para o clero. Portanto, tinha de morrer.

E assim a quádrupla malha de seu destino estava sendo ràpidamente esticada em tôrno dela. Na batalha de Compiègne foi envolvida pelas manobras de seus próprios conterrâneos. Seus aprisionadores franceses, por instigação de Trémoille, venderam-na aos inglêses por 10.000 libras de ouro. Os inglêses, por sua vez, para efetivarem a morte dela, entregaram-na às mãos da Inquisição. E foi assim que, embora prisioneira de guerra, Joana d'Arc foi acusada e condenada como herege.

O homem que presidiu ao julgamento dela foi Pierre Cauchon, bispo de Beauvais, um fariseu dos mais intolerantes. "A carne dos hereges queimados era agradável ao seu olfato". Fôra êle quem ,no Concílio de Constança que sentenciou Huss à morte, defendera a tese de que era "permitido em certas ocasiões condenar à morte um pecador sem a formalidade do julgamento".

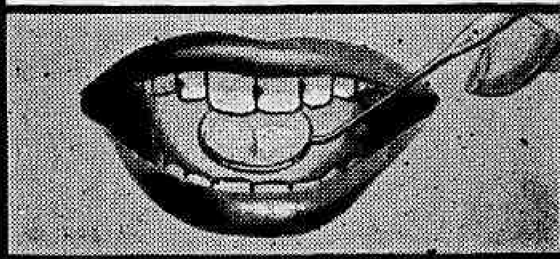
No julgamento de Joana d'Arc o bispo tinha um interêsse tanto pessoal como eclesiástico. Tendo abraçado a causa dos inglêses durante a invasão dêstes na França, perdera seu bispado em Beauvais como resultado dos sucessos militares de Joana. Foi com satisfação vingativa, pois, que aceitou o encargo de "julgar aquela herética e perigosa inimiga da Igreja".

Quando os inglêses entregaram Joana


SAUDAVEL E ALEGRE É O SORRISO DA KOLYNOS-ISTA!

MAS, VEJA ESTE CONTRASTE...

olhe os dentes de outra boca.. cariados e mal cuidados. Isto poderia ter sido evitado, com uma visita ao dentista e o uso diario de Kolynos.



GUERRA ÀS CARIES! SOMENTE KOLYNOS AS COMBATE destes 3 modos

1. ELIMINANDO OS ÁCIDOS DA BOCA
Os ácidos da boca, que causam as caries, ficam neutralizados logo que os ingredientes anti-ácidos de Kolynos se põem em contacto com a saliva. Esses mesmos ingredientes dissolvem a pelicula que sentimos sobre os dentes, antes de escová-los com Kolynos. É nessa pelicula que as bacterias se ocultam e se reproduzem.

2. DESTRUINDO AS BACTERIAS
A conhecida bacteria "Lactobacillus Acidophilus Odontolyticus" é a produtora dos ácidos que provocam as caries dentarias. Somente Kolynos contem certos ingredientes bactericidas que são mortais para essas bacterias. Estudos cientificos realizados em famosas universidades norte-americanas e européias, provaram que Kolynos destroi cerca de 92% das bacterias da boca. *Este efeito de Kolynos dura varias horas.*

3. LIMPANDO PERFEITAMENTE
A espuma penetrante e refrescante de Kolynos retira as particulas de alimentos deixadas pela escova... e mantem os ingredientes protetores de Kolynos na superficie dos dentes, para evitar que se forme nova pelicula. Essa espuma penetrante leva os ingredientes anti-ácidos e bactericidas de Kolynos aos lugares perigosos... *atacando realmente a causa principal das caries.*

Delicioso sabor refrescante! E ECONÔMICO TAMBEM: Basta 1 cm. na escova seca.




McCANN

Melhores resultados são obtidos escovando-se os dentes com Kolynos, depois de cada refeição

K-302

A SAÚDE DO BEBÊ

# ENURESE INFANTIL E SUAS CAUSAS

DR. SABOIA RIBEIRO

SÔMENTE para o fim do segundo ano é que aparece, na criança, o contrôle da bexiga, e a micção se torna voluntária.

Duas fáses costumam preceder êsse contrôle.

Na primeira, puramente reflexa, o bebê parece ter apenas noção do ato de urinar; nessa fáse, não surte nenhum efeito qualquer esfôrço para fazê-lo urinar quando a isso instigado.

Na segunda fase, em que aquela noção já é mais acentuada, já se esboça o contrôle da micção; a pouco e pouco essa fáse já se vai confundindo com a terceira, de modo que, se a criança vai então colocando no vaso a intervalos certos, é já possível, muitas vêzes, antecipar bastante o exercício voluntário da micção, que, em regra, só está perfeitamente capacitado, como já dissemos, lá para os dois anos.

Nestas condições, aí por volta de um ano a um ano e meio de idade, a criança já pode não se urinar sem dar sinal de sua necessidade, durante o dia e estando desperta, ou não se urinando estando dormindo e à noite.

Mas, na generalidade, é antes normal, à volta dos dois anos, durante o sono noturno, não mais urinar-se a criança, bastando para isso, naturalmente, um cuidado: de ser posta a urinar antes de ir para a cama.

Não poucas vêzes, porém, a micção involuntária durante o sono pela noite excede, de muito, aquêles limites naturais, constituindo a *enurese noturna*.

A família então se preocupa e, mesmo, se alarma, sobretudo por ver que outras crianças da mesma idade já não fazem o mesmo do dormir.

A família interpreta isso, então, como uma manifestação de deficit mental, já que nos idiotas e certos débeis mentais (portadores de afecções cerebrais e medulares) quase nunca falta a incontinência de urina.

Muitas vêzes a criança se urina também durante o dia, mas isso não preocupa a família; sòmente os micções durante o sono noturno trazem inquietação e espanto. Esquece-se, porém, a família que a criança sòmente controla a micção durante o sono noturno, unicamente mais tarde de já o fazer enquanto desperta.

Diante de um caso de enurese nada de castigos ou diétas arbitrárias.

A primeira coisa a fazer é procurar a possivel existência de alguma infecção responsável do aparêlho genito- urinário, ou alguma anomalia anatômica do mesmo, o que evidentemente é da alçada do médico. Muitas vêzes os exames radiológicos podem ser reclamados para elucidar os diferentes casos.

Fora dêsses casos a *enurese* pode ser filiada a um disturbio meramente psicologico, perturbando o contrôle conciente da micção na sua época própria.

Aqui assumem um papel muito importante os conflitos, a angústia, os castigos impostos à criança, as restrições feitas à sua liberdade, etc.

E' preciso não esquecer que o contrôle da micção voluntária pode achar-se perturbado apenas por atraso no seu tempo completo estabelecimento, sendo a criança, quanto às outras funções, inclusive seu psiquismo, perfeitamente normal.

De maneira que, nêsses casos, nenhuma prática pode antecipar a normalidade desejada.

Sem dúvida as mães devem ser instruídas no sentido de colocar a criança no vaso a intervalos regulares: porém devem saber que a educação da criança naquilo que têm em vista, falha sempre nos casos de possível retardamento no contrôle da bexiga.

O emprêgo de rigores com a criança pelo fato de sua *enurese* gera ressentimentos subconcientes contra os pais, admitindo alguns psicologos que os micções verificados durante o sono dela seriam nada mais, nada menos, do que o equivalente de uma vingança contra as críticas e castigos a si feitos por êles.

Aos pais, portanto, deve-se aconselhar tôda a moderação e discrição em face da eventualidade, lembrando-lhes, de mais a mais, que nada existe de absoluto quanto à idade exata em que se pode esperar o contrôle bem desenvolvido da micção, observando-se por vêzes um prazo extremamente alongado mesmo tratando-se de individuos normais (aqui também se observam as mesmas variações que se encontram na marcha e na fala, que numas crianças veem mais cêdo, noutras mais tarde).

Dentre as doenças orgânicas que podem ser responsábilizadas pela *enurese*, destacam-se o diabetes, a nefrite, as infecções de trato urinário, tôdas a justificarem o exame de urina, sempre necessário nos diferentes casos com suas variadas causas.


**O Jôgo**
da criança
não é o mesmo
do adulto...



- e também
o **fortificante!**

Para as crianças do Brasil



só o

Não é qualquer fortificante que serve para as crianças. Os delicados organismos infantís exigem um tônico completo em sua fórmula, com ingredientes cientificamente dosados: TÔNICO INFANTIL! As crianças de hoje tornam-se mais fortes, mais inteligentes e alegres com o uso do TÔNICO INFANTIL, um preparado moderno.

TÔNICO INFANTIL





## A vida de Joana D'Arc

d'Arc a Pierre Cauchon, na verdade assinavam-lhe a sentença de morte. Não tinham a intenção de deixá-la escapar com vida. Foi deliberado antes do julgamento que, se a Inquisição não chegasse a condená-la como herege, os tribunais civis a julgariam como traidora. Se ela escapasse das mãos dos franceses, cairia diretamente nas mãos dos inglêses. Era um caso de "cara você perde, coroa eu ganho". No comêço do julgamento, dois dos padres que tinham assento entre os juizes acusaram todo o processo de ilegalidade. Um dêsses padres foi logo afastado do julgamento e encarcerado por Cauchon. O outro teve a boa sorte de fugir antes que seus superiores conseguissem prendê-lo.

Quanto a Joana, estava mais do que ciente da intrincada trama de inimizades que provocara. Sabia que os inglêses estavam ansiosos por persegui-la. Por que, porém, sua querida Igreja tomara parte nessa perseguição? Deus Pai não lhe falara por intermédio dos anjos e santos da Igreja?

— Vim de Deus — disse ela aos seus juizes. — Não tenho o que fazer aqui. Mandem-me de volta a Deus, do qual vim.

Mas os juizes tentaram convencê-la, como êles próprios estavam pròvàvelmente convencidos, de que ela viera do Diabo. Êsses juizes eram sessenta e três, encabeçados por Cauchon, e gastaram aproximadamente quatro meses na sua vã tentativa de provar a ela que era uma feiticeira. Mas ela sempre lhes dava a invariável resposta:

— As vozes que eu ouvi vieram de cima, e não de baixo.

Finalmente, verificou que sua sorte estava selada. Entretanto, manteve-se calma e bem disposta até o fim. Numa das sessões, quando vários juizes puseram-se a admoestá-la ao mesmo tempo, replicou delicadamente:

— Por favor, bons padres, não falem todos duma vez só. Assim vão se atrapalhar.

A tragicomédia teve fim em 30 de maio. Joana d'Arc foi julgada culpada de ter "traficado com o Diabo"; e Pierre Cauchon


**BANCO DO COMERCIO S. A.**

FUNDADO EM 1875
O mais antigo da praça do Rio de Janeiro
Sede:
**RUA DO OUVIDOR, 93-95**
**TEL. 43-8966**
Agências no: Distrito Federal, Estado do Rio, Estado de São Paulo, Estado de Minas Gerais
★
Tôdas as operações bancárias, inclusive câmbio.

MÚSICA

# O TROVADOR

ROBERTO LYRA FILHO

ENQUANTO os assinantes perguntavam, como na canção popular italiana — Cadê Zazá? — a ópera de Leoncavallo, Zazá, ficou com a apresentação adiada *sine die* e, à última hora, foi substituida pelo Trovador, de Verdi.

Não se improvisa um espetáculo, nem mesmo quando se trata de obra conhecida — até demais — pelo público e pelos artistas. O resultado da falta de ensaios é a desarticulação, o desencontro entre intérpretes principais e côro, a confusão em cena.

Assim, não obstante o valôr dos desempenhos individuais de alguns elementos, a impressão geral não foi favorável ao trovador, na sua versão mais recente.

ELLENA NICOLAI

Destaquemos, entretanto, a soberba interpretação de Ellena Nicolai. Depois de salvar o Lohengrin do fracasso completo, oferecendo uma criação de grande fôrça dramática como Ortruda, Nicolai repetiu a proeza, conseguindo novo sucesso. Tudo, dêsde a parte cênica, o porte, a mímica, até o esplendor da voz generosa e ampla, usada com impecável arte sob todos os aspéctos a criação de Nicolai, no Trovador, merece inclusão na galeria de honra, ao lado das melhores Azucenas.

Leonard Warren, tendo recuperado a boa forma, após o lamentável acidente, no Rigoletto, deu a medida máxima de seus recursos vocais. Notava-se, até certa preocupação no sentido de demonstrar o volume da voz, empregado em tôda a sua intensidade. Se Warren pretendia, com isso, exibir a potência vocal que falhara, recentemente, por súbita indisposição, conseguiu pleno êxito e as palmas do público o reconheceram, em calorosa manifestação.

O PROBLEMA BARBATO

Elisabetta Barbato constitui um problema artístico que vem preocupando o público e, especialmente, os seus admiradores. A irregularidade de suas "performances", ora notáveis, ora prejudicadas por sérios defeitos êsse desnível exige uma explicação. Parece-nos que, conquanto dotada de uma voz de rara beleza, doçura e extensão, Barbato não a emprega de forma criteriosa, guiando-se mais pelo arrebatamento e pelo instinto do que pela boa escola. Assim, os seus desempenhos estão sujeitos a contingências decorrentes de sua falta de disciplina. Barbato lança-se às cegas, e tanto pode acertar como errar. Aliás, a exuberância gasta a voz e rouba-lhe, logo a frescura. Assim, no início da temporada, em geral, ela se apresenta repousada e o veludo do timbre encanta e faz esquecer os defeitos, a falta de recursos mais sutis de fraseado e colorido. Porém, a sucessão das récitas vai cansando a cantora, e aparecem certas asperezas, o rendimento se torna menor e emergem as falhas que transformam Barbato numa artista insegura. Não posso esquecer o destino de Gina Cigna, que seguiu pelo mesmo caminho e cedo perdeu o brilho da voz, aparecendo aqui no Rio, ainda moça e já em trágico declínio. Barbato ainda tem tempo para salvar o seu patrimônio artístico, mas a persistência nêsses métodos impulsivos acarretará prejuízos, talvez irreparáveis.

DEL MONACO

Del Monaco, vem progredindo sempre, dêsde a sua estréia, aqui no Rio. Dotado de uma voz de tipo dramático, bom timbre e larga extensão, êle precisa apenas controlar melhor a emissão, polindo certas arestas que perturbam o fraseado. Um pouco mais de maleabilidade, e êle atingirá um invejável rendimento.

De qualquer forma, porém, trata-se de um artista em franca ascenção, com excepcionais predicados dramáticos, sabendo, até, tirar partido da sua boa aparência. São tão raros os tenores esbeltos... Que o digam as "faãs" de Del Monaco.

---

recebeu parabêns da Universidade de Paris pela "grande solenidade e o justo e santo espirito" com que dirigira o julgamento.

Os juizes da Igreja condenaram-na a ser queimada; e, de acôrdo com os costumes eclesiásticos da época, entregaram-na aos carrascos do poder civil. E assim, legalmente, embora não moralmente, o bispo de Beauvais pôde lavar-se as mãos de todo aquêle negócio.

Joana d'Arc, porém, não se deixou iludir a respeito disso. Voltando-se para Pierre Cauchon quando as chamas começavam a alcançá-la, bradou:

— Bispo, vós é que me matais!

E quando as chamas se elevaram mais alto, sussurrou:

— Foi Deus que me enviou. Agora regresso a Êle.

VI

De vez em quando os poderes celestes enviam um anjo para nos iluminar. E só depois que o expulsamos do nosso meio é que o reconhecemos como tal. Em 1431 Joana d'Arc foi oficialmente executada como feiticeira. Em 1920 foi oficialmente canonizada como santa.

DATAS IMPORTANTES NA VIDA DE JOANA D'ARC

1412 — Nasceu em Domrémy, à margem do Mosa.

1424 — Ouviu "a voz de Deus" pela primeira vez.

1428 — Partiu na sua cruzada para salvar a França "do seu lastimável estado".

1429 — Levantou o sitio de Orléans. 16 de julho — Promoveu a coroação do delfim Carlos, em Reims. 29 de dezembro — Ascendeu à nobreza.

1430 — 23 de maio — Aprisionada em Compiègne.

1431 — 3 de janeiro — Foi entregue ao seu juiz, Pierre Cauchon. 31 de fevereiro — Novo julgamento começou em Ruão. 23 de maio — Assinou a abjuração. 30 de maio — Foi queimada num poste na Praça do Mercado Velho de Ruão.

## A LINDA DONA INÊS

(Cont. da pág. 54)

Por êsses e tantos outros motivos (alguns de ordem conjugal), sofria o nosso doutor Fausto. O sono lhe fugira, havia muito, em face de tão caótica situação. Situação não apenas de falência do Laranjal, mas também de falência de juizo em sua própria espôsa.

Sim, porque, apesar de tudo, continuava a linda dona Inês "posta em sossêgo" (segundo comentaria Camões), como se nada estivesse acontecendo.

Naquela tarde, então, à hora da sesta, o cérebro cansado do doutor andava a ruminar coisas possivelmente passionais. Talvez que a companheira já não o amasse mais. Talvez que nunca o tivesse amado, a julgar pelo que via e ouvia dela.

Ao compasso da rêde em que repousava, o seu pensamento ia e vinha, para lá e para cá, como que monologando:

— Pobre Fausto! És um idiota! Pobre Fausto! És um idiota!

De súbito, sobresalta-se, caindo em si:

(Cont. no próximo número)





Mensagem de Esperança!

Eis o que significa o folheto que acaba de ser impresso pelo CENTRO AUDITIVO TELEX S. A., exclusivamente dedicado aos que sentem a sua capacidade auditiva diminuida.

As informações relativas à surdez, contidas nesse prático folheto ilustrado foram, pela primeira vez, traduzidas para o português por aquêle Centro Auditivo que, a par da orientação precisa sôbre as diversas causas da surdez tem, como principal objetivo, demonstrar aos surdos do Brasil, a utilidade inigualável dos modernos aparelhos TELEX, de adaptação invisível, som puro e natural, de acabamento elegante e formato pequeno, numa demonstração eloqüente do quanto estão avançadas, no campo da eletrônica, as descobertas da ciência. Envie, por favor, o cupom anexo e, graciosamente lhe será enviado o folheto ilustrado que se intitula "FATOS SÔBRE A SURDEZ", pelo

CENTRO AUDITIVO TELEX S. A.
AV. RIO BRANCO 138-13º and. - RIO DE JANEIRO

Preencha e envie-nos êste cupom para maiores informações

Nome ....................................

Endérêço ....................................

Cidade ....................................




Instantina
os RESFRIADOS

## QUER SER ESCRITOR?

Inscreva-se no CURSO DE LITERATURA, ESTILÍSTICA E PORTUGUÊS por correspondência, sob a direção de RENATO DE ALENCAR. Cartas para: Av. Rio Branco, 117 — sala 305, para remessa do pro··

## AOS ASSINANTES E DISTRIBUIDORES DESTA REVISTA

**Rogamos indiquem sempre, com as suas remessas de dinheiro, nome e endereço certos a que as mesmas se destinam**



**Realizou-se, nesta Capital, o enlace matrimonial da senhorita Celita Rocha de Los Rios, filha do sr. Manoel de Los Rios e sua senhora, D. Célia Limoeiro Rocha de Los Rios, com o sr. Paulo Júlio Belens Pôrto, filho do sr. Belens Pôrto e de sua espôsa, D. Dora Ribeiro Belens Pôrto.**

**Os nubentes, que são figuras da nossa sociedade, foram alvos de expressiva manifestação de simpatia.**

## DEFENDE-SE O HOMEM...

(Cont. da pág. 8)

No entanto, foi transferido o estado maior do Perkonkrust (Hakenkreuz) (cruz gamada) para a rua Waldemar na casa do banqueiro Schmulian. Sabiamos que nêsse estado maior de assassinos residiam os bem conhecidos membros do Perkonkrust como por exemplo os aviadores Anajs, Cukurs, Teidemann, Razum e Freimanis. Muitos deles que carregaram suas consciências com centenas e milhares de assassinatos, vivem atualmente em plena liberdade no mundo. Fizeram simplesmente uso do direito de asílo que as grandes democracias concedem. E, na página noventa e nove, capítulo III, que fala de uma ação no Ghetto de Riga.

Ininterruptamente apareceram tropas da S. A. (de assalto) com seus fardamentos pardos, entre êles Altmeyelr e jager (que foram ajudantes de Cukurs, espécie de tenentes). De um auto saíu, vestido de uma capa de couro, com uma grande pistola ao lado, o assassino letão Cukurs.

Jogando sôbre a mesa, em cadência com a voz levantada no final de cada frase, o lapis que segurava, prosseçue o dr. Alfred Gartenberg:

— Temos, entre outros, três depoimentos: o de Max Tukacier, o de Akraham Shapiro e o de uma pessoa aqui no Rio, uma judia (deixou escapar) que muito tempo com êle privou e o conhece muito bem, que afirmam o primeiro e o último usou Cukurs o uniforme da S. S. (que tinha como distintivo uma caveira).

No de Max Tukacier, datado de vinte e três de setembro de 1948 encontra-se pontos análogos ao de Rafael Schub, residente em Toronto no Canadá — enquanto que Tukacin depôs em Berlim — em dezembro de mil novecentos e quarenta e nove depondo, não podia haver combinação de testemunhas quando declaram ambos que a casa do banqueiro Schmulian tornou-se séde de Perkonkurst e, que dela foi um dos dirigentes Herbert Cukurs.

Em seu depoinmento Tukacoer diz que em 16 de Julho de 1941 assistiu à chegada de Cukurs com uma capa de couro no Ghetto. Coincidência honesta e verídica, atentando-se para a data do livro que é de quarenta e sete e o depoimento datado de quarenta e oito.

Outras datas coincidem em vários depoimentos como a de quinze de julho de quarenta e um, quando do fuzilamento de dez judeus.

E joga novamente o lápis sôbre a mêsa, junta-o a duas canetas, gesticula um pouco, faz cara triste, limpando a lente dos óculos, e recomeça, lendo o depoimento de Shapiro. "Filho do velho Pirus Shapiro em casa de quem Cukurs morou" — diz, à guisa de explicação.

"Vi Cukurs sacar de uma pistola e matar dois judeus". Nos dez primeiros dias de julho de 1941. Litman um deles, o outro não recordava. Foi a resposta, após solicitado a essas duas elucidações: qual dia e quem eram. Prosseque então o depoimento de Shapiro.

" No dia trinta de novembro de quarenta e um, vi Cukurs matar uma senhora no Ghetto".

E mais adiante:

"Cukurs sabia que eu era pianista e, certa noite (no curso do mês de julho) chamou-me para minha residência (que agora ocupava) para fazer música a noite tôda. Na residência de Cukurs encontrava-se grande número de letões, tôdas personalidades de destaque na polícia de segurança. Quando os letões, entre êles Cukurs, ficaram bastante animados, vi como introduziram no salão uma moça judia que, certamente, durante, todo o tempo ficou guardada na cozinha ou numa dependência contígua, e os letões começaram a divertir-se com ela. Sentado no piano vi que forçaram a moça a despir-se e fui testemunha ocular que os letões alternativamente abusaram dessa moça. E' de meu conhecimento que essa moça. ficou durante várias semanas prêsa na residência de Cukurs".

Lê mais algumas declareções que, diante da lubricidade contida não permitem a transcrição.

Esse lápis positivamente está fadado a não parar. Um tique nervoso ou atitude estudada, quando do exercício da advocacia? Não nos interessa.

— E' obvio e conhecido que muitos dos mais destacados criminosos de guerra, como Martin Bormann, andam por aí livres sem que se saiba por onde, respondeu quando perguntado sôbre a liberdade de Cukurs sendo do conhecimento por certo das autoridades aliadas de sua estada aqui no Brasil. Ademais, à convenção de Genocídio não adere, com a sua ratificação, ainda, o Brasil. Portanto, a extradição é impossível.

Alegou numa entrevista que não podia ter cometido os assassinios em Riga porque, nessa data, lá não se encontrava. Foi justamente nêsse lugar, no sul do pais, onde permanecia, que se realizaram os maiores massacres, em Kuldiga e Baush. Sabemos de fonte bem informada que até o fim de quarenta e quatro esteve em Riga na Letonia.

— Por último, quanto às manifestações dos jóvens judeus pode dizer que a Federação desaprova, como não aprovou muito antes de se realizar,

## TERREMOTO!!!

## NO MERCADO DE PERFUMES!

NOVA TABELA

| TIPOS DE PERFUMES | Essências 10 gr. Cr$ | Extratos 50 gr. Cr$ | Loções ¼ Cr$ |
|---|---|---|---|
| Crepe A — Super ... | 12.00 | 22.00 | 30.00 |
| Madeiras A — Super | 12.00 | 22.00 | 30.00 |
| Rosa Natural — Super | 13.00 | 22.00 | 30.00 |
| Jasmim Super ....... | 10.00 | 22.00 | 30.00 |
| Violeta B — Super .. | 13.00 | 22.00 | 30.00 |
| Q. Fluors — Super .. | 15.00 | 25.00 | 35.00 |
| Fl. Amor — Super .. | 15.00 | 25.00 | 35.00 |
| Mitzko — Super ..... | 18.00 | 25.00 | 35.00 |
| Arp. S — Super .... | 20.00 | 35.00 | 40.00 |
| Tabac B — Super ... | 21.00 | 35.00 | 40.00 |
| Tabul — Super ..... | 25.00 | 35.00 | 40.00 |
| Chan 5 — Super .... | 25.00 | 35.00 | 40.00 |
| Nuit N — Super .... | 25.00 | 35.00 | 40.00 |
| Cuir R — Super .... | 25.00 | 35.00 | 40.00 |
| Narcisse N — Super.. | 25.00 | 35.00 | 40.00 |
| Pretx — Super ..... | 35.00 | 45.00 | 55.00 |
| Rumores — Super ... | 35.00 | 45.00 | 55.00 |
| Escandalo — Super .. | 35.00 | 45.00 | 55.00 |
| Tabul GR — Super .. | 35.00 | | |
| Flor Maçã LF ...... | 50.00 | 70.00 | 70.00 |
| Soupplesse LF ...... | 50.00 | 70.00 | 70.00 |
| Biarritz LF .......... | 50.00 | 70.00 | 70.00 |
| Monte Carlo LF ..... | 50.00 | 70.00 | 70.00 |
| Arabesque LF ...... | 80.00 | 80.00 | 80.00 |
| Heno del Campo LF.. | 80.00 | 80.00 | 80.00 |
| Casino LF .......... | 80.00 | 80.00 | 80.00 |
| Violette Feuilles LF .. | 85.00 | 105.00 | 105.00 |
| La Rose Rougeatre LF | 85.00 | 105.00 | 105.00 |
| Despesas Reembôlso.. | 6.00 | 6.00 | 6.00 |

Não aceitamos pedidos menores de Cr$ 100,00. Os perfumes marcados LF são legítimos franceses

VENDAS PELO REEMBOLSO POSTAL

A FEIRA DAS ESSÊNCIAS

Av. Marechal Floriano, 67 — Sob.

RIO DE JANEIRO

A BELEZA DOS SEIOS

## BÉL-HORMON

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1; e quando fôr ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.

## BÉL-HORMON

Distribuidores para todo o Brasil: Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de «BÉL-HORMON» nº ....

NOME ..............................

RUA .......................... Nº ....

CIDADE ............ ESTADO ........

Preço para todo o Brasil Cr$ 35,00



quando até se instalou o "juri simulado" no dia 12 de agôsto na A. B. I. fazendo seu manifesto pelo "Jornal Israelita" de dez de agôsto. A Federação das Sociedades Israelitas do Rio de Janeiro confia plenamente na justiça brasileira e na apuração dos crimes de Cukurs. Todos nós sabemos que não há pena para Herbert Cukurs. Para quem assassinou milhares de homens, mulheres e crianças, não existe punição que compense, embora não desejemos pròpriamente vingança. Queremos ter certeza, nós, judeus dos mais longínquos países, que por vontade própria, nos naturalizamos brasileiros, que êsse homem não poderá gozar, jámais, dos mesmos direitos que nós aqui nessa terra. E, que assim seja por todo o mundo. Herbert Cukurs embarcou para o Brasil em Marselha, no navio "Cabo de Buena Esperanza" (espanhol) com o passaporte expedido nessa cidade francêsa, em 17 de dezembro de 1945 por Paulo Brasil, um consul, vindo como agricultor. Chegando em nossa terra a 4 de março de 1946, foi residir em Niterói, no Saco de São Francisco e, lógo após, na Urca, numa barraca alí armada. Daí passou-se para a rua Barata Ribeiro, morando no apartamento de uns amigos que se retiravam do Rio para uma estação de águas. Conseguindo, mais tarde, dinheiro emprestado, instalou-se com o comércio de "pedalinhos" na Lagôa, lá residindo até hoje. Dêsse negócio — segundo declara — ainda não pagou tôdas as prestações.

— De quê o senhor é acusado?

— Ah! deixe-me ver, que nem sei de cór. Aqui está, e nos mostra um jornal. Fui acusado em dois a três de julho de cometer os crimes: assassínio, afogamento e profanação de cemitérios de judeus em Riga. A três de julho de quarenta e um: incêndio da grande sinagoga na rua de Gogol, em quatro de julho de quarenta e um queimou vivos tresentos judeus letãos que lá estavam abrigados. Esterilisação e posterior assassínio de varões judeus em Bunsk, afogamento de mil e duzentos judeus em Kuldiga. Assassínio diréto de mais de quinhentos judeus. Inúmeros casos de estrupos e degradação moral.

★

No caso de apurada a culpabilidade de Herbert Cukurs e a exigência das autoridades aliadas de Nuremberg em seu recâmbio, estamos certos; a justiça brasileira o fará.

★

Sete e meia da noite. Descemos da Federação Israelita, no elevador, para o térreo completamente escuro. O dr. Alfred Gartenberg acendeu as luzes e procurou as chaves para abrir o portão de ferro. Não as havia trazido. E Fernando, o Santo-Antônio do prédio fôra embora. Ficamos alí cêrca de meia-hora. Sensação desagradável, realmente. Saímos depois que o Fernando, chamado, voltou.

## Grenada, um paraíso...

(Cont. da pág. 18)

nascimentos, sòmente 1100 mortos, isto é houve um aumento de população de 1104 pessoas. E' preciso acrescentar que 65 % dos habitantes são de cor, 33 % são mulatos e sòmente 2 % são brancos. O povo é muito católico. Em cada aldeia existe uma igreja ou capela, e na comunidade os padres possuem grande influência.

A comunicação com o mundo inteiro é feita por rádio-comunicação em São Jorge e pelas linhas de viação locais. A vida é muito simples, cheia de trabalho mas muito alegre. Todo mundo é feliz com esta vida e com seu trabalho. Conservam os velhos costumes e naturalmente que os dias de feira são sempre os dias de encontro de tôda a população. Nas pequenas lojas que vendem diversas mercadorias a venda é realizada com graça e gentileza, que dão muito prazer em comprar e de travar conversas.

A ilha é um verdadeiro paraiso, onde não existem criminosos e onde a cultura moderna não modificou os bons e velhos costumes. (IPA).

## A vida de Maria Stuart

(Cont. da pág. 14)

— Guiados por tal homem — disse Maria Stuart — nossos soldados varrerão qualquer coisa da sua frente.

Quando, porém, chegou a crise, êsses soldados fizeram mais barulho do que estrago. Gritaram para os inimigos, ameaçando-se de estripá-los, e, já logo no primeiro recontro, "azularam com a neblina da manhã". Bothwell abraçou sua rainha precipitadamente — ela viera em pessoa presenciar o combate — e montando a cavalo partiu a galope para o exílio. Tendo sido sua cabeça posta a prêmio, êle fêz-se de vela para a Noruega numa casca de noz, escapou por pouco de naufragar, alcançou em condições precárias a Dinamarca, seduziu uma moça dinamarquesa, caiu finalmente nas mãos das autoridades de Copenhague e, após dez anos de reclusão, morreu doido varrido.

Tal foi o fim do último paladino de Maria. A rainha ficou a sós com sua consciência, e à mercê de seus dois inimigos mortais; Moray e Isabel.

Seu irmão Moray ràpidamente deu-lhe cabo do sonho imperial. Compeliu-a, com a anuência de Isabel, a abdicar ao trono em favôr do seu filhinho Jaime. Moray fêz-se por sua conta preceptor do jovem rei, e esperou a sua oportunidade de subir êle próprio ao trono. Também o *seu* sonho, porém, teve um fim intempestivo. Depois de vários anos de maquinações e de banhos no sangue de seus pares, recebeu a paga final de seus pecados: uma morte violenta.

Na tragi comédia da cupidez imperial ficavam agora apenas as duas protagonistas, Isabel e Maria. A rainha da Inglaterra fêz sua prima escocesa esperar. Um longo e divertido brinquêdo de gato a caçar rato. Era tão agradável saborear sua desforra em pequenos tragos, e estalar a língua, e sorrir à tortura da sua vítima! Isabel era filha malvada de um pai malvado, o rei Henrique VIII, que matara diversas de suas espôsas. A humanidade, para Isabel, eram milhões de zeros com ela a frente como número que lhes dava valôr. Ela tiraria o máximo de prazer de um dêsses zeros, Maria Stuart, antes de riscá-lo.

Por isso, antes do mais deu de presente a Maria seu anel régio, um "símbolo da amizade de uma rainha venturosa" — note-se a alfinetada — "a uma rainha irmã desgraçada". Em seguida tomou providências para perpetuar a desgraça de sua "irmã". Sempre se valendo de terceiros para que assim sua mão direita não pudesse saber o que fazia a esquerda, ela subornou os senhores de terras escocesês para que prendessem Maria no castelo de Lochleven. E por fim, quando Maria agiu de modo a fugir de Lochleven, Isabel convidou-a a ir à Inglaterra.

— Não quer aparecer na minha sala de visitas? — disse a aranha à môsca.

O anel que lhe dera, declarou Isabel, serviria a todo o momento a Maria como um salvoconduto na Inglaterra. Alí, prometeu ela, Maria Stuart acharia "uma boa companheira, uma irmã carinhosa, uma amiga fiel".

Depois de muito trabalho Maria chegou à Inglaterra. "Sofri injúrias, calúnias, cativeiro, fome, frio, calor, atravessando o país numa extensão de noventa e duas milhas, sem saber onde ia parar, sem me deter uma vez para descansar; então me estirei no chão, tendo só leite azêdo para beber, e farinha de aveia para comer, passando três noites em companhia das corujas". Em 16 de maio de 1568 é que a rainha exilada pôs pé em terra inglêsa. E a rainha da Inglaterra a recebeu não como sua hóspede, mas como sua prisioneira. Recusou-se a ver a prima, mas a manteria, segundo afirmou, a salvo de qualquer ultraje. E adoçou a pílula amarga do cativeiro de Maria com seus costumeiros protestos de aprêço. "Palavra de rainha", escreveu ela, "prometo que nenhum conselho ou incitamento alheio jámais me levará a expô-la a qualquer perigo para sua pessoa ou sua honra".

Durante dezenove anos Isabel conservou Maria Stuart em "honrosa custódia", enviando-a prisioneira de um castelo para outro, permitindo que ela "governasse" seus guardas, pondo-lhe à disposição os melhores médicos quando ela estava doente, incentivando-a a sair a caçar quando estava bem — sempre cercada por um bando de carcereiros chamados eufemìsticamente de "guarda de honra" — proporcionando-lhe, em suma, tôdas as espécies de *liberdades*, menos uma: *liberdade*.

Afinal, Isabel cansou-se de seu jôgo com Maria, e resolveu descartar-se dela. O incidente que deu motivo à decisão foi em si mesmo trivial. A Condêssa de Shrewsbury, maliciosa e mexeriqueira espôsa do mais antigo carcereiro de Maria informara Isabel de que a rainha escocesa mantinha "relações amorosas" com o Conde de Shrewsbury, marido da informante. Em conseqüência disso, Maria desmentiu indignada a acusação e dirigiu a Isabel uma carta na qual abria as comportas da sua ira não só contra a condêssa mas contra a própria rainha. "Essa vil Shrewsbury tem difamado a senhora tanto como a mim". E Maria prosseguiu com uma lista brutal das culpas de Isabel. Com aquela carta, dizia ela, tencionava fazer uma advertência amiga. Na realidade, porém, pretendia dar uma picada venenosa com ela. Isabel sabia, perguntou, que a Condêssa de Shrewsbury a pintava como desmedidamente frivola, vulgar e cruel? Em certa ocasião, contava-se, ela dera uma cutilada na mão de um serviçal porque êle se mostrara um tanto desastrado em atender a mesa do jantar.

(Cont. no próximo número)




## NOSSA PÁGINA DE TESTES — OS SEIS PONTOS DA CULTURA

| | | |
|---|---|---|
| Nenhuma resposta certa .. | Estado primitivo | Homem-macaco |
| De 1 a 3 .............. | Cultura inferior | Selvagem |
| De 4 a 10 .............. | Cultura média | Estudante ginasial |
| De 11 a 15 .............. | Cultura superior | Universitário |
| De 16 a 19 .............. | Genial | Um sábio |
| Tôdas as vinte .............................. | | O gênio em pessoa |

**1** QUE QUANTIDADE DE ESSÊNCIAS PODE-SE EXTRAIR DE UMA TONELADA DE ROSAS:
— Cem gramas?
— Um litro?
— Meio litro?

**2** QUE FATO CURIOSO SERA OBSERVADO EM FEVEREIRO DE 1961 NO CAMPO DA ASTRONOMIA:
— Reaparecerá o cometa de Halley?
— Fevereiro não terá lua cheia?
— Ou haverá duas luas cheias?

**3** COMO SE CHAMA A PESSOA QUE DÁ ESMOLAS:
— Esmoler?
— Liberal?
— Mendicante?

**4** EM QUE DATA FOI INAUGURADA A AVENIDA CENTRAL (HOJE RIO BRANCO):
— 15-12-1906?
— 14-11-1905?
— 1- 1-1904?

**5** A QUE SE DEU O NOME DE PROVÍNCIA CISPLATINA:
— Ao Estado do Rio Grande do Sul?
— Ao território das Missões?
— Ao Uruguai?

**6** QUE QUER DIZER *MALGAXE*:
— Juiz abissínio?
— Negócio de contrabando?
— Natural de Madagascar?

**7** DE QUE FILÓSOFO É ESTA DEFINIÇÃO: "O HOMEM É UM BIPEDE SEM PENAS":
— De Aristóteles?
— De Platão?
— De Diógenes?

**8** QUANTOS QUILOS PESA A CABEÇA DO CRISTO REDENTOR DO CORCOVADO:
— Dois mil?
— Mil cento e dez?
— Vinte mil?

**9** QUANTO MEDE, DE PONTA A PONTA DOS DEDOS DOS BRAÇOS DISTENDIDOS, O CRISTO DO CORCOVADO:
— Vinte e um metros?
— Trinta metros?
— Quarenta metros?

**10** EM QUE PARTE DO MUNDO AS TROPAS PORTUGUÊSAS JÁ INVADIRAM TERRAS DA FRANÇA, APODERANDO-SE DAS MESMAS:
— Na Europa?
— Na América do Sul?
— Na África?

**11** QUAIS FORAM OS ÍNDIOS QUE, NO SUL DO BRASIL, SE ALIARAM COM OS FRANCESES NUMA GUERRA CONTRA OS PORTUGUÊSES:
— Tamoios?
— Tabajaras?
— Tupiniquins?

**12** QUAL DÊSTES DEFENSORES DO BRASIL MORREU LUTANDO NA FUNDAÇÃO DO RIO DE JANEIRO:
— Mem de Sá?
— Salvador de Sá?
— Estácio de Sá?

**13** QUANTOS ANOS DUROU O DOMÍNIO ESPANHOL NO BRASIL:
— Vinte-e-quatro?
— Sessenta?
— Trinta-e-oito?

**14** QUEM FOI INHIGO LOPES DE RECALDE:
— Um navegador espanhol?
— Um santo?
— Um médico?

**15** A QUEM DEVEMOS O PRIMEIRO DICIONÁRIO DA LINGUA TUPI:
— Ao General Couto de Magalhães?
— A Gonçalves Dias?
— Ao Padre Anchieta?

**16** QUEM FUNDOU A CIDADE DE S. LUIZ, CAPITAL DO MARANHÃO:
— Os franceses?
— Os portuguêses?
— Os espanhóis?

**17** QUEM ERGUEU OS DOIS PRIMEIROS EDIFICIOS QUE DERAM LUGAR À ATUAL CAPITAL DO CEARÁ:
— Pero Coelho?
— Martim Soares Moreno?
— Diogo Botelho?

**18** ALÉM DAS *BANDEIRAS* PAULISTAS, EM QUANTOS OUTROS ESTADOS TAMBÉM HOUVE DESSAS *BANDEIRAS*:
— Em quatro?
— Em dois?
— Em cinco?

**19** QUEM DESCOBRIU AS PRIMEIRAS MINAS DE OURO NO BRASIL:
— Fernão Dias Pais?
— Martim Afonso de Souza?
— Manuel Borba Gato?

**20** QUAL O BRASILEIRO COGNOMINADO "AVÔ DE NOSSA DIPLOMACIA":
— Visconde do Rio Branco?
— Joaquim Nabuco?
— Alexandre de Gusmão?

*(Respostas na página 58)*

**Cristais da Bohemia!**

O MAIS SUNTUOSO SORTIMENTO ATÉ HOJE!

Magníficas exposições de cristais, porcelanas faianças e serviços de mesa

**LUSTRES DE CRISTAL DA BOHEMIA**

E OBJETOS DE PRATA PARA PRESENTES

Visite as incomparáveis exposições da

**Princesa dos Cristais**

ASSEMBLÉIA, 90

A 10 metros da Avenida







## FREI LUIZ DE SOUZA

(Cont. da pág. 22)

ouvimos no intervalo dos trabalhos ainda não terminados:

— Estou satisfeito! Levando a obra imortal de Garrett para o nosso cinema, fazendo-o com honestidade artística, sem poupar esforços, acredito estar correspondendo à confiança do público e à espectativa geral.

Êsse filme deve ainda êste ano ser apresentado ás platéas do nosso país. E se tudo correr à medida de Lopes Ribeiro, senão simultâneamente, pouco mais tarde êle estará sendo também dado a conhecer ás platéas brasileiras. Daí, quem sabê? Talvez nêsse empreendimento se oculte o tão ambicionado ponto de partida para a formação do sonho de nós todos — do legítimo, do tão desejado cinema luso-brasileiro. Porque Lopes Ribeiro quér continuar a fazer filmes e não se esqueceu ainda o que, a respeito, declarou no Rio, quando aí estêve.

## TÔDAS POR UMA, UMA POR TÔDAS...

(Cont. da pág. 29)

na Argentina, Uruguai e agora no Brasil. Sempre encontrou êsse ambiente de fraternidade que desfruta agora em nosso país e enaltece a obra filantrópica da organização internacional.

Por haver sido reconhecido o mérito da A. C. F., e compreendida a sua desinteressada finalidade, foi ela considerada de utilidade pública, beneficiando-se com uma subvenção do govêrno e contando principalmente com o apôio financeiro de vários "mecenas", sem o que não poderia sustentar seu vultoso orçamento e muito menos pensar em ampliar suas instalações, modernizá-las e sonhar com a residência própria.

Todo dia a séde da A. C. F. adquire vida nova. E' que o restaurant proporciona almôço sadio e barato para sócias e não sócias, completando assim o que está escrito em seus estatutos: acolhimento e proteção, instrução e educação, aperfeiçoamento e trabalho, preparação física e espiritual, "promovendo a solidariedade humana", dentro do que poderia ser o lema da Associação: "Tôdas por uma e uma por tôdas".

## O AMOR TAMBÉM SE REPARTE...

(Cont. da pág. 24)

— ... generosa, não é? Não importa. E Roberto? Como a tem tratado? Dispensa-lhe muitas atenções?

Elizabeth apenas respondeu: "Gentil". No entanto, mentalmente fez um ligeiro retrospécto. Recordou-se que, logo no primeiro dia, seu patrão demonstrara grande admiração ao vê-la, embora se limitasse a perguntar-lhe o nome, enquanto seus olhos a examinavam com certa insistência. Mas com o correr dos dias, certa noite êle a tratara com maior intimidade, pedindo mesmo que lhe fizesse companhia, ouvindo o seu programa de rádio favorito. Uma ligeira associação de idéias fêz com que também ela perguntasse:

— **E a senhora; também está satisfeita?**

— **Oh, muito...**

— Tenho receio de que não esteja desempenhando eficientemente o meu papel. A propósito, devo dizer-lhe que apenas um vestido não me serviu. Está um pouco largo...

Dêsde êsse momento as coisas tomaram outro rumo. Margarida julgava-se descoberta nos seus atos de espionagem, enquanto Elizabeth procurava compreender sua verdadeira situação naquela casa. Não era possível que fôsse a de uma simples empregada. A compreensão dessa verdade surgiu-lhe definitivamente ao perceber que Margarida, sorrateiramente, a observava durante o tempo em que atendia ao seu pseudo patrão. Decididamente, ela estava alí representando nada mais do que um "test". O vestuário elegante de que dispunha, bem como as condições que lhe foram impostas, assim o comprovavam. Saberia Roberto, também, que a sua lealdade estava sendo posta à prova? Restava a confirmação.

*

Quando Roberto chamou por Margarida, esta não respondeu. Naturalmente já se recolheu — pensou êle — olhando o relógio. Pelo avançado da hora, supôs que também Elizabeth já houvesse se retirado. Surprêso, porém, viu a empregada surgir no pequeno "hall".

— Acordada a estas horas?

— Sim; ao aceitar o emprêgo, aceitei também a condição de só me recolher após a chegada do patrão.

— Foi-lhe também imposta a condição de esperar-me assim tão linda?

Roberto pronunciou a última palavra verdadeiramente emocionado. Aquela criaturinha não possuía nada de empregada. Possuía, sim, muito mais altivez do que as conhecidas de seu círculo social. Elizabeth percebeu a admiração de seu patrão, a inquietação e ardência de seu olhar. Maneirosamente, respondeu:

— Linda, não; mas o vestido faz parte...

— Um contrato interessante, confesso. Lamento é a inexistência de uma cláusula estabelecendo que a senhorita devia amar-me... Talvez possamos dar um jeito, não acha?

Roberto aproximou-se mais de Elizabeth. Demonstrando extrema facilidade em tratar de assuntos dessa espécie, continuou:

— Minha espôsa é muito ciumenta. Até agora, porém, não obteve qualquer prova de minha leviandade. Naturalmente, empregou-a para êsse fim. Não devemos, pois, decepcioná-la.. Acho o amor uma coisa deliciosa, que não deve ser negada a todos aquêles que a desejam. Você não pensa assim? Êste momento, por exemplo, pode nos dar uma grande felicidade, sem que ninguém se torne mais infeliz ou menos feliz por causa disso.

Quando Roberto procurava se acercar de Elizabeth, Margarida, que os observava secretamente, sentiu faltar-lhe as fôrças. Todo o seu egoísmo, todo o seu orgulho, jaziam agora por terra, insignificantes. Esgueirando-se pela escuridão, foi para seu quarto, onde, entre lágrimas, deixou que a cena a qual acabara de assistir tivesse prosseguimento conforme as fantasias de seu cérebro, atormentado com a rudeza da realidade. A luz, lá em baixo, se apagou. **Desabara o céu sôbre sua cabeça...**

*

Quando Margarida despertou, a cabeça pesava-lhe como um fardo. Seus olhos descobriram logo o leito de Roberto. Ninguém dormira alí! Confusa, levantou-se. Logo à porta, um envelope branco fê-la tremer. Que conteria aquela carta? Abrindo-a, seus olhos percorreram-na de ponta a ponta. Depois, mais calma, leu-a novamente, fixando bem o trecho que dizia: "... Fique tranqüila, porém; seu marido confessou-me que a ama, e tão grande é êste amor que êle podia muito bem repartir comigo, retirando a parte que me caberia do coração de seus inúmeras amiguinhas. Julgo-me mais digna do que a senhora, suas amigas e seu próprio marido; portanto, não aceitei a partilha. Adeus! Faço votos que continue sendo feliz com êste amor, o qual, de tão grande, lhe cabe sòmente a metade..."

A jovem senhora suspirou profundamente. Seu plano fracassara, ou melhor, tivera o desfecho que ela esperava. Acolheria, porém, a insinuação de Elizabeth: continuar sendo feliz com um amor que, de tão grande, só lhe cabia a metade...


UNIVERSAL-INTERNATIONAL apresenta

O MAIS SENSACIONAL TECNICOLOR DE TODOS OS TEMPOS!




MAUREEN O'HARA · PAUL CHRISTIAN · VINCENT PRICE em

"BAGDAD"

com JOHN SUTTON · JEFF COREY

Acompanham Complementos Nacionais



Dia 4 de SETEMBRO.

# LORINDA, A BAILARINA APAIXONADA

Mas na noite seguinte...
Meu dinheiro está indo, Mike. Preciso arranjar outro emprêgo. E' impossível continuar a procurar Ralph...
O novo "Musical" vai abrir daqui a três dias e você estreará nele, com parceiro ou sozinha.

Olhe! Porque está aqui meu nome e se diz que estarei no "show"?
E' no "Black and White" Lorinda. Nossa campanha de publicidade deu certo. Eu lhe prometi um "Musical".

Eis como Mike conseguiu fazer Ralph voltar para mim. E voltamos a ensaiar para o próximo "show". Na noite de estréia...
Pois é Lorinda! Vamos parar com isto!
Quer dizer então, Ralph, que você está pensando bem, não?































NO PRÓXIMO NÚMERO **SALVA PELO AMOR** Novo folhetim cheio de lances dramáticos entre as mais fortes intrigas de almas que se amam

# A linda dona Inês

Novela de EUGENIO MORATO

HÁ vidas que nos sugerem o esplendor do arco-iris, sem que, no entanto, prenunciem céu azul e dias felizes. Comparação simplesmente poética, mas que bem poderia caracterizar a vida de campo do doutor Fausto e da linda dona Inês. Dêle se poderia pensar que vivia como um nababo na sua fazenda do Laranjal. Dela se poderia dizer, com acêrto, que, sendo um deslumbramento em carne, doidejava como mariposa insatisfeita, abusando dos requintes naturais e artificiais de sua própria beleza. Pecuaristas aparentemente abastados, ambos a vida levavam em contínuos veraneios e vilegiaturas, como dois eternos solteirões.

O doutor Fausto, no passado, soubera tirar proveito — digamos como Shakespeare — daquela maré que, sendo aproveitada na enchente, conduz o homem à fortuna. Com efeito, no Laranjal, a abundância ia a passos largos, numa constante vertigem de renovamento. Terra maravilhosa. Paisagem edênica. Aguadas esplêndidas. Lavoura farta, — fruto da tenacidade de míseros agregados. Os mais puros bovídeos modorravam nas querências, luzidios, ao sol acordante.

Como um bazar de preciosidades, harmonizavam-se ali o pitoresco e o atraente, elevando o Laranjal à altura dos sonhos de seus fidalgos senhores. O doutor e a espôsa, contudo, sentiam-se solitários, às vêzes, como à cata de algo que lhes faltava à vida. O motivo dessa solidão espiritual procedia, talvez, da falta de filhos. Lá se iam quatro anos de casados, e já não estava sequer a esperança de um dêsses adoráveis diabinhos... Uma faculdade, entanto, muito comum a todos, mas que, no entender do doutor Fausto, constituía um privilégio de homens-deuses.

Por êsse tempo, a linda dona Inês ainda conservava seus modos estouvados de mulher-menina. A mesma faceirice. As mesmas excentricidades esportivas e turísticas.

Não seria pieguismo salientar que tinha pretensões a tornar-se sereia (e, como tal, faria estremecer ao próprio Netuno) a linda dona Inês que conhecemos na piscina do Laranjal, praticando tôda sorte de malabarismos aquáticos, com os mesmos trejeitos de uma Esther Williams...

Tôdas as manhãs, havia um programa para o "feliz" casal: enquanto o doutor ia visitar o seu gado de cabeceira, embebedar seus olhos diante do "Soberano" e do "Ditador", — bois que não conheciam o ranger dos carros, nem a aguilhada dos boiadeiros, e que valiam, juntos, um milhão de cruzeiros, — a linda dona Inês fugia em seu "Lincoln" pelos arredores. Em sedoso "maillot" colante, dentes de pérola e lábios de coral brilhando ao sol, ia realçar suas formas no espêlho da piscina, doidejando entre as espumas como uma iara verde.

E assim, sopravam os ventos da boa vida nos campos do Laranjal.

★

Aconteceu, porém, que os ventos sopraram em demasia... E foi quando estalou a tempestade nos céus azuis daquele paraiso.

Veio a derrocada da pecuária. Veio de mansinho, mas penetrou fundo no régio domínio dos bovídeos. E o gado de cabeceira do doutor (o soberano Gyr) ficou valendo dez vêzes menos. Os compromissos cambiais surgiram de ponta a ponta. O bando de credores entrou de avolumar-se, e o "débito" passou à frente do "crédito" como uma lebre à frente de uma tartaruga.

A situação se foi complicando de tal modo, quanto ao orçamento do doutor Fausto, que começou a bulir no doce "modus vivendi" da linda dona Inês.

— Preciso de mais dinheiro, Faustinho! — exigia ela a cada momento. — Preciso de novos vestidos para a minha estação de águas! Preciso de um bom casaco de pele para o frio...

— Agora, minha filha...?! Tenha paciência, um pouco mais de misericórdia! Imagine que o meu "Soberano" valia quase mil "pacotes"! E hoje? Nem vinte os compradores me darão pelo coitado! Parece pilhéria.

— Mas, afinal, que tenho eu que ver com os seus bois? Terei de ficar nua por causa de seus garrotes reais terem perdido a cotação?! Não, meu "velho", não gosto de bois. Gosto de "cobres". Quero um bom cheque — e agora, ouviu?

— Bem, tome o último cheque dêste mês. Se não der para as compras, use do meu crédito, que ainda é grande por aí.

— Está certo, meu anjo, mas prefiro o dinheiro palpável... entendeu?

E, dêsse modo, sem restrição nos gastos, as coisas se foram embaraçando cada vez mais, até que, um dia, entrou a decair o Laranjal.

Quando a situação parecia perdida, surge, felizmente, uma tábua de salvação — a moratória, para aliviar os insolventes e, por assim dizer, ressuscitar os "defuntos" da pecuária...

O doutor Fausto requereu os favores legais. Mas de nada valeu. Não conseguiu habilitar-se. Talvez porque já houvesse alienado alguns bens de seu patrimônio. Os credores — mais ou menos uns quarenta adeptos de Ali-Babá — deram o grito, apresentaram impugnações, obtiveram provimento em seus agravos, — o diabo! — e ao pobre doutor foi negado o ajuste moratório. E começou, de então, o crepúsculo daquele sétimo céu que se chamava Laranjal. Profundamente chocado, se bem que um tanto resignado com a sorte, foi o doutor à procura de um seu amigo, o major Jacobino, magnata da agiotagem e homem de enormes capitais.

O major simulou orçamentos catastróficos, situação péssima, mas prometeu que ia "estudar o caso com carinho". Sim, porém, sob umas tantas condições por parte do doutor Fausto e da linda dona Inês. Pigarreou, torceu o bigode várias vêzes, andou de uma banda para outra e resmungou:

— Hum... compreendo: o doutor quer a minha proteção. Mas, francamente, não vejo certa garantia... A coisa está mesmo ruim para os lados do Laranjal!

— Não ignoro, major. Quero apenas evitar a penhora, no momento. Passada a crise, acertaremos tudo.

— Histórias! Esta crise não passa nunca! Em todo o caso, vou estudar a melhor maneira de proteger o amigo.

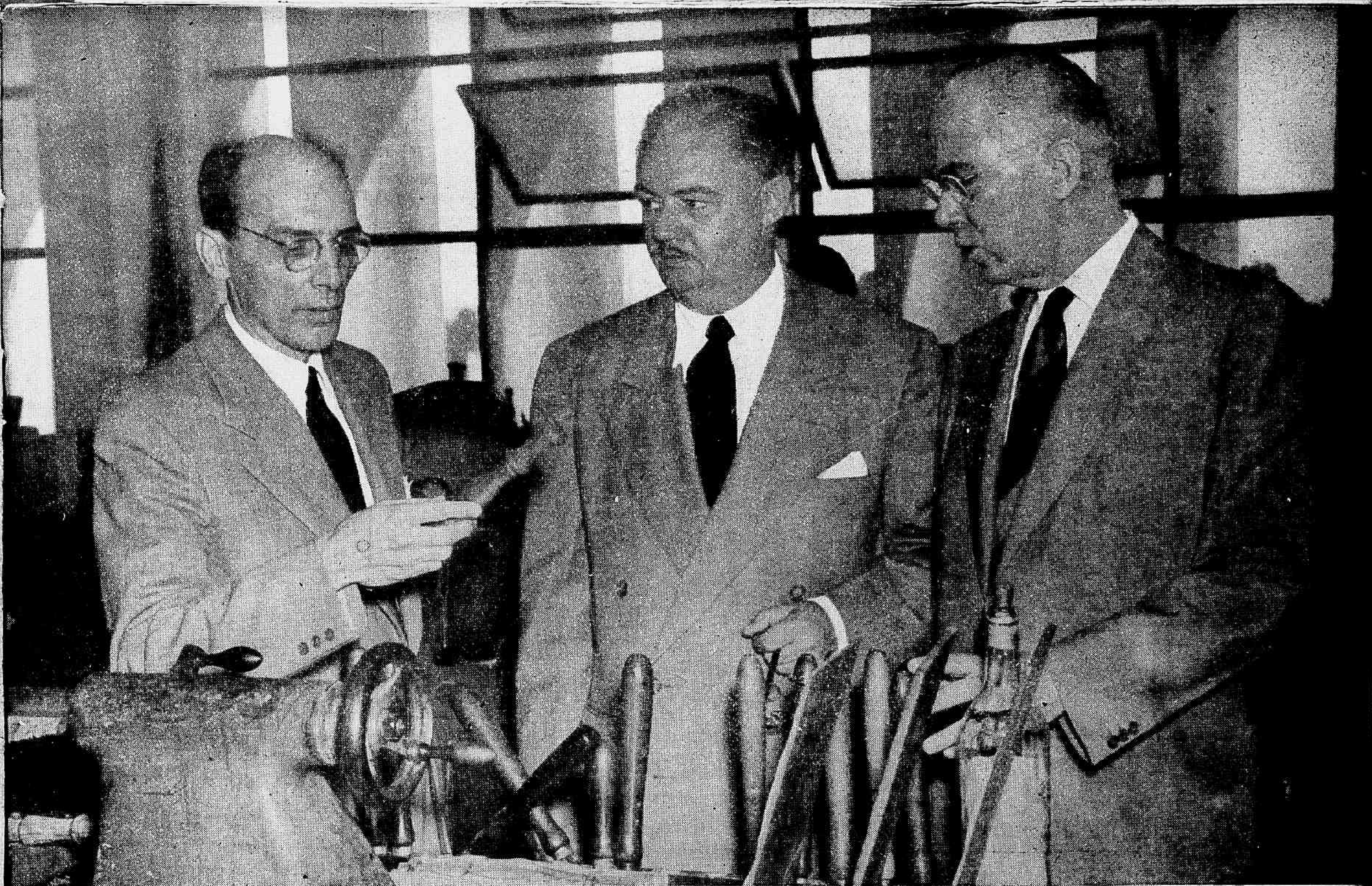
— Confio em sua proteção, major. Esteja certo de que não terá prejuizo, protegendo o Laranjal.

★

O tempo fugia. As dividas já formavam montanhas... E os processos financeiros iam, pouco a pouco, compelindo o nosso homem às portas da falência total, embora boa parte do "passivo" já estivesse a cargo do major Jacobino.

(Cont. na pág. 49)





Os visitantes examinam uma peça na seção de tornos

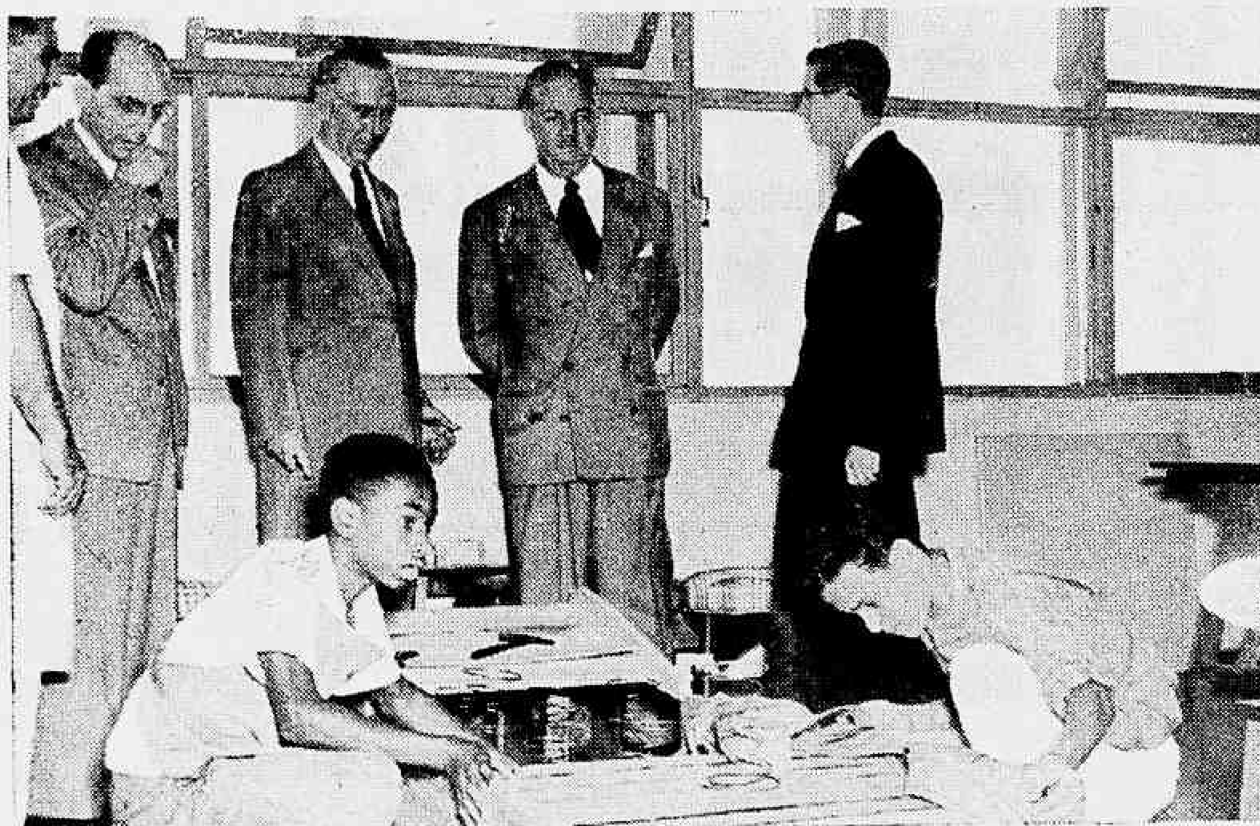
# VISITA AO SENAI

## IMPRESSÃO CAUSADA AO CONHECIDO TÉCNICO AMERICANO MISTER MALCOM EUGENE CAMPBELL

AS duas escolas do SENAI, respectivamente, às ruas São Francisco Xavier 417 e Costa Lobo 62, em Triagem, acabam de ser visitadas por Mr. Malcom Eugene Campbell, diretor da Escola Textil do Colégio Estadual de Carolina do Norte. O conhecido técnico norte-americano surpreendeu as aulas em pleno funcionamento e percorreu tôdas as dependências das Escolas 1-1 e 1-2, duas das 96 espalhadas em 18 Estados do Brasil. Demorou-se nos Cursos Vocacionais destinados a meninos de 12 a 14 anos e manteve longa palestra com professores e alunos. A certa altura, disse aos jornalistas:

— «Muito terei de aprender durante a minha estada entre vós. Mas, além disso, devo confessar minha satisfação pelo aproveitamento dos alunos e, sobretudo, pelos métodos próprios do SENAI, coisa inteiramente nova no terreno profissional. E' uma grande obra e dou meus parabens aos industriais e ao govêrno do Brasil».

Antes, iniciando o seu programa de visitas, no Brasil, na qualidade de convidado do nosso govêrno e do SENAI, Mr. Campbell esteve na Escola Técnica Federal e de Indústrias Químicas e Textil do SENAI, considerado um dos estabelecimentos modelos no gênero, no mundo inteiro. A presença de Mr. Campbell em nosso país, vem despertando vivo interêsse nos círculos industriais e nos centros intelectuais do Rio e de São Paulo, pois Mr. Campbell é, ainda, um conferencista de fama universal.





A esquerda: Trabalhos de estufamento são executados aos olhos de Mr. Campbell, o conhecido técnico de ensino industrial. A direita: Mr. Campbell assiste ao trabalho de um aluno

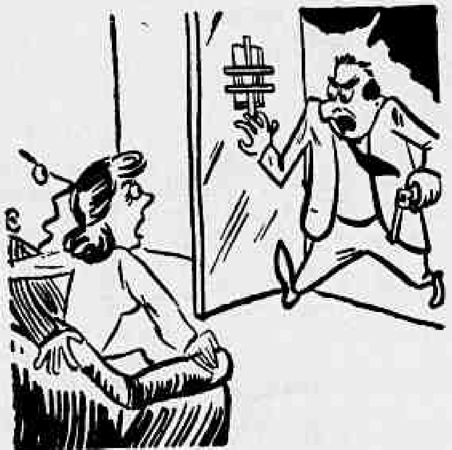
# TUDO ISTO

## COM QUE ROUPA?



Não há militar que não disponha de trajos civis. Muitos oficiais de nosso Exército se habituaram a andar à paisana e só envergam a farda de sua corporação quando em serviço. Êsse hábito se estende a inferiores. Não se trata de desprestígio da farda, e sim uma espécie de hábito que já vem de longe. Por isso, em certas ruas do Rio costumam os «batedores de palmas» pegar pelo braço os militares que descem do Quartel General e insistir com êles para que comprem ternos civis.. Tudo, é claro, depende da fazenda, do corte e das condições de preço e venda. Foi assim que o sargento João Freire Neto chegou à porta de uma alfaiataria da cidade. Ia calmamente pasando pela calçada quando Salim o agarrou. «Entre! Veja nossos preços! Tudo muito baratinho. Leve um terno de roupa, freguês!» O sargento replicou que estava de viagem para S. Paulo. Mas o Salim é mesmo terrível. E contra-argumentou. Bastava que lhe desse um sinal de Cr$ 100,00. O restante pagaria como bem quisesse. O militar não aceitou. A casa não o conhecia. Mas Salim era invencível. Pela cara conhecia os bons clientes. Os homens honestos. E patata-trololó-trelelé, o fato é que o sargento entregou a pelega de cem cruzeiros e se foi para S. Paulo. Esperou até cansar. Vindo ao Rio, foi direto ao Salim, que teve de explicar tudo direitinho ao delegado do 9.º distrito e devolver os cobres.

## DAGOBERTO FOI EMBRULHADO



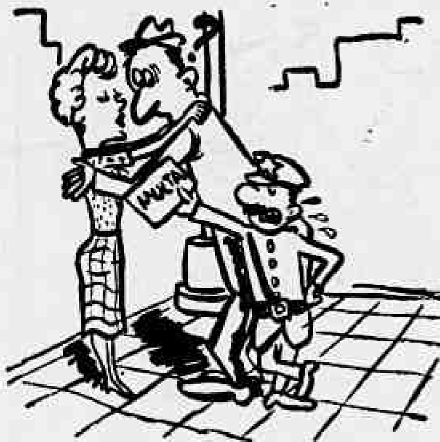
**Eva enganou Adão lá no paraíso, servindo-se de uma cobra e de uma saborosa maçã. Pois bem, agora, em S. Paulo, uma outra Eva conseguiu embrulhar o Dagoberto sem lançar mão de serpentes ou de maçãs. Ela é uma bela italiana. Êle, um brasileiro confiado e admirador de Dante, Gabriel D'Annunzio e de suas patrícias. Viram-se, um dia e se gostaram imediatamente. Como eram maiores de 21 anos, solteiros, cada qual vivendo à custa própria, não tinham que dar satisfações a ninguém. Como é, quer «amarrar-se» logo de uma vez? Quiseram e assim foi feito. Mas Dagoberto teve que andar verificando um papéis de identificação de sua querida espôsa e teve esta terrível decepção: ela era casadinha da silva. Caso perfeito de bigamia. Até agora êsses fatos se deviam à malandragem dos homens. Com a italiana de Laureano de Borelo se dava o contrário: ela é quem seduzira o nosso Dagoberto! Uma verdadeira maçada. Homem de grande probidade, temendo escândalos e, como é evidente, uma visita inesperada do marido furibundo ao seu lar, êle teve que interpelar a espôsa. Esta, pegada assim de surprêsa, procurou contar uma história muito comprida, o que não serviu para convencer o marido número dois «made in Brazil». Então Dagoberto foi à polícia e apresentou sua queixa à Delegacia de Costumes. Convidada a mulher, repetiu as mesmas histórias, mas, com jeito, as autoridades obtiveram dela esta confissão: — «Sou casada na Itália com Vicenzo Gaulino, mas, por amor de Deus! Eu quero é o meu bonitão brasileiro, o Daguinho!»**

## MORALIDADE SENHORES



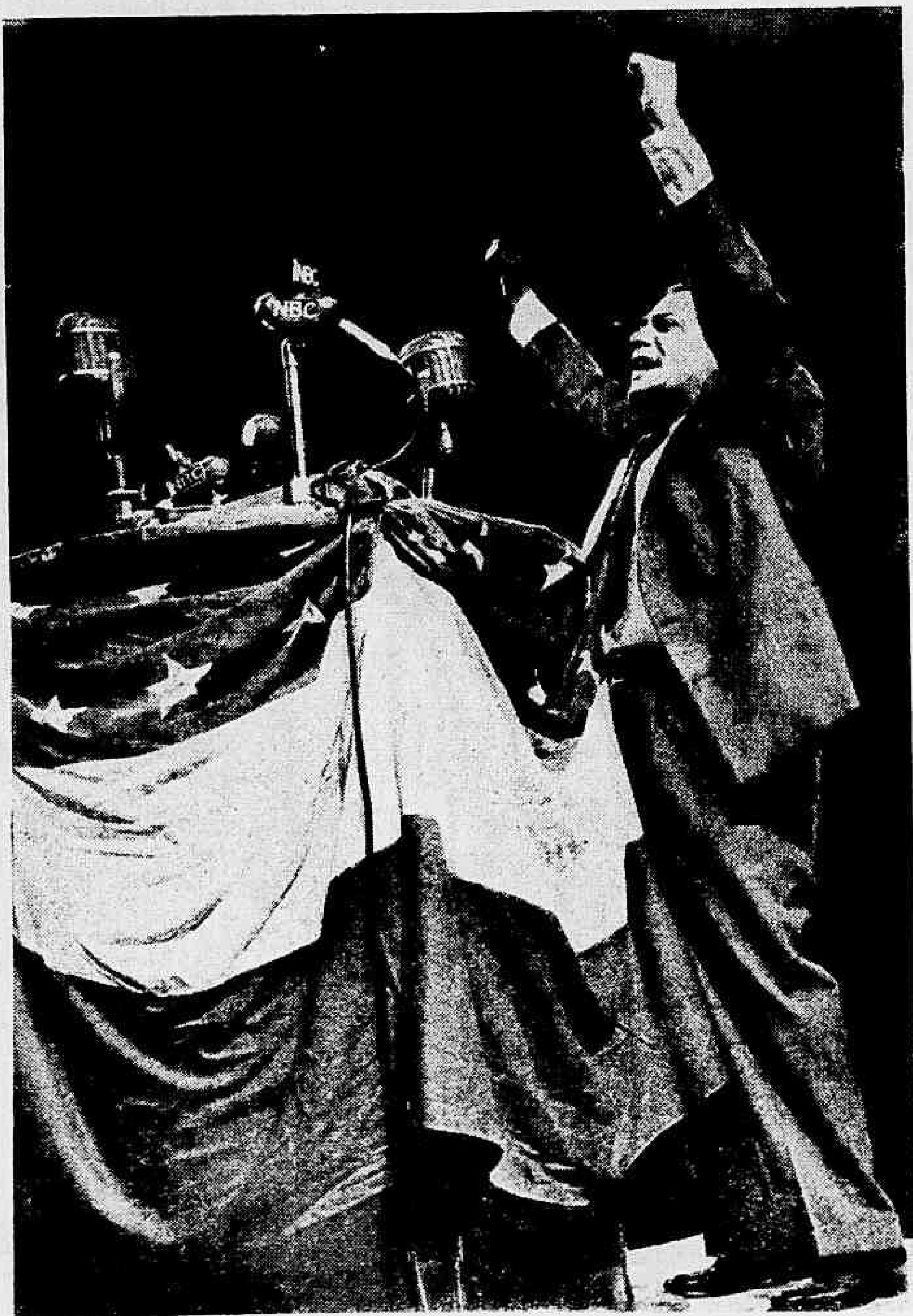

E' proibido beijar em público, na Itália. Mesmo que se trate de marido e mulher. O beijo, acham as autoridades italianas, sob a orientação purista do Ministro do Interior Mario Scelba, é uma contravenção às leis do decôro público. Quem beijar diante dos outros, nas ruas, praças, teatros (na platéia), etc., pagará multa de 2.500 liras. Os turistas também estão sujeitos às penas da lei. Um turista de cabelos brancos que andava a deliciar-se com os panoramas de Sorrento, chegou à aldeia de Pusitano, linda aldeia de pescadores, praia deliciosa para uns banhos. Mudou de roupa e se meteu num calção de banhos. Resultado: multa de 4 mil liras porque estava com o umbigo de fora! O nosso velhinho protestou. Explicou que aquêle calção era decente e que aparecer o umbigo não era nada de mais, uma vez que sòmente um homem no mundo podia estar bigo à amostra. No dia seguinte, ainda em Sorrento, duas lindas jovens italianas foram livre dêle, Adão... Mas não houve jeito. Multado e proibido de banhar-se com o ummultadas em quatro mil liras cada uma, porque estavam com o sensacional «bikini»! Isso nas praias; nas ruas é a campanha contra o beijo. Cada pessoa que beijar outra é multada. Essa lei contra beijos não é nova. Foi ela introduzida no direito penal italiano em 1938 por Mussolini. Naquele tempo a multa era de dez liras, ou seja, mais ou menos meio dólar ao câmbio da época. Hoje em dia, o beijo em público é muito mais caro, podendo chegar a uns 4 dólares «por vez»...

## OS AMORES DO COVEIRO



**Aconteceu em João Pessoa, capital da Paraíba. José Farias era o coveiro do cemitério «Senhor da Boa Sentença». Um dia, quando exercia ativamente as suas funções, seus olhos cruzaram com os de uma linda mocinha. Tratava-se da jovem Judith, residente na mesma cidade. Como essa história de amor floresce mesmo entre os mortos, os dois começaram a amar-se imediatamente. O próprio campo santo não parecia uma necrópole, e sim um jardim florido em que as flores não enfeitavam a morte e sim eram um convite à vida e ao Belo. Uma coisa, porém, se opunha ao casamento de Judith com José Farias: — a profissão dêle. Não é que o ser coveiro afugente as moças maiores de dezoito anos, e sim, porque se tratava de um cargo pouco remunerado. Além disso, os pais da menina sempre enjicaram com essa história de ver a filha como sendo a «mulher do coveiro», os «sogros do coveiro», e assim por diante, sempre o parentesco seguido de uma palavra um tanto lúgubre. Um dia, desesperados, vendo que papai e mamãe não cediam de jeito nenhum àquela união tecida pelo Amor, decidiram fugir. José Farias topou a parada. E numa noite de luar tranquilo e poético, os dois bateram a linda plumagem como dois pombinhos a esvoaçar pelo azul, isto é, azularam mesmo. E como era êle o coveiro do «Senhor da Boa Sentença», que lhes importa mais?...**

**A GUERRA DA CORÉIA** tem provocado nos Estados Unidos vários movimentos de protesto contra a política do Departamento de Estado Norte-Americano. Nestas gravuras vemos em pleno Madison Square Garden, em Nova York, dois aspectos de um dêsses comícios de desaprovação ao govêrno de Truman. Em cima, o famoso cantor negro Paul Robeson, ao passar entre seus admiradores é aplaudidíssimo. Robeson tomou parte ativa na demonstração de protesto na noite de 28 de junho pp. Em baixo, quando falava no comício o deputado Vito Marcantônio, atacando a política asiática dos Estados Unidos.



# ACONTECEU

## ELOGIO QUE MATA




Ninguém desconhece que uma emoção forte pode fulminar o cidadão que não está com seu sistema cardíaco muito bom. Seja emoção de alegria, de tristeza, de surprêsa ou de paixão, o camarada pode ser levado para o cemitério num abrir e fechar de olhos. Todo mundo se lembra dos casos de morte súbita, tanto aqui como no Uruguai, por ocasião do último campeonato mundial de futebol Aqui se morreu de desgôsto, enquanto lá, as mortes se caracterizaram pelo excesso de contentamento. O caso de que vamos tratar agora é, talvez, inédito. Sucedeu na Bahia. Aconteceu quando o Sr. Juraci Magalhães e sua comitiva estavam percorrendo o interior do Estado em propaganda política. Chegando a caravana em Nova Soure, os meios sociais, politicos e comerciais se agitaram. Monsenhor Antônio Costa subiu ao palanque e dirigiu palavras aos caravaneiros. Depois do seu discurso, foi aclamado para agradecer em nome da caravana de Juraci, o Sr. Dantas Júnior, deputado federal e ex-secretário da Fazenda. Sua oração demorou em apreciaçees sôbre a personagem do padre, tecendo-lhe merecidos elogios; mas, de tal maneira se emocionou o elogiado que caiu fulminado por um colapso cardíaco. Teve então o Sr. Juraci Magalhães que encerrar o comício com um discurso fúnebre, suspendendo-se tôdas as demais partes do programa.

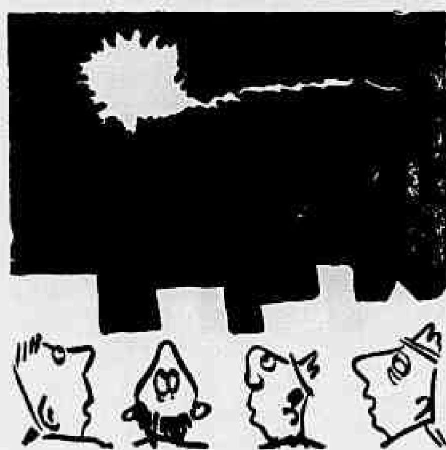
## VIAGEM À LUA




**Isto ainda não aconteceu, leitor; mas, com a inauguração da Sociedade Interplanetária da Grã-Bretanha, recentemente fundada em Londres, pelo Sr. L. F. Carter, vai acontecer mui brevemente: — A que horas sai o Foguete-E-50 para a Lua? — As 5 da manhã. Mas êsse é o direto. Há o F-E-H-30, que toca nas plataformas aéreas das Luas artificiais. — Quero uma passagem no direto. Que tempo leva? — Dezoito horas. E' ida-e-volta? — Não. Ida sòmente. Estou muito aborecida com as desinteligências com o meu marido, que vive a acusar-me de que ando no mundo da lua. — E agora a senhora vai mesmo residir na Lua, não? — Justamente. E' minha vingança. E quando êle, daqui da Terra olhar para a Lua cheia, há-de ter saudades de mim e desejar ir também para lá. — Mas a senhora também verá a Terra cheia e muito mais belo do que êle e todos nós vemos a Lua cheia. — Mas lá é melhor. E' um mundo menor, mais mimoso e poético. Além disso, segundo me informou um amigo, as lunáticas são mulheres sem os exageros das terrenas. Vive-se mais calmamente e tudo ainda está por preços mais cômodos em virtude da simplicidade do ambiente. Até logo... — Good luck... Um ano depois: — «Já não se pode mais morar na Lua. As lunáticas imitaram as terrenas de maneira exagerada...**

## SINAIS DOS TEMPOS

Não há dúvida: êste mundo está pasando por um período alarmante. Já não bastam as guerras, as competições ideológicas, a carestia da vida, as sêcas, as enchentes, os terremotos, as tempestades... De quando em quando surgem corpos estranhos aí pelo espaço surpreendendo os que vivem a olhar o céu, pedindo favores a Deus ou embriagados pela beleza do Infinito. De começo eram uns «pires voadores». Depois, como se a cerâmica lá de cima estivesse em franco progresso, apareceram os «pratos»... E já se falou em «xicaras» também dotadas de asas, tudo voando diante dos olhos atônitos dos que estão aqui em baixo a ver fantasmas ao meio-dia Silenciaram os jornais, ùltimamente, e os copeiros do astral nos deram dias de alívio. Não se viu mais nenhum corpo estranho a voar, a descrever círculos, a expelir fumaradas, a deixar rastros de fogo aí pelo firmamento. Mas, como os responsáveis por essas brincadeiras de mau-gôsto não descansam, já se volta a falar em outros corpos suspeitos a voar, rápidos, aí pelos céus. Que será agora? A notícia nos chega de Nova Orleans. Faz pouco os habitantes daquela cidade viram a correr nos ares uma enorme bola de fogo a arder durante certo tempo, às primeiras horas da noite. Depois de incendiar-se tôda, extinguiu-se e deixou atrás de si um rastro de vapor incandescente, em forma de curva, acrescentava a notícia espalhada pela United Press



## GRANDE DESCOBERTA




**Não há geógrafo dedicado a estudos do mundo antigo, que não toque, mesmo de leve, na hipotética Atlântida, enormíssimo continente que teria desaparecido do mapa em virtude de tremenda convulsão telúrica. Há mesmo os que afirmam com a maior seriedade, que o espaço atualmente existente entre a Africa e a América do Sul, ocupado pelo Atlântico, constituía território visível da famosa e desaparecida Atlântida. Em que se baseiam os senhores sábios? Em manuscritos e documentos antiquíssimos da autoria de Platão e outros imaginosos daqueles velhos tempos Diante de estudos, pesquisas, deduções e sonhos, muita gente boa jura em que a Atlântida existiu. Tragou-a um terre-maremoto catastrófico, inundando-a em minutos e escondendo-a nas profundezas do Atlântico. Ora, como não é possível estarmos a mandar expedições e mais expedições para escarafunchar as profundas guas dos mares em procura de uma terra que desertou do número dos vivos, o jeito que temos é acreditar ou não acreditar, mas sem maiores teimosias do é e não é... Há certas coisas neste mundo que, o melhor e mais cômodo, é a gente deixar como está para ver como fica... Mas o arqueólogo alemão Herr Spanuth, não descansou enquanto não chegou a esta conclusão: a Atlântida existiu mesmo! Para prová-lo, navegou durante três semanas pelo mar do Norte, fazendo sondagens nas proximidades de Heligoland. A 30 metros de profundidade, encontrou dois objetos que atestaram a existência da Atlântida há 4 mil anos! dois séculos de pedra.**




**DENTRE TÔDAS AS INVENÇÕES modernas, ocupa a televisão o lugar mais destacado. Com a televisão nos chega o telefone-televisionado, ou seja, a combinação das duas sensacionais descobertas: podermos falar com uma pessoa e ambos os interlocutores se estarem vendo e ouvindo a milhares de milhas de distância! Só mesmo um milagre de técnica e de ciência poderia realizar coisa tão bela. Pois isso já é possível. Veja o que sucedeu com o cabo James J. Rhoads, de Centralia, Pensylvania, a conversar com Dorothy Burrus, em Seatle, Washington. E parece que a conversa é muito agradável...**



**TAMBÉM SÃO SENSACIONAIS os milagres da ciência médica. Os casos graves e, até pouco tempo, incuráveis e fatais, já são dominados pela cirurgia e pela medicina ortopédica. Pessoas que morreriam se não houvesse intervenção em órgãos sensíveis e delicados; outras que ficariam até à morte incapacitadas de trabalhar, podem ocupar cargos para os quais só se admitem indivíduos sãos. E agora êste caso do menino Jerry Ennis, atacado de poliomielite. Para curar-se teve que ser transportado do Texas, cidade de Edinburg, a Houston, metido num pulmão de aço. Aqui o vemos sob os cuidados de dois médicos e duas enfermeiras, que o levarão em viagem de trem, respirando por meio dêsse aparelho metálico, até internar-se no hospital da especialidade.**

LEIA QUE É UTIL

# Todos nós sofremos do coração!

ATÉ MESMO AS PESSOAS SÃS PODEM VIR A SOFRER DA PRESSÃO ★ MOLÉSTIA DE DESENVOLVIMENTO LENTO, PORÉM FATAL ★ PRECAUÇÕES QUE DEVEM SER TOMADAS NO SENTIDO DE SE PROLONGAR A VIDA MAIS ALGUNS ANOS...

NÃO existe reunião em família, onde não se comente sôbre a morte inesperada ou a paralisia de membros, como conseqüência da pressão do sangue. As estatísticas bem atestam que muitos casos já têm havido de morte em idades inferiores a quinze anos, como conseqüência direta da pressão sanguínea. A pressão é uma doença que toma terreno de um modo espantoso, dada a sua rapidez, podendo se manifestar sob inúmeros e diferentes aspectos, caso não seja providenciada a presença de um médico em tempo.

**QUAL E' EXATAMENTE A PRESSÃO DO SANGUE?**

Para têrmos uma idéia de como age o nosso coração, o melhor exemplo será juntarmos ambas as mãos, enchendo-as de água, e fechando-as em forma de concha, fazendo em seguida pressão de uma palma contra a outra. A água é expulsa pela pressão. A seguir, distanciamo-las, para depois tornarmos a juntá-las como primitivamente. Pois bem. Quando o sangue chega ao nosso coração, êste executa movimento idêntico ao primeiro exemplo dado, isto é, comprime o sangue, que é então conduzido às diferentes partes do nosso corpo. Assim, o coração age como uma verdadeira bomba impulsora. A pressão, portanto, é essa fôrça que impele o sangue que se conduz a tôdas as mais ínfimas regiões do organismo, inclusive os pulmões. Interessante é notar que dentre os animais chamados de "sangue quente" e o homem, a pressão é mais ou menos a mesma: 120'.

A primeira pessoa a realizar pesquisas para a construção de um aparelho para a medição da pressão sanguínea foi Stefan Hales, usando como cobaias cavalos, por volta de 1733.

Quando o coração se fecha, a pressão é consideràvelmente grande, sendo chamado de "máxima". Quando se abre, a pressão é chamada "mínima". Na prática, fala-se quase que sòmente em pressão máxima.

Para têrmos uma idéia definida sôbre a pressão do sangue no homem, falemos a partir da criança: o neo-nascido não executa outro trabalho, senão o de sugar o leite materno. Sua pressão, portanto, é muito pequena, ou seja, 40' Ao fim do primeiro mês de vida, quando a criança começa a executar os movimentos mais elementares com os pés e as mãos, grita e chora, a pressão passa de 40' para 80', isto é, duplica. Na idade de 12 anos, pula para 100' e, por volta de 17, quando, portanto, o organismo já se desenvolveu, trabalhando com tôdas as suas fôrças, essa mesma pressão já vai para 120'

Mais anos, mais trabalho, movimentos mais dispendiosos de energia, e o coração se vê na iminência de trabalhar mais enèrgicamente. A pressão aumenta, portanto, à unidade de 50 a 60 anos, devendo ser a média, então, de 135'.

Se a pressão permanente passa de 140', diz-se que ela é **aumentada;** se passa de 160', diz-se **elevada**, e uma vez ultrapasse os 180' diz-se que está **ultrapassada.**

Êstes três grupos de pressão resultam numa moléstia denominada "hipertensão", comumente chamada de "pressão alta".

Devemos notar que a pressão aumenta em pessoas totalmente sãs também, obedecendo a várias causas, como excesso de trabalho físico, diferentes práticas de esporte, aventuras, gritos, quando o estômago se encontra em atividade, durante sonos agitados, quando se dorme com o estômago em função, etc.. Os pesadelos são um fator de importância incalculável, devido a influências psicológicas sofridas durante o dia, ou mesmo no cinema, o que leva a crer que todos nós sofremos do coração!

Uma vez que aumente a pressão nessas pessoas sãs, que se diria com relação às pessoas já doentes? Um grande número de casos têm sido registrados, de morte durante o sono. A pessoa que sofre da pressão, deve permanecer sob constante vigilância, para ser imediatamente acordada assim que se manifestem as perturbações. Nesses casos a pressão aumenta fàcilmente de 40' a 60' acima do normal.

Um dos primeiros passos a ser dado, será lògicamente evitar a exposição do paciente a trabalhos em excesso e a influências psicológicas que possam se transformar em pesadelos.

A pressão é moléstia que se desenvolve lentamente. Assim, no seu primeiro estágio impõe uma precaução muito grande. Quando a doença atinge o organismo, começa daí a se manifestar sob a forma de zumbido nos ouvidos, dores freqüentes de cabeça, etc.. O número de batidas do coração, nessas ocasiões sobe de dia para dia, sendo que o paciente começa a sentir falta de ar e os seus tornozelos começam a aumentar de inchação.

**O QUE PROVOCA O AUMENTO DA PRESSÃO SANGUÍNEA?**

Em certas condições, quando já se manifestam os efeitos da supertensão, arterial, o organismo começa a produzir substâncias químicas que provocam o fechamento dos tubos que se incumbem de conduzir o sangue, e isso vem dar como conseqüência, mais emprêgo de energia por parte do coração, para expulsar o sangue do organismo. A supertensão manifesta-se sob a forma de esclerose.

A supertensão é moléstia que requer o máximo de cuidados, tanto por parte do paciente como dos que o cercam. Muitos e muitos casos há em que os próprios pacientes são responsáveis pela sua morte.

Dentre muitas das regras que devem ser seguidas à risca pelo enfêrmo de pressão arterial, destacam-se: comer pouco, especialmente comidas excitantes como pimenta, pickles, etc., dormir bastante, repousar depois de qualquer trabalho, tanto físico como intelectual, não fumar, não tomar café nem chá forte, não permanecer muito tempo em praias ou sob qualquer outra espécie de exposição aos raios solares. As mulheres, além dessas normas, não devem também permanecer sob a influência de aparelhos elétricos para ondulações do cabelo.

**EXCLUSIVIDADE DA IPA — "REVISTA DA SEMANA"**

---

REPRODUZIMOS neste local a informação que sistemàticamente vem sendo publicada no expediente desta revista: **"O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicamos colaboração solicitada pela redação".**

Essa advertência precisa ser ratificada quando chega ao nosso conhecimento que elementos estranhos, ou que não mais pertencem ao nosso corpo de colaboradores, estariam procurando entidades para serem entrevistadas, assegurando que suas reportagens serão publicadas em nossas páginas. **Os colaboradores desta revista estão munidos de credencial com data periòdicamente renovada, cuja exibição deve ser exigida pelos interessados.**

## NESTE NÚMERO


REPORTAGENS

Defende-se o homem dos pedalinhos (Carlos Tenório) .................. 5/9
Bilac revelou o poeta Leal de Souza (Armando Pacheco) .................. 10/11
Grenada — um paraiso nas Antilhas (T. Orda) .... 16/19
Uma por tôdas, tôdas por uma (Sabino Canalini) . 25/29
Simbolo de felicidade (Abdias Rodrigues) ........ 32/35

LITERATURA

Rio — êsse quase desconhecido (Celestino Silveira) .................. 3
Semana Literária (Edmundo Lys) .................. 12/13
A Vida de Maria Stuart (Henry-Dana Lee Thomas) .................. 15
O amor também se reparte (Márcio Pinto) ......... 24
A Linda Dona Inês ...... 54

SEÇÕES PERMANENTES

A Semana em Revista .... 4
Personagem da Semana .. 4
A Saúde do Bebê (D. Sabóia Ribeiro) .......... 48
Música (Roberto Lyra Fº) 49
Palavras Cruzadas ........ 50
Puxe pelo cérebro ........ 51
Tudo isto aconteceu ...... 56/57

HUMORISMO

Pecado (Nicodemus) ...... 20
Bom-Humor .............. 36

FOLHETIM

Lorinda, a bailarina apaixonada .................. 53

CINEMA

"Frei Luiz de Souza" ..... 21/23

ATUALIDADES

A Bandeirante é uma Irmã 14
Mapa da Coréia .......... 30/31

FEMININAS

Modelos Duas-Peças ...... 37
Blusas e Boleros ........ 38/39
Modelos para viagens ..... 40
Renda .................... 41
Tôdas as horas ........... 42
Algodão .................. 43
Tailleurs estampados ..... 44
Dois novos modelos ....... 45
Week-End na Cozinha .... 44/45


ILUSTRAÇÃO:

H. da Cunha

BONECOS:

Rafael

FOTOS:

Sabino Canalini — Walter Morgado — Aquilino Mendes — IPA — Avulsas.

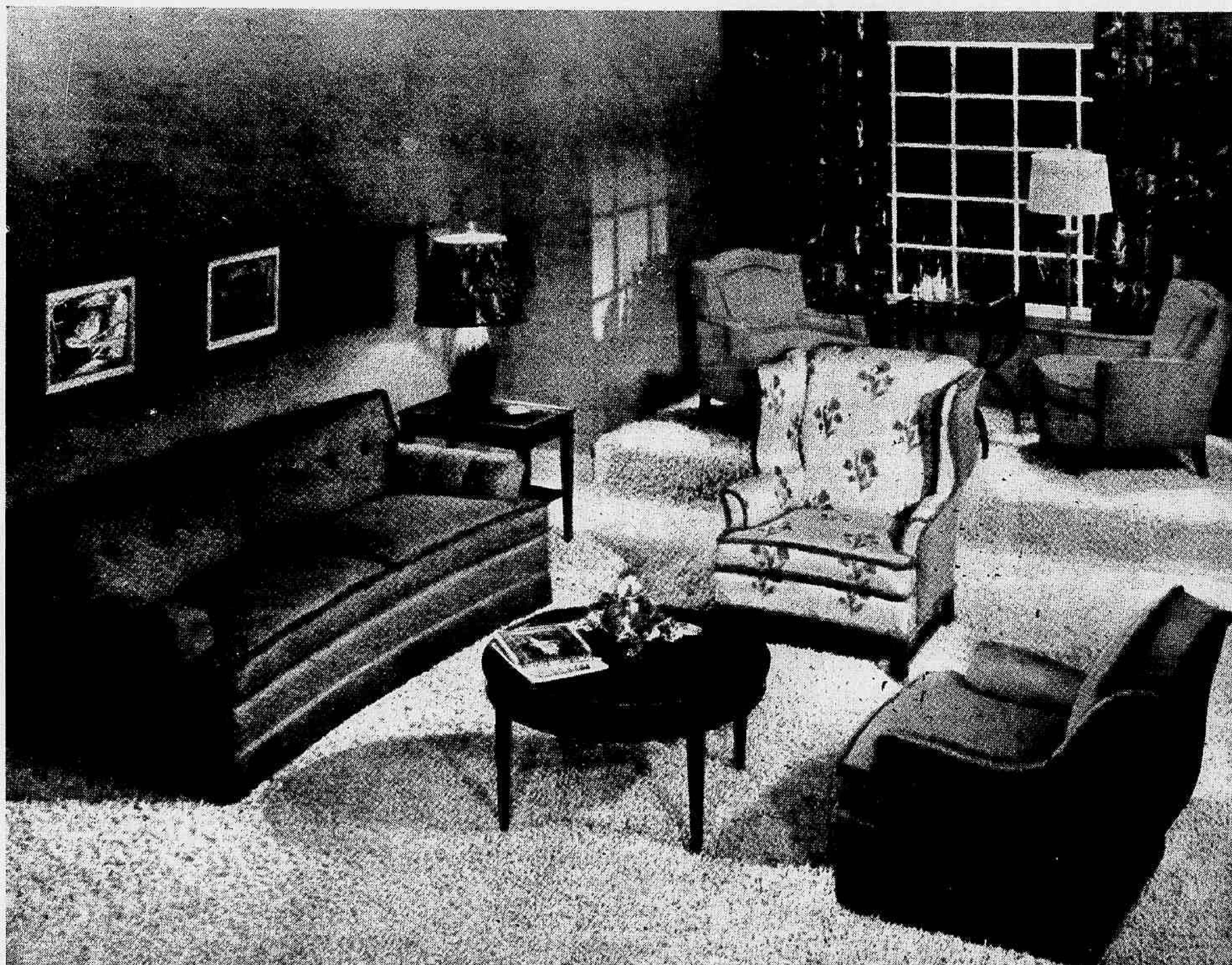
★

NA CAPA

*Peggy Castle*
(Universal-International)

## RESPOSTAS AO TESTE

1 — Cem gramas.
2 — Fevereiro de 1961 não terá lua cheia.
3 — Esmoler.
4 — 14 de novembro de 1905.
5 — Ao Uruguai (ao ser anexado ao território do Brasil).
6 — Natural de Madagascar.
7 — Platão.
8 — Vinte mil.
9 — Trinta metros.
10 — Na América do Sul (Guiana)
11 — Tamoios.
12 — Estácio de Sá.
13 — Sessenta.
14 — Um santo (Santo Inácio de Loiola).
15 — Ao Padre Anchieta.
16 — Os franceses.
17 — Martim Soares Moreno (um forte e uma ermida).
18 — Em quatro (Bahia, Pernambuco, Maranhão e Amazonas).
19 — Manuel Borba Gato (Em Sabarabuçu, começos de 1700).
20 — Alexandre de Gusmão.



# MOBILIÁRIOS E DECORAÇÕES

Orçamentos executados por técnicos especializados

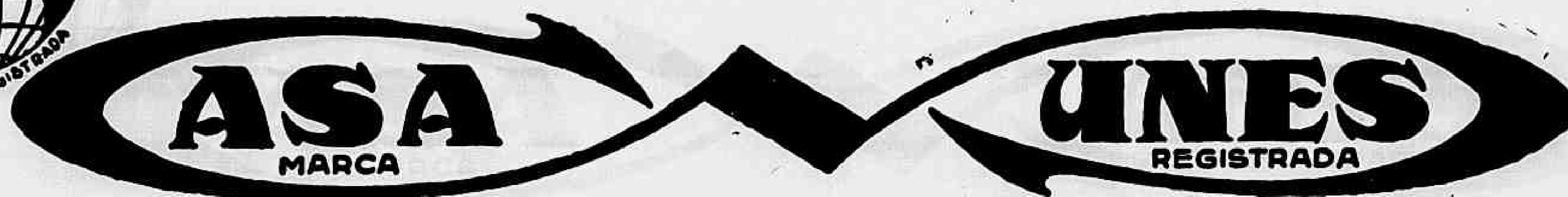
# GRUPOS ESTOFADOS

para entrega imediata

TAPETES E PASSADEIRAS de todo o mundo,

fabricados especialmente para a




65 - RUA DA CARIOCA - 67 - RIO



# Onde se divertem pessoas de bom gosto...

## aí se encontram os cigarros Hollywood

*No Grande Hotel, em Guarujá, paraíso de férias da sociedade paulista.*

Fugindo do borborinho da Capital, a sociedade paulista encontra em Guarujá a atmosfera ideal para as férias ou para um week-end... Em Guarujá, e onde quer que se reunam pessoas de bom gosto, V. encontrará Hollywood, o cigarro que é uma tradição da sociedade brasilcira. Fumos escolhidos e hàbilmente combinados deram a Hollywood esta extraordinária reputação — e V. simplesmente não pode deixar de pertencer ao grupo elegante dos que fumam Hollywood.




*cigarros*

# Hollywood

*uma tradição de bom gosto*

Companhia de Cigarros **SOUZA CRUZ**

H-88.059